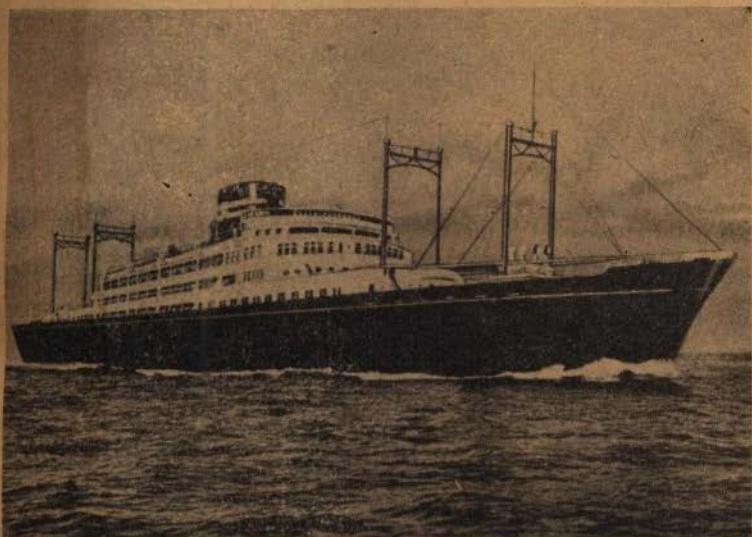


Viagens á volta do mundo

pelos navios ŌSAKA SYŌSEN KAIKYA



N/M HōKOKU MARU

(Sahindo do Rio em 22 de Setembro na sua viagem inaugural)

O N/M HōKOKU MARU, o primeiro dos tres navios novos do nosso Serviço Africano, fará escalas em varios portos no Sul e no Este da Africa, no Proximo Oriente e no Japão, sendo que o regresso poderá ser feito via Los Angeles e Panamá no N/M BUENOS AIRES MARU ou no N/M RIO DE JANEIRO MARU. Os dois outros navios novos, os N/Ms. KōKOKU MARU e AI-KOKU MARU, entrarão em serviço durante o proximo ano de 1941.

Os N/Ms. BRASIL MARU e ARGENTINA MARU continuarião fazendo os cruzeiros á volta do mundo, com escalas em Trinidad, Panamá, Los Angeles, Japão, Proximo Oriente e Africa do Sul.

SOC. DE NAVEGAÇÃO OSAKA DO BRASIL LTDA.

SANTOS: Rua Cidade de Toledo, 31 — Tel.: 3178.

SÃO PAULO: Rua da Quitanda, 82-4.º andar — Tel.: 2-4485

RIO DE JANEIRO: Agentes Wilson Sons & Co. Ltd.

Av. Rio Branco, 37 — Tels.: 23-5988 e 43-3569

CASA BROMBERG

Aços - "WIDIA" KRUPP

Estacas de aço KRUPP

Estructuras metallicas

K R U P P

para hangars e pontes



Machinas em geral

Projectos e Installações

completas para Fabricas



Bromberg & Cia.

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO

AVENIDA TIRADENTES, 32

RUA GENERAL CAMARA, 64



INDANTHREN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE OLIVA, a tricoline cinzenta, a MESCLA e as LO-NAS, para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHREN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHREN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e
resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e
Marinha

Machinas Piratininga Ltda.

Engenheiros Mechanicos Fabricantes Especialistas de:

MACHINAS EM GERAL

Instalações completas para Mandioca,
Algodão, Oleos, Industrias Chimicas.

Estruturas e Construções Metalicas.

Seccadores, moinhos, peneiras, elevadores, trans-
portadores pneumáticos ou mechanicos, arrasta-
deiras, empilhadeiras, guindastes, apparelos
para carga e descarga em geral.

Ventiladores, aspiradores, conductos, valvulas
apparelos para condicionamento de ar.

Prensas para todos os fins, bombas hidráulicas,
tanques, depositos, autoclaves.

Tornos, machinas, operatrizes, transmissões polias, eixos, mancaes.

ESCRITÓRIOS E FÁBRICA COM FUNDIÇÃO:

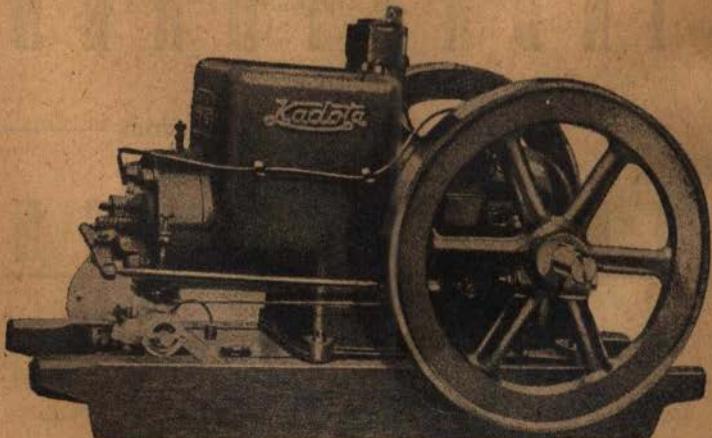
RUAS EDUARDO GONÇALVES, 38 e BORGES DE FIGUEIREDO, 973

Telephones: 2-5857 e 2-5858 — Caixa Postal 4060 — Telegrammas "ZAPIR"

SÃO PAULO

FEDERAÇÃO INDUSTRIAL DO JAPÃO

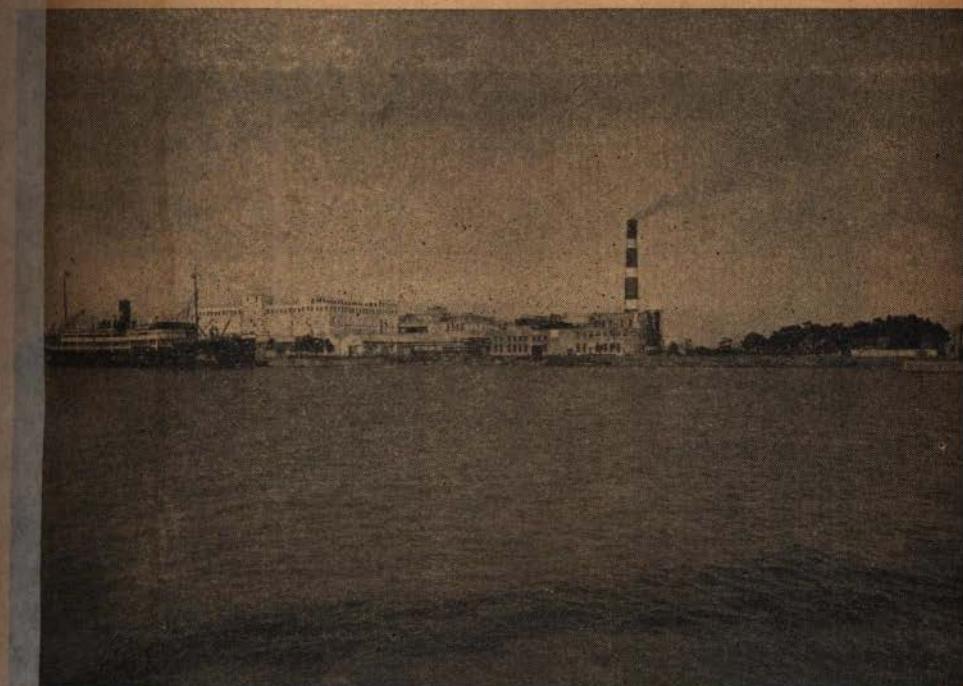
Caixa Postal, 4058 — São Paulo
Edif. — BANCO DE SÃO PAULO



Órgão de informações e consultas sobre negócios internacionais

COMPANHIA SWIFT DO BRASIL S. A.

Rio Grande — Rio Grande do Sul — Brasil



Matadouro frigorífico, fabrica de xarque e conservas e industrias conexas.

Capacidade de matança diaria :

Vacuns	2 000
Ovinhos.....	500
Suinos.....	500

Matança do ano de 1939 :

Vacas.....	34 689
Novilhos.....	173 056
Terneiros.....	19 810
Carneiros.....	13.447
Cordeiros.....	26.811
Suinos	41.803
Aves.....	4.635

Numero de empregados : 3.800

Folha de pagamento mensal — media deste ano : 1.300.000\$000

AS GRANDES REALISAÇÕES
— DA —
ENGENHARIA NACIONAL



TUNEL 10 DA LINHA MAYRINK A SANTOS
(Estrada de Ferro Sorocabana)
CONSTRUIDO POR
NESTOR DE GÓES & CIA.

MATTE LEÃO



USE E ABUSE
Já vem queimado

Cuidado com as imitações

Carlos Hoepcke S/A

Florianopolis - Santa Catharina - Brasil

Endereço telegraphico: HOEPCKE

Codigos:

A B C 4^a, 5^a, IMPROVED & 6^a. EDIÇÃO CARLOWITZ, BENTLEY.

PIRCO MASCOTTE 1^a, 2^a, RUDOLF MOSSE, RIBEIRO, BORGES.

**Filiaes em: Blumenau, Cruzeiro do Sul, Joinville, Lages, Laguna, São Francisco —
Mostruario permanente em Tubarão.**

Fazendas :- Ferragens :- Drogas :- Machinas

Colin & Cia. Ltda.

FABRICA DE

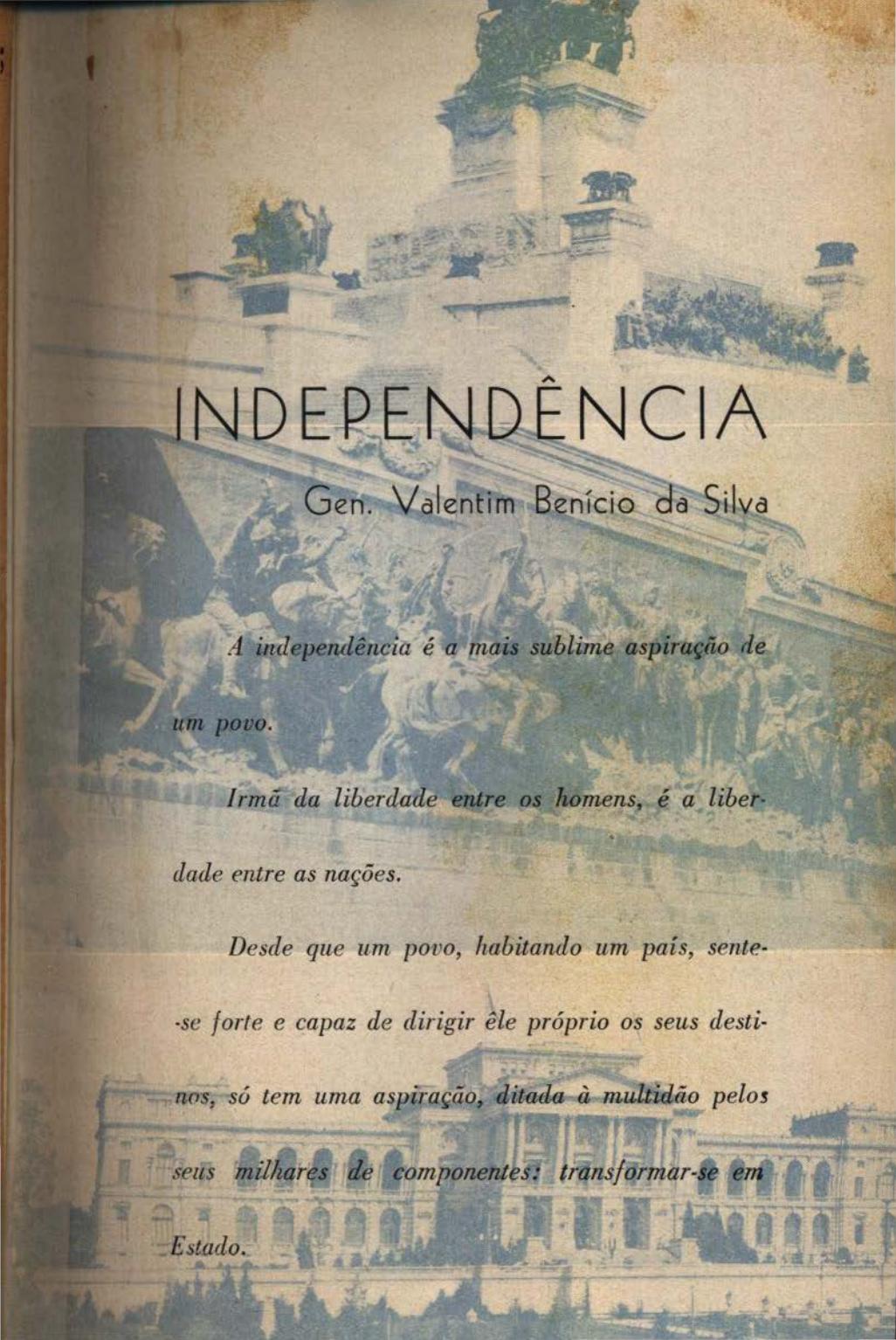
CORREIAS PARA EQUIPAMENTOS
MILITARES

Cadarços : Presilhas : Enfeites : Galões :

Endereço Telegrafico "COLIN"

Caixa Postal, 45

JOINVILLE
SANTA CATARINA



INDEPENDÊNCIA

Gen. Valentim Benício da Silva

A independência é a mais sublime aspiração de um povo.

Irmã da liberdade entre os homens, é a liberdade entre as nações.

Desde que um povo, habitando um país, sente-se forte e capaz de dirigir êle próprio os seus destinos, só tem uma aspiração, ditada à multidão pelos seus milhares de componentes: transformar-se em Estado.

Quer tenha sido o domínio de uma nação forte sobre um povo primitivo; quer tenha sido o deserto povoado por um grupo rudimentar ou adiantado; quer seja ainda o guante da tirania que tenha reduzido à escravidão um povo imbele — quando a posse do solo e a energia das massas ditam a lei suprema, é a independência o brado incontido que ressoa e ecoa, explosão de ideais oprimidos, expansão de sentimentos que se multiplicam e evolam sugestionando as multidões.

E não há como conter a ânsia de independência nos povos. Só um imperativo é capaz de extinguí-las: a morte, o aniquilamento.

Conquistada a independência, surgem para a nação livre as mais graves responsabilidades, os mais assombrosos obstáculos.

No concerto das nações não basta ser livre; é preciso ser soberano.

E soberania é organização, é trabalho, é riqueza, é civilização, é justiça, é ciência, é arte, é indústria e, tudo isso congregado, é, em síntese — força.

Sem força a independência é miragem, a soberania uma hipérbole.

Assim tem sido em todos os continentes. Assim foi na América do Sul nos albores do século XIX. Assim foi no Brasil em 1822.

O movimento veio no momento oportuno. O ambiente era propício. Os elementos essenciais — terra, povo e governo — estavam prontos para a sublime eclosão. A independência fez-se sem dificuldades, como ato natural, como consequência das circunstâncias longamente acumuladas, intimamente consolidadas.

Foi um grande bem. Mas dêsse grande bem adveio-nos um grande mal.

ma de riquezas incalculáveis e ostensivamente ambicionadas.

O tesouro é enorme e por isso mesmo enormes são as nossas responsabilidades.

O mundo convulsionado é para nós expressiva advertência.

E certo que estamos despertos. Mas isto não basta. O nosso estado de alerta precisa ser eficiente. Não é com palavras que se crea barragem à torrente. E' preciso realizar.

Realizar no trabalho eloquente das escolas; no silêncio dos laboratórios; no labutar quotidiano da burocracia imprescindível; no pesado labor dos campos; na atividade das máquinas; no civismo do povo; na instrução militar; no aparelhamento bélico; no cultivo da moral; no apuro dos costumes; realizar nas ciências, nas artes, nas indústrias; realizar com uma única e superior finalidade: integridade nacional.

Mas nada disto se fará se não formos militarmente fortes. E' isso que a sociedade percebe; e é por isso que ela nos estimula com a sua simpatia, com o seu aplauso, com a sua confiança.

Certo, a força necessária não será acumulada sem dispêndio de energias: energias nossas, no trabalho, na inteligência, na disciplina, no espírito de sacrifício, no sentimento de renúncia; energias da própria nação, nos enormes capitais consagrados ao aparelhamento bélico, no serviço militar, na colaboração exigida sob múltiplas modalidades.

Mas essa força se multiplicará. Sob sua proteção, tranquilamente surgirão e crescerão outras e outras fontes de energia.

E só assim, no empenho coletivo, na solidariedade nacional, sob a proteção de forças reais e eficientes, manteremos autônoma e soberana a Pátria que os nossos maiores fizeram independente em 7 de Setembro de 1822.

ma de riquezas incalculáveis e ostensivamente ambicionadas.

O tesouro é enorme e por isso mesmo enormes são as nossas responsabilidades.

O mundo convulsionado é para nós expressiva advertência.

E certo que estamos despertos. Mas isto não basta. O nosso estado de alerta precisa ser eficiente. Não é com palavras que se crea barragem à torrente. E' preciso realizar.

Realizar no trabalho eloquente das escolas; no silêncio dos laboratórios; no labutar quotidiano da burocracia imprescindível; no pesado labor dos campos; na atividade das máquinas; no civismo do povo; na instrução militar; no aparelhamento bélico; no cultivo da moral; no apuro dos costumes; realizar nas ciências, nas artes, nas indústrias; realizar com uma única e superior finalidade: integridade nacional.

Mas nada disto se fará se não formos militarmente fortes. E' isso que a sociedade percebe; e é por isso que ela nos estimula com a sua simpatia, com o seu aplauso, com a sua confiança.

Certo, a força necessária não será acumulada sem dispêndio de energias: energias nossas, no trabalho, na inteligência, na disciplina, no espírito de sacrifício, no sentimento de renúncia; energias da própria nação, nos enormes capitais consagrados ao aparelhamento bélico, no serviço militar, na colaboração exigida sob múltiplas modalidades.

Mas essa força se multiplicará. Sob sua proteção, tranquilamente surgirão e crescerão outras e outras fontes de energia.

E só assim, no empenho coletivo, na solidariedade nacional, sob a proteção de forças reais e eficientes, manteremos autônoma e soberana a Pátria que os nossos maiores fizeram independente em 7 de Setembro de 1822.

À conquista atingida sem esforço seguiu-se desmedida confiança no organismo novo, ainda em formação.

E, ainda não preparados, surpreenderam-nos várias convulsões externas.

Por falta de aparelhamento dispendemos energias preciosas nas campanhas do Prata. E os resultados foram desproporcionais às nossas grandes possibilidades.

Quasi desprevenidos encontrou-nos a guerra que contra nós moveu o tirano Lopez. E as nossas energias empenhadas em pequenas doses custaram-nos uma formidável sangria que demorou cinco anos.

Para vencer campanhas internas tudo tem sido improvisado. E a unidade nacional vem sendo mantida a custa de vidas, riquezas, trabalho estérilmente consumidos.

E' certo que entramos a considerar com mais seriedade os problemas nacionais. Ainda não conseguimos corrigir, mas já focalizamos com desassombro os êrros acumulados.

O Exército, ou melhor, as Fôrças Armadas, nunca estiveram tão evidenciadas como no momento atual. De toda parte vêm-lhes manifestações de confiança, estímulos para que cumpram suas nobilitantes missões.

No Brasil elas nunca foram acatadas como no momento atual.

O despertar das nossas enormes energias latentes; o contraste da nossa terra ainda virgem com o esgotamento progressivo de outras regiões longamente trabalhadas; as possibilidades que se desdobram em face de ambições insaciadas; a extensão territorial, a benignidade do clima, a praticabilidade do modelado, a exuberância de riquezas naturais inexploradas, a possibilidade de multiplicá-las com pequeno esforço — tudo isso, acumulado em longos anos, constitue so-

A ligação tática entre as unidades durante a progressão ofensiva

Pelo Ten.-Cel. OCTÁVIO PARANHOS

Sub-Diretor do Ensino da Escola Militar

O ritmo da manobra, durante a progressão ofensiva, só pode ser perfeitamente assegurado, quando a ligação tática entre as unidades foi previamente estabelecida e executada com perfeição.

A permanência desta ligação, em todas as fases do combate, é um dos pontos mais delicados da montagem da manobra, e por isto mesmo, demanda um cuidado muito especial por parte do Comando, para a sua organização e de grande flexibilidade e espírito de iniciativa por parte dos executantes.

E, fato singular, é este um dos assuntos em que a nossa documentação é menos farta.

O Ten.-Cel. Octávio Paranhos — infante de escol — trata com igual proficiência e desembaraço tanto as altas questões que ensinou na E. E. M., onde foi Instrutor Chefe de Infantaria, como o detalhe, a minúcia dos problemas das pequenas unidades.

O assunto é tratado aqui, portanto, por mão de mestre.

Como realizar a ligação tática entre unidades da ordem Regimento ou Batalhão, atuando lado a lado, cujo intervalo, entre elas, não seja, à priori, muito grande ?

Temos constatado que, nos exercícios de R. I. ou Btl., as disposições tomadas, em face de ordens recebidas do escalão superior, com o fim de manter a ligação tática entre estas unidades durante a progressão ofensiva, mesmo profunda, admitem, para toda a operação, um processo rígido: *o destacamento de composição física*.

O esquema habitual é um ou dois pelotões de fuzileiros com uma seção ou um pelotão de metralhadoras, retirados de uma ou de ambas as unidades a ligar.

Tal modo de proceder só é admissível quando o ataque é pouco profundo e minuciosamente regulado, ou quando fôr efetuado num terreno organizado.

Empregado, porém, nas progressões profundas, num terreno cuja natureza varie à medida que se avança, com incidentes de combates imprevisíveis é *puro contrassenso*.

Exemplifiquemos. Acompanhemos a sua aplicação no caso de uma progressão de alguns quilômetros, obedecendo a uma ordem rígida, como a que se segue, e comumente expedida.

“A ligação entre o 1.^º e o 2.^º R. I., será garantida por um destacamento composto de 1 Pel. Fzo. e 1 Sec. Mtrs., fornecidos pelo 1.^º R. I.”.

Esta ordem é, geralmente, reproduzida pelos R. I. e Btl. que, várias vezes, a ela acrescentam:

“Esse destacamento marchará na altura dos elementos da cauda da Companhia da direita”.

A figura 1 materializa esta ordem.

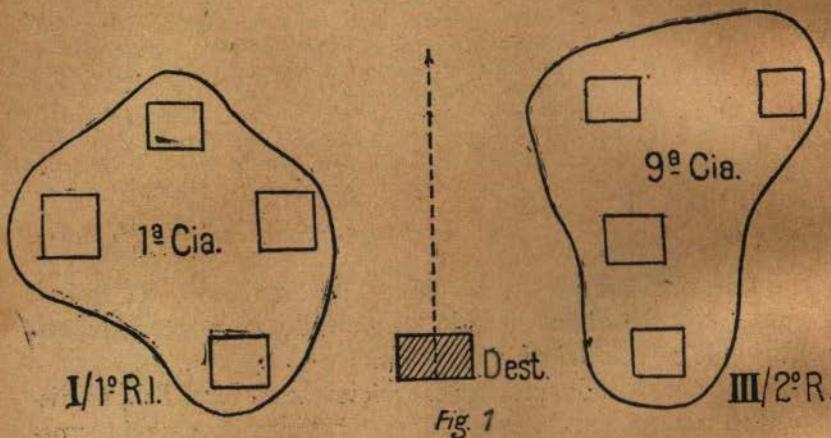


Fig. 1

Como se passarão as coisas?

a) — Suponhamos que dois batalhões, I/1.^º e III/2.^º R.I., partem juntos próximos um do outro e que o terreno é descoberto.

Pois bem, neste momento o destacamento de ligação é inútil, ou pelo menos, só se pode justificar a título de precaução para o futuro.

b) — Se, com o avanço, se produzir um intervalo entre os batalhões, de 300 ou 400 metros, ou se houver um pequeno atraso de um batalhão em relação ao outro, o destacamento de ligação poderá cumprir, convenientemente, a sua missão.

Se, entretanto, o III/2.^º R. I. progredir mais rapidamente do que o I/1.^º R. I., a prescrição: “o destacamento marchará

altura dos elementos da cauda da 1.^a Cia.", faliu, pois, será preciso que êle esteja na crista B, e não em A, para poder cumprir o seu papel. (figura 2)

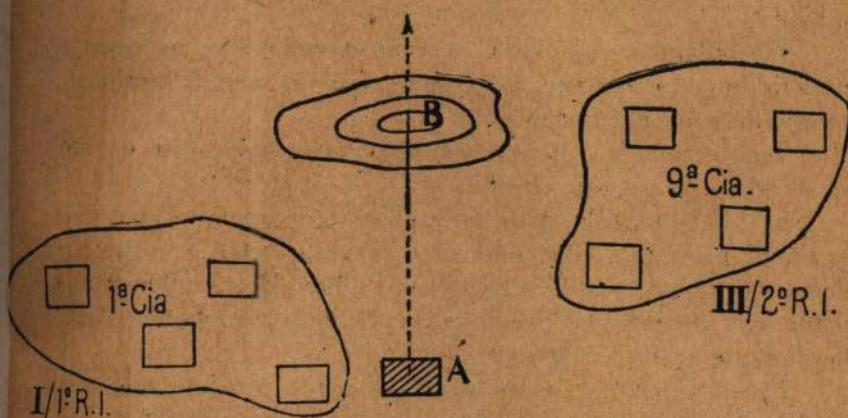


Fig. 2

c) — Admitamos que o movimento continue e que vamos atravessar uma região cuja vegetação é densa.

Nessas condições, o destacamento arrisca-se a não ter o efectivo suficiente para desempenhar a sua missão. Além disso, em tal terreno não necessitamos de metralhadoras.

d) — Num dado instante o I/1.^º R. I. é detido no seu avanço, enquanto que o III/2.^º R. I. prossegue no seu movimento.

Uma brecha crescente produz-se, e o destacamento torna-se deficiente para fazer face à situação.

Portanto, disposições rígidamente ordenadas para o destacamento em aprêço, no que diz respeito a sua composição e onde deve marchar, não correspondem, completamente, às situações variáveis, que surgem a cada passo.

A solução do problema deve ser, pois, procurada por outra fórmula, mais simples, dando mais responsabilidade e iniciativas.

Consiste ela em dar ao escalão subordinado a missão de assegurar a ligação, deixando-lhe a escolha dos meios e a oportunidade de seu emprêgo.

Assim sendo, a ordem da Divisão, por exemplo, diria, simplesmente, que o 1.^º R. I. delegaria esta missão ao I Batalhão. Este, finalmente, incumbiria a 1.^a Cia. dessa tarefa, pondo à sua disposição, à priori, se o terreno o exigir, uma fração de metralhadoras.

O Comandante da 1.^a Cia., com os meios que no momento possuir, tomará as disposições necessárias à medida que se desenrolem os acontecimentos.

Tomemos o caso já apresentado e suponhamos que os fatos se sucedem da seguinte forma:

a) — Na partida, nada fará, ou por precaução, ou para não se ter de preocupar constantemente com a questão, constituirá o destacamento encarado (1 Pel. Fzo. e 1 Sec. Mtrs.), cujo comandante será responsável pela ligação, ficando, entretanto, com liberdade de ação para garantí-la.

b) — Um pouco mais tarde, esboça-se um intervalo entre os dois Batalhões. Neste momento o Comandante da 1.^a Cia. organiza o destacamento, se ainda não o fez.

Para cumprir a sua missão o Comandante do destacamento instala em B (figura 3) a sua seção de metralhadoras. Isso será o bastante para algumas centenas de metros de progressão. Avançará porém, logo que seja oportuno.

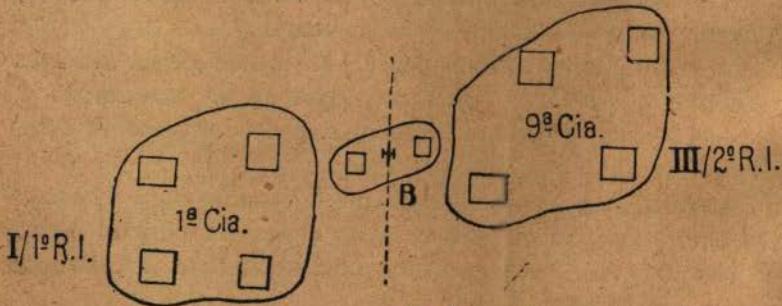


fig. 3

c) — Mais adiante o intervalo aumenta e os batalhões penetram numa região coberta de mato.

O Comandante do destacamento verifica que este é insuficiente para a missão. O Comandante da 1.^a Cia., por sua vez, res-

ponsável pela manutenção da ligação, reforça-o com mais 1 Pel. Fzo., tirando-lhe, porém, a Sec. de Metralhadoras que lhe seria inútil.

O destacamento de ligações penetra no mato com as suas unidades em pequenas colunas, ligadas entre si e com os vizinhos.

Progredirá, tanto quanto possível, no alinhamento C. D. (figura 4).

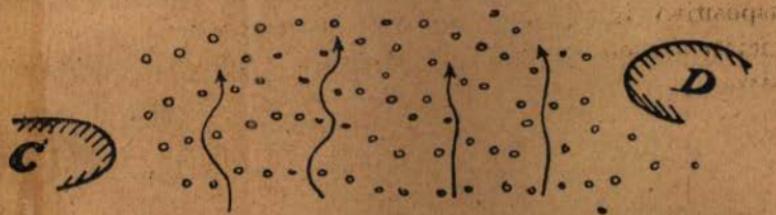


Fig. 4

Se, em face das circunstâncias — aumento dos intervalos, atraso de um batalhão em relação ao outro, etc. — o Comandante da Companhia sente que não mais pode arcar com a tarefa que lhe foi imposta, apela para o Comandante do Batalhão que, igualmente responsável em virtude da ordem do Regimento, tomará as medidas que o caso exigir; isto é, reforçar, em metralhadoras, a 1.ª Cia., ou empregar uma companhia reservada, se fôr o caso.

Todavia, se, logo após, êsse intervalo diminue, o retardo desaparece, o Comandante do Batalhão recupera-as.

Em resumo: Não é por uma medida preestabelecida, rígida, que se pode esperar bem cumprir uma missão que exige destreza, iniciativa, coordenação de meios variáveis (fogo e efetivos) em situações diversas, e sim, em cada escalão do comando, por um justo emprêgo de meios compatíveis com a missão a cumprir.

Por seu turno, o escalão inferior procura isentar o superior de qualquer preocupação, informando-o, constantemente, sobre a sequência da operação.

Não havendo faltas, a missão será sempre bem desempenha-

da, os meios serão proporcionais a cada situação e o escalão superior salvará quando a ligação estiver periclitando.

E', como se vê uma questão de comando.

Apresentando êste pequeno trabalho temos em mira chamar a atenção dos leitores para o seguinte:

— Na guerra, particularmente na de movimento, nenhum dispositivo rígido pode substituir missões bem dadas, execução e iniciativas inteligentes, adequadas às situações constantes variáveis.

■ Aproveitamento total do tempo ■

Pelo Cap. ARY LOPES

A procura das soluções para os problemas de nossa profissão é, sem dúvida, preocupação das mais úteis. Por isso mesmo é louvável.

Temos visto numerosos documentos, práticos e muito interessantes, organizados para facilitar o trabalho das unidades e sub-unidades e dos quais carece o Exército. Entretanto ficam êles, geralmente, ocultos nas dependências em que nasceram, quando a nossa Revista seria bom veículo para sua divulgação. E não é só. A atividade militar é essencialmente variável com as condições de uma para outra guarnição. Assim é possível que a solução de um problema em determinado corpo não sirva para todos os outros. Mas, observações provindas desses outros com a cortezia do espírito de cooperação, poderão conduzir a soluções quasi perfeitas. Seria, por si, mais um passo para a tão desejada padronização.

Dentro dessas idéias apreciamos o trabalho "Aproveitamento total do tempo" de autoria do Cap. Ary Lopes.

Naturalmente o "Deslocamento de ida e volta" não será de 30 minutos em todos os corpos, assim como talvez nem todos concordem com que, na prática, bastem os 6 minutos previstos para o tempo de "Perda nos revesamentos". Daí não vai, todavia, a se obscurecer a importância do "tempo útil" na instrução dos conscritos a curto prazo, nem a possibilidade de bem atendê-la com o método das oficinas, perfeitamente de acordo com os modernos processos de trabalho em todos os ramos de atividade e compatível com a mentalidade dos elementos constitutivos dos nossos contingentes, pela especialização de certos elementos em determinados assuntos, também atende à situação dos nossos quadros, normalmente desfalcados.

— N. M.

* * *

Sendo o tempo uma unidade irreversível, precisamos aproveitá-lo totalmente e não esperdiçá-lo por negligência ou ignorância.

Título de exemplo de como se pode chegar a um rendimento bom, aproveitando os últimos minutos de uma jornada, tomemos uma manhã de "tiro", das 7,00 às 10,30 e nestas três horas e meia, isto é, nestes duzentos e dez minutos, vejamos o que podemos fazer, dentro da concepção moderna de pedagogia — "REALIZAR SEMPRE DEVERES AGRADÁVEIS" — isto é, tornar as sessões dentro de uma sucessivi-

dade alternada e variada, agradável e divertida pelos imprevidos que encerram, em tempos psicológicamente mínimos, atendendo naturalmente ao grão de desenvolvimento a que chegou o meio que se vai instruir.

Como toda instrução tem sua fase de elaboração mental, que é traduzida numa ordem de idéias lógicas, pois nela concurreram todos os fatores de julgamento para a decisão, — DOSAGEM E ENTROSAGEM DOS ASSUNTOS — como sejam: “Até que ponto chegamos neste ramo ou naquele da instrução?” “Qual o resultado obtido?” As demais instruções que têm relação estreita com a prevista foram abordadas suficientemente?” “O material de que se dispõe é bastante, necessário, suficiente ou falta?” “No caso de faltar como acomodar os meios disponíveis com a instrução prevista?” “Inúmeras são as questões que ocorrem a um Cmt. de Cia., que normalmente vence obstáculos enormes para poder, nos quinze minutos, que muitas vezes é a duração numa “OICINA”, dar uma idéia concreta do que tem em vista ensinar e o fim a obter.

Vivamos um caso concreto, um caso comum. Para isso vamos ao programa do Cap. e copiemos a servidão imposta para esta jornada.

Ei-la:

7,00 — 10,30 — TIRO — Oficina 1

Execução do tiro real à distância reduzida (180 minutos).

ARMAMENTO — Oficina 2

- a) Metralhadora — Desmontagem — Remontagem — Com máscara, tomados o tempo. (30 minutos) — Sub-of. 2a.
- b) Granadas — Desmontagem e Remontagem da espoleta. Funcionamento e incidente. (30 minutos) — Sub.-of. 2b.

INSTRUÇÃO GERAL — Oficina 3

- a) Hierarquia militar no Exército até Coronel. Comandos correspondentes a esses postos. (30 minutos) — Sub. of. 3a

- b) Quais as armas e serviços. Distintivos de cada um. (30 minutos) — Sub-of. 3b.

PROTEÇÃO CONTRA GASES — Oficina 4.

- a) Colocação, ajustagem e retirada da máscara Brasileira. (30 minutos) — Sub-of. 4a.
- b) Característicos de alguns agentes químicos e seus efeitos. (30 minutos) — Sub-of. 4b.

DESLOCAMENTO —

De ida e volta, ao stand. (30 minutos)

Temos assim os elementos para realizar a instrução pois se o Cap. previu tudo que ficou acima escrito, sobejas razões ele teve para isso. Montemos a nossa máquina, uma vez que suas peças aí estão.

Com um compasso ou níqueis de diâmetros diferentes fazemos os seguintes esquemas: (vide anexo n.º 1)

Vamos explicar o funcionamento desse esquema:

(1) **Tempo disponível:**

a)	Deslocamento de ida e volta	30 min.
b)	Instruções (ramos)	174 min.
c)	Perda nos revesamentos	6 min.
Soma		210 min.

(2) **Distribuição do tempo — 174 minutos:**

- a) Oficina n.º 1 — 180 minutos. Esta oficina funciona independente das demais, por isso não está prevista na distribuição dos 174 minutos uma vez que seu funcionamento será por alimentação das demais oficinas.
- b) Oficinas ns. 2, 3 e 4 — 58 minutos cada uma.
- c) As oficinas 2, 3 e 4, se dividem cada uma em duas sub-oficinas.

Somemos os tempos sem levar em consideração a oficina n.º 1, que já dissemos funcionar por alimentação, como explicaremos mais abaixo e temos:

$$\text{Of 2} + \text{Of. 3} + \text{Of. 4} = \text{Sub-Ofs. } (2a + 2b) + \text{Sub-Ofs. } (3a + 3b) + \text{Sub-Ofs. } (4a + 4b) = 58 + 58 + 58 = 3 \times 58 = 174 \text{ ms.}$$

SITUAÇÃO INICIAL — São chamados em primeiro lugar para o tiro, os que estão de serviço, os que estão matriculados nos diferentes cursos, os que vão a enfermaria, os que estão atrasados por não terem satisfeito as condições de passagem nas sessões anteriores e finalmente tantos quantos são necessários para se ter um homem atirando e um à sua retaguarda esperando, atrás do alvo para o qual o Ten. o designou.

Sendo assim, os elementos fornecidos para a oficina 1, provêm das oficinas 2, 3 ou 4 quando são chamados, dizendo-se por isso que esta oficina se alimenta das demais.

PROCEDIMENTO DA PRAÇA AO SER CHAMADA — Responde em voz alta, e se dirige para a Sub-oficina n.º 1a (distribuição do armamento, onde um graduado com o **Quadro de distribuição dos fuzis**, controla o n.º do fuzil que a praça disse, com o que lhe foi distribuido), recebeu seu fuzil de tiro e munição, apresentando-se ao Ten. que lhe diz o alvo e o monitor indica o lugar, observando-lhe como medida de precaução, que a arma só será carregada quando tomar posição para atirar.

NOTA 1 — Dada a precariedade de sargentos e cabos, não levaremos em conta aqui o que prescreve o n.º 24 do anexo V do R.T.A.P. 1.^a parte, se não no que fôr estritamente necessário, atendendo-se que outras instruções estão se realizando simultaneamente com a de tiro e que elas também absorvem monitores.

Depois de todos terem atirado, os fuzis são entregues e os estojos também, na sub-oficina 1b, (limpeza e depósito) onde os homens, de ante-mão designados procedem a guarda dos estojos e a limpeza dos fuzis; enquanto isto, o Ten. por um sinal prèviamente combinado (não havendo telefone em-

prega-se corneta ou apito, mas convém que o sinal combinado neste caso, seja sempre o mesmo), avisa o marcador que pode sair da trincheira e cada atirador vai se postar a um metro (1,06) à frente do alvo em que atirou; à proporção que o marcador fôr levantando o agrupamento ou o tiro ao alvo e registrando os resultados na ficha de cada um, os atiradores vão fechando os seus impactos e se encaminhando para a oficina ou Sub-oficina a que pertencem no momento. Ao último que se retira, corresponde o sinal dado pelo Ten. para o início do tiro da outra turma que se acha em posição.

ORGANIZAÇÃO DAS OFICINAS EM SARGENTOS, CABOS E SOLDADOS — Não sendo possível a instrução por frações constituidas, dada a falta de monitores absorvidos pelos diferentes serviços, cursos e etc., apresentemos a seguinte solução que tem provado resultados excelentes:

“Divide-se a Cia. em três partes em que cada terço representa uma oficina (se fossem quatro os assuntos da jornada além do tiro, dividiríamos em quatro partes), sob a chefia de um monitor. As turmas das oficinas divididas em duas, formam as Sub-oficinas chefiadas por graduados. Se cada oficina comportasse dois ou mais assuntos, ela poderia ser dividida em duas ou mais Sub-oficinas. Façamos um balanço rápido dos quadros:

1 Ten. Instrutor.

Of. n.º 1 — 1 Sgt. de tiro

1 Graduado chefe dos marcadores.

1 Cabo de material bélico, responsável pela distribuição do armamento, munição e limpeza.

1 Soldado auxiliar, o da Cia.

3 Soldados antigos (de preferência coroneiros), na distribuição e limpeza.

x Soldados atiradores igual ao dôbro do número de alvos.

Of. n.º 2 — Chefe 1 Sgt.

Sub-oficina 2a — 1 Cabo.

Sub-Oficina 2b — 1 Cabo.

Of. n.º 3 — Chefe 1 Sgt.

Sub-oficina 3a — 1 Cabo.

Sub-oficina 3b — 1 Cabo.

Of. n.º 4 — Chefe 1 Sgt.

Sub-oficina 4a — 1 Cabo.

Sub-oficina 4b — 1 Cabo.

O papel dos monitores em cada oficina, será de inicialmente dar a instrução e depois controlar interferindo mesmo nas Sub-oficinas, tôdas as vezes que êle achar que o graduado não está realizando como de inicio êle fez, também por perguntas aos instruendos para avaliar a compreensão e mantê-los em constante atenção.

Comparando o número de Tens., Sgts., e Cabos exigidos nesta instrução e o que deve ter orgânicamente uma Cia. vemos que é exíguo o número de que lançamos mão ou sejam: 1 Ten., 4 Sgts., 7 Cabos e 3 soldados antigos.

REVESAMENTO — Ele está indicado no sentido da seta cabendo a cada oficina 58 minutos e às Sub-oficinas 28 minutos.

SINAL DE REVESAMENTO — O geral, dado pelo Ten. por sua lembrança ou por um dos Sgts. chefes de oficina; o interno (entre as Sub-oficinas) dado pelos Sgts.

PROCEDIMENTO NO REVESAMENTO — Ao sinal dado, o Sgt. ou Cabo reune sua oficina ou Sub-oficina e troca, dentro da ordem que êles conhecem desde o dia anterior, quando foram reunidos pelo instrutor para tomarem conhecimento e explicação dos detalhes ou dúvidas da instrução do dia seguinte, o sentido que no anexo n.º 1 está indicado pela direção da seta.

NOTA 2 — A troca será sómente de pessoal.

NOTA 3 — No dia anterior o Cap. tomará as seguintes providências:

1) Na Cia. se no Regimento não foi centralizado para maior abundância do material num Departamento de tiro;

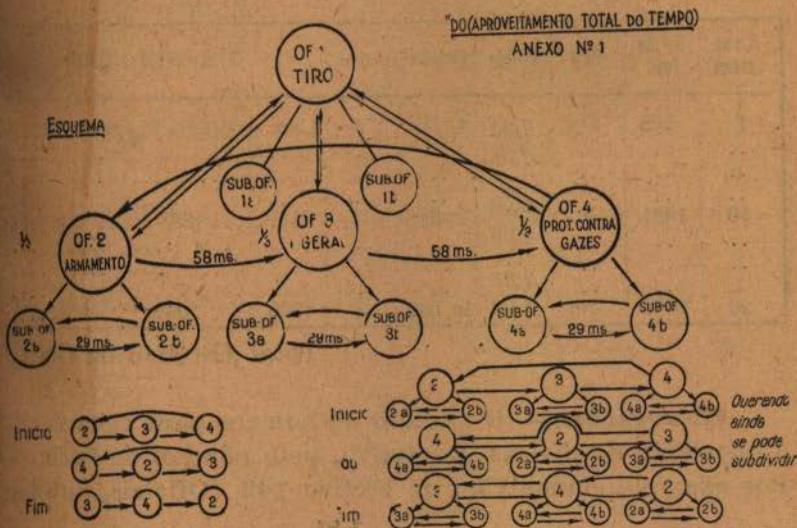
a) O número de alvos que vai precisar por espécie de tiro;

- b) Os suportes, os sacos de areia, os escantilhões, grandes e obreias.
- 2) Na Cia. :
- Com o Ten. — Uma relação segundo o modelo anexo n.º 2, da situação de tiro da Cia.
 - Um esquema (anexo n.º 1) da instrução a ser realizada, a que serviu para reunião dos monitores.
 - Com o sargento de tiro — Fichas em cartolina pois que não temos mais caderneta de tiro.
 - Lapis, papel, borracha, etc.

10º Regimento Infantaria

II Batalhão

Cia. de Metralhadora



- e) Com o cabo do material bélico — através do Sub-tenente — os 20 fuzis de tiro, limpos e separados nos Pels., ou seções, que serão levados e trazidos pelos seus efetivos detentores.

- f) Com o Sub-tenente — munição, material de limpeza (cordel, óleo, etc.) que deverá ser entregue ao cabo do material bélico.
- g) Com o Oficial de Dia — Entra em ligação para que a Cia. "avance" em primeiro lugar para o rancho.

NOTA 4 —

- 1) Após a instrução o Tenente passará uma revista no armamento, fará o controle da munição gasta e regressará ao Quartel, notificando na sua chegada, ao Capitão, qual o resultado obtido e registra sua instrução.
- 2) O Sub-tenente assistirá e fará entrega no Departamento daquilo que não pertence à carga da sub-unidade.

QUADRO N.º 1

N.º de ordem	N.º do Fuzil	Série	Calibre	Pertence	Calibre n.	DISTRIBUIÇÃO		
						1.º Pel.	2.º Pel.	3.º Pel.
1	508	Dd	7,00	1.º Pel.	5	Cap. Ary-Ten. Bragança-Tcn. X
..	7,01
10	1081	k	6,99	Seç.-Mort.	3	311	420	510
..	7,00
..	7,01
20	2090	Mm	7,02	Ser. Extra	2	1020	1046	1039

Total (Efetivo da Cia.)

Observações — O número de homens para cada fuzil é o quociente da divisão do efetivo, pelo número de fuzis. — Por exemplo: numa Cia. de efetivo 142 (Oficiais, Sub-ten.,

142

Sgts., Cabos e soldados) será: — = 7 e mais 2 homens, po-

20

deriam ser distribuídos para os fuzis de melhor calibre. Daí aparecerem 2 fuzis com 8 e os demais com 7 homens.

QUADRO N.º 2

T 1	311	1
T 3		0
T 4		0
T 5	313 — 315	2
T 7	318 — 319 — 330 — 331	4
T 8	304 — 306 — 307 — 308 705	42
T 9	Cap. Ary — Ten. Bragança — Ten. Roberto — Sub-ten. 710 — 711 1090 — 1091 — 3001 — 3004	x
T 10		0
T 11		0

Soma — (Ef. da Cia.)

Colaboram neste número:

Major FERLICH

Major BATISTA GONÇALVES

Major DURVAL DE MAGALHÃES COELHO

Major NILO GUERREIRO

Cap. J. H. DA CUNHA GARCIA

Cap.. PASTOR DE ALMEIDA



Lendo Laffargue

Pelo Cap. JOSÉ H. DA CUNHA GARCIA
Antigo instrutor da E. Aames

O Cap. Garcia, jovem escritor militar, cujos livros estão espalhados por todos os nossos quartéis, realizou uma prímosa conferência para os oficiais do 6.º R.C.I., em Alegrete, sobre dois excelentes livros do Comandante Laffargue — "Les Leçons du Fantassin" e "Les leçons de l'instructeur d'Infanterie".

Além do estudo crítico, traduziu e adaptou o que lhe pareceu mais prático e objetivo, para ser aplicado em nosso meio.

Lendo o seu trabalho, julgamos que élé devia ter maior divulgação, tal a sua utilidade para os instrutores e, desta forma, oferecemos as calunas da nossa Revista para sua publicação.

Laffargue é um infante francês, autor de diversos livros entre os quais "La bataille des yeux", "Les leçons de l'instructeur", "Le livre du fantassin", etc....

Ele é da opinião que se pode instruir também pela leitura e pela escrita. Acha que é deitarmos fora ótimos elementos não os aproveitando. Escreveu, então, um livro cheio de gravuras, que já é muito conhecido aqui, semelhante a êstes livros de alfabetizar que adotamos. Lá na terra dêste Laffargue, ou no seu Btl. o soldado recebe o livro como o nosso recebe aqui borzeguins e o tem consigo no alojamento.

Vê-se que Laffargue teve sua idéia na França, onde pode dizer-se, não há analfabetos.

O homem, no seu alojamento, na noite anterior a jornada de instrução, estuda, copia a lição que no próximo dia o instrutor vai ministrar-lhe no terreno (dedução da leitura de um dos livros citados).

Quanto às vantagens dêste processo, vós que instruís os candidatos a graduados, bem podeis avaliar — êles lêm, êles copiam...

Podíamos ensinar os nossos recrutas ou os nossos analfabetos, utilizando um livro como o de Laffargue, em que o homem aprendesse ao lado de ensinamentos técnicos, a leitura ou ao lado da leitura ensinamentos técnicos.

Mas, infelizmente, ainda um militar não se aliou com um professor para produzirem esta obra que nos traria grandes vantagens.

Passemos ao que pretendemos estudar, o

ABRIGAR-SE

O estudo da proteção contra os projétils está hoje nos hábitos da instrução, chega a ser quasi que a única forma que ensinamos. Porém esta questão de proteção mudou de importância após o aparecimento das granadas, do gás de combate e dos bombardeios de tôda a espécie.

Daí o estudo:

- A — Proteção contra os projétils de infantaria.
- B — Proteção contra os projétils de artilharia.
- C — Proteção contra os gases.
- D — Proteção contra os aviões.

A — PROTEÇÃO CONTRA OS PROJÉTIS DE INFANTARIA

I — **Valor dos acidentes do solo**, estudando particularmente, a espessura média necessária aos obstáculos.

Para êste exercício devemos escolher um terreno com muitos abrigos e cobertas, e, seria de grande utilidade a organização de exercícios de tiro contra obstáculos diversos com munições diferentes e a diferentes distâncias.

Há obstáculos que são abrigos contra uns projétils e não são contra outros.

Vejamos a espessura necessária conforme a qualidade do obstáculo:

- a) — terra vegetal (leiva não removida) a menos de 400 metros deve ter um metro e a mais de 400 metros 0, m5;
- b) — terra argilosa é menos resistente;
- c) — terra arenosa ou pedregosa é mais resistente;
- d) — árvores a grandes distâncias devem ter 0, m8 e a pequenas 1 metro;
- e) — feixes de capim grosso 5 a 6 m.;
- f) — cascalho 0, m40
- h) — aço 0 m,012.

Eis alguns problemas que se podem propor no campo de exercícios:

- 1 — O inimigo atira de tal direção — abriguem-se !
- 2 — O que dizes dêste abrigo ?
- 3 — Este abrigo te proteje contra projétils atirados daquele ponto (400 m) ?

Variar esta pergunta para diferentes obstáculos.

Passemos agora a

II — Influência da forma da trajetória.

Para esta instrução podemos aproveitar o lançamento de duas pedras, uma descrevendo uma trajetória curva e outra uma trajetória rasante. (Fig. 1 a).

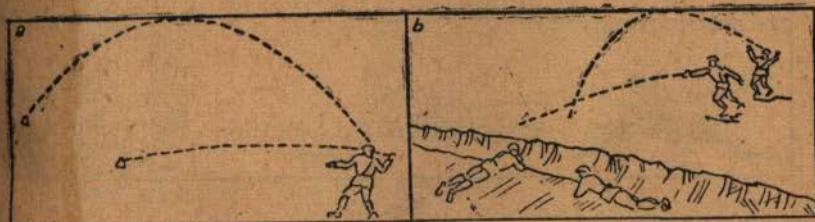


Fig. 1

Mostraremos a importância dos projétils lançados com trajetória curva para atingir pessoal atrás de obstáculos e observaremos o valor dos obstáculos diante das trajetórias descritas pelas pedras. (Fig. 1 b).

As pequenas distâncias a trajetória é rasante e qualquer obstáculo abriga; a bala de um atirador deitado a 400 metros não se eleva a mais de 0m,60. Fig. 2 a.



Fig. 2

As grandes distâncias a trajetória é muito curva, os pequenos abrigos não protegem, deve chegar-se bem aos abrigos. Fig. 2 b; no tiro a 2.400 m a bala se eleva a 80 m.

Alguns problemas

1 — Tomai um obstáculo baixo e inquiri: estais protegido de tiros partidos lá daquele ponto (± 800 metros) ?

2 — Mandai abrigar-se de tiros de tal ponto (perto) de tal ponto (longe).

Agora vejamos:

II — Proteção contra os ricochetes e as fusões

Para esta instrução devemos levar balas inteiras e meio fundidas.

Lança-se uma pedra ou um torrão contra um objeto duro qualquer — depois inquire-se.

Um projétil encontrando um corpo duro qualquer, ricocheteia ou se funde?

Devemos cobrir os corpos duros com terra, palha, etc. Figs. 4 e 5.

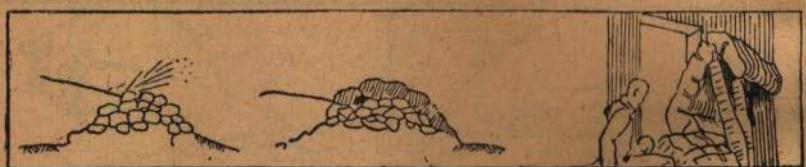


Fig. 4

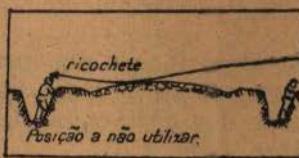


Fig. 5

Vejamos alguns problemas:

1 — Estais aqui (ao lado de um obstáculo duro, capaz de produzir ricochetes) utilizais êste abrigo ?

2 — Utilizai-o (não há outro), então o que fazeis ?

B — PROTEÇÃO CONTRA OS PROJÉTIS DE ARTILHARIA

I — Diferentes categorias de projétils.

Para saber proteger-se é necessário conhecer a natureza e os efeitos dêstes projétils.

Durante a guerra aprende-se por observação pessoal — e agora em plena paz ?

"Instrutores, não esperai que os bombardeios se encarem de instruir os vossos homens", diz o Cmt. Laffargue.

Muni-vos de uma coleção de estojos, projétils, fotografias, desenhos, projétils de madeira, etc.

Todos conhecis as granadas, os shrapenels e os projétils especiais pelo menos em figura, que podem ser tóxicos, fumígenos e incendiários. Fig. 6.

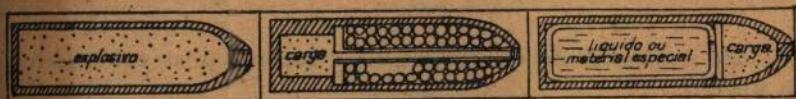


FIG. 6

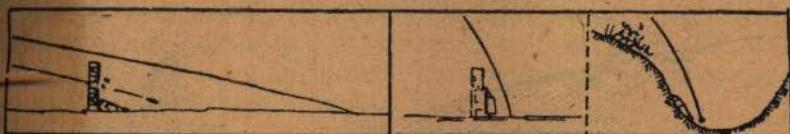


Fig. 7

II — Como chegam, como explodem e seus efeitos

Como chegam êstes projétils ?

Em trajetória rasante ou em trajetória curva (Fig. 7) : no primeiro caso não atingem adversários abrigados — atrás de obstáculos que não podem atravessar e no segundo são perigosos justamente contra êstes.

Como explodem ?



Fig. 8

— no ar

— por percussão. — Fig. 8.

Seus efeitos ?

(Da granada (1) — estilhaços. Fig. 9 (sôpro e moral).
Do shrapnel (2) gerbe ou feixe de balins. Fig. 10 (sôpro e moral).



Fig. 9

Há necessidade de concretizar o mais possível a forma do perigo.



Fig. 10

Por exemplo: — um pedaço de madeira com a forma de um projétil (granada) e com umas varas que se fincam na madeira representando a direção dos estilhaços. Quanto ao shrapnel, crava-se no chão também umas varas mostrando como chegam ao solo os seus balins. Nesta figura n.º 9 a letra a é o **golpe de machado**, muito perigoso para os ocupantes de uma trincheira; a letra b é o **golpe de foice** também muito perigoso em terreno plano e descoberto, mesmo para homens deitados; a letra c é o **golpe de enxada**, perigoso pelos estilhaços, movimento de pedras, etc.

(1) Arrebentando livremente no ar a granada produz 2 a 3 cones de arrebentamento

- o da ogiva (largura de 5 m. para o 75 e de 15 para o 155)
- o da culote
- o lateral (15 m para o 75 e 70 para o 155).

Estilhaços grandes podem ir

150m para a retaguarda

500m no 155

150m no 75.

(2) Destinado a ser empregado em tempo. O de 75 contém 290 balins, o de 105, 460 e o de 155, 416. Estes balins pesam 12 e 25 gramas respectivamente.

Quanto ao shapenel temos na figura 10 o **golpe em gerbe** ou em feixe, muito mortífero em terreno descoberto, porém atenuado para o infante pela proteção da mochila e para o artilheiro pelo escudo da peça.

Quanto aos efeitos morais, diz também o Cmt. Laffargue: é o **barulho**, o **volume** de explosão, a **velocidade de chegada** dos projétils que constituem os elementos essenciais da impressão moral.

O **estrondo** e o **sôpro** provocam inteira vibração do eter: parece que os órgãos e as células se partem, donde uma sensação de amolecimento geral tanto mais forte e prolongada, quanto mais forte fôr a explosão.

O volume de explosão parece dar a medida da potência mortífera do projétil.

Foi assim que as explosões dos primeiros projétils de grosso calibre produzindo grande nuvem de fumaça, pó, pedras, deram a sensação de que bastavam 2 ou 3 projétils para destruir uma coluna. A infantaria entrincheirada recuava como se o terreno estivesse minado.

III — Utilização e melhoria do terreno.

Para esta instrução devemos escolher terrenos apresentando taludes, fossos, trincheiras, cavidades em forma das de projétil de artilharia, muros, arvores, casas com e sem porão.

Fazer com antecedência neste terreno a organização de abrigos individuais, trincheiras para homem ajoelhado, de pé, nichos nos taludes, etc.

Como se fará a utilização ?

Terreno descoberto:

— utilização imediata: — deitar-se cobrindo-se com as peças do equipamento (o infante tem a mochila; — e nós?) Fig. 12 a.



Fig. 12

— melhoramento rápido: — cavar o solo. Fig. 12 b.

— completar: — organizar um abrigo fundo com nicho e obturá-lo com as peças do equipamento. Fig. 12 c.

Taludes, fossos e trincheiras:

— utilização imediata: — colar-se ao talude e cobrir-se com as peças do equipamento. Fig. 13 a.



Fig. 13

— melhoramento rápido: — arranjar uma coberta. Fig. 13 b.

— completar: — organizar um abrigo bem na base do talude, um nicho e obturá-lo com as peças do equipamento. Fig. 13 c.

Muro:

— utilização rápida e melhoramento como no talude;

— completar: organizar o abrigo. Fig. 14 a.

Mostrar o perigo que se corre apenas ficando atrás de um muro; mostrar a necessidade de organizar o abrigo para escapar aos estilhaços e pedras que caem.

Casa:

Colocar-se nas peças do fundo, no porão, ou atrás da casa (como atrás de um muro) de modo a que a primeira peça sirva de câmara de arrebentamento; organizar no interior abrigos cobertos com os móveis. Fig. 14 b.

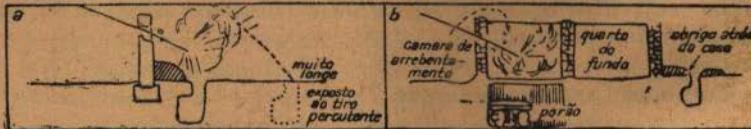


Fig. 14

Insistir na necessidade de deixar um quarto para câmara de arrebentamento.

Árvore:

Mostrar que um projétil de artilharia pode percutir de encontro a árvore; mas que um nicho nas raízes será bem fortificado por estas, devendo ser pequeno para não enfraquecê-la ou derrubá-la. Fig. 15.

IV — Como caem os tiros ?

Quer na ofensiva, quer na defensiva, como a infantaria, nós somos apoiados pelos tiros de nossa artilharia; estes podem constituir um perigo em certas circunstâncias. Podemos

também ser submetidos a rajadas como a tiros prolongados, donde a necessidade de conhecermos a forma e o efeito d'estes tiros, para ficarmos em condições de preservar-nos.

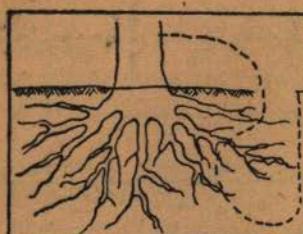


Fig. 15

Diz Laffargue "não crede que estas noções devem ser reservadas únicamente aos graduados: pensai que os graduados da guerra são os soldados da paz".

Fazei atirar muitas pedras sobre um objetivo e marcai os pontos de impacto; após umas 20 pedras, observai, inquirindo os homens sobre o que notam.

Levai-os a encontrar a noção de dispersão, a forma da zona de dispersão e a distribuição dos projétils nesta zona.

Os projétils não caem todos no mesmo lugar, mas se repartem numa zona chamada zona de dispersão. Fig. 16 a.

Os impactos são mais cerrados no centro. (3)

A zona de dispersão de uma peça é alongada (150 a 300 metros) e pouco larga.

Há dispersão tanto para os projétils em percussão como em tempo.

Como consequência destas observações se se recebe tiros de frente, desloca-se para um lado a-fim-de encontrar uma região menos exposta entre duas zonas de dispersão. Fig. 16b.

Se o inimigo toma a linha de enfiada, deve avançar-se. Fig. 16 c.

(3) Quanto às causas da dispersão da própria experiência com a pedra pode deduzir-se:

- I — O homem que atira a pedra não pode dar sempre o mesmo impulso.
- II — As pedras não têm o mesmo peso.
- III — O vento varia.
- IV — O homem que joga a pedra não tem a pontaria constante.

I — As cargas nunca são perfeitamente iguais.

II — Os projétils não têm exatamente o mesmo peso.

III — O vento varia.

IV — O apontador nunca aponta a peça nas mesmas condições.

A dispersão varia com o declive do terreno.

Numa subida (Fig. 17 a) a zona de dispersão é menor os impactos são mais juntos; donde estabelecer-se sobre un

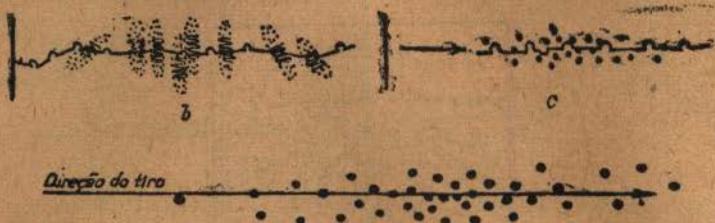


Fig. 16

declive face para o inimigo é muito perigoso (exemplo: a nossa linha de resistência no exercício do exame de candidatos a cabo na Invernada).

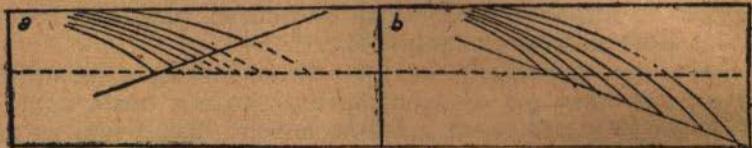


Fig. 17

Numa descida (Fig. 17 b), a zona de dispersão aumenta e os impactos são mais separados; donde, numa contra ver tentente os efeitos dos tiros são atenuados.

Problemas que podem ser propostos:

- 1 — Abriguem-se nesta casa contra os projétils de artilharia vindos daquela direção.
- 2 — Estudar os melhoramentos possíveis de diversos obstáculos.
- 3 — Progrides nesta direção com o teu pelotão, chegam projétils da tua frente de marcha — como procedes?
- 4 — Estás em linha neste abrigo e chegam projétils daquela direção (enfiam o abrigo) o que fazes?
- 5 — Caem projétils de artilharia nesta região. Abriguem-se (terreno completamente limpo).

C) — PROTEÇÃO CONTRA OS GASES

I — Qualidades dos gases

- a) sufocantes

- b) visicantes que queimam
- c) irritantes que fazem espirrar e chorar
- d) tóxicos que impedem o funcionamento dos órgãos vitais.

II — Ação dos gases

- a) persistentes, gases pesados, tenazes
- b) fugazes, muito voláteis, facilmente levados pelos ventos
- c) insidiosos, que não têm ação imediata.

A iperite é insidiosa e persistente; ela ataca principalmente as partes úmidas do corpo; seus efeitos são retardados. A infecção por este gás pode se dar por contacto com um objeto que tenha estado exposto a ele ou com um indivíduo intoxicado.

III — Como os reconhecemos ?

Pelo cheiro de mostarda ou alho e pela côn opaca.

Alguns, como o óxido de carbono não têm cheiro nem côn.

IV — Lançamento

São lançados por vagas, com baterias de garrafas, quando o vento é propício, e podem atingir a uma distância de 20 km. por projétils de artilharia (estes projétils são facilmente reconhecidos, pois, fazem pouco barulho) carregados com líquido ou sólido que a explosão pulveriza e por projetores (processo elétrico).

V — Material de proteção

Máscaras e filtros, aparelhos isolantes (só contra o óxido de carbono) e objetos de proteção, tais como luvas, botas, etc., que protegem contra os visicantes. (4)

VI — Meios de proteção coletiva

Sinais de alerta e os abrigos.

Nestes deve ter-se os seguintes cuidados:

Antes — tornar o abrigo estanque, fechando a entrada com dois panos distantes de uns dois metros, impregnados com hiposulfito.

(4) Temos distribuido aqui no regimento a Máscara Brasileira. Aos instrutores é conveniente ressaltar que "o uso da máscara produz distúrbios respiratórios de certa relevância, principalmente nos primeiros dias de uso; dificulta a visão, faz perder a agilidade, entorpece os movimentos e chega mesmo a provocar sono. Mesmo sem causar mortes o uso constante da máscara provoca uma redução importante no vigor físico de uma tropa, traduzida por 25 o/o.

Eis porque devemos treinar o seu uso. E' também de grande importância a colocação da máscara.

Durante — sanear o ar do abrigo com aparelhos especiais, como o pulverizador Vermolel.

Após — ventilar os abrigos, acendendo fogos no fundo.

Vejamos agora a proteção particular contra o óxido de carbono.

Nos abrigos de metralhadoras: — dispor a metralhadora de modo que o orifício de escapamento fique fora e assegurar uma ventilação enérgica. Um cartucho produz um litro de óxido de carbono, e no fim de 200 a 300 tiros o abrigo está completamente impregnado.

Nos abrigos profundos: — lutar com os aparelhos produtores de oxigênio.

Vejamos a proteção dos alimentos:

- colocá-los em recipientes fechados
- não consumir alimentos expostos a atmosfera tóxica
- a água é particularmente perigosa após estar exposta à iperite; para utilizá-la deve-se sacudí-la muito.

Proteção dos cavalos

— a máscara especial Decaux pode ser substituída por um bornal contendo um pano dobrado e entre as dobras capim ou palha impregnada de uma substância neutralizante.

No terreno iperitado não se deve deixar o cavalo pastar.

VII — Desinfecção de um terreno, de materiais e animais

Este serviço é feito por pessoal especializado, vestindo luvas, máscaras e roupas especiais;

— lança-se substâncias neutralizantes (cloreto de cal) sobre as crateras dos projétils, roupas e materiais infectados;

— proibir tocar nos objetos infectos por causa do deprendimento de gases;

— proibir cavar em terreno suspeito.

D) — PROTEÇÃO CONTRA OS AVIÕES

Vamos tratar apenas da proteção e não chegaremos à defesa.

I — Marcha em estradas

— desviar as partes claras das estradas;

— marchar nos lados baixos, nos fossos, sob as árvores;

— evitar luz nas marchas noturnas (cigarros, lâmpadas);

— se o avião lança foguetes iluminativos — parar ajoelhado.

II — Marcha através o campo

— utilizar o mais possível as cobertas;
 — caminhar ao longo das sebes, das orlas, das linhas de árvores;
 — adaptar as formações às formas e a repartição das cobertas.

III — Nos acantonamentos

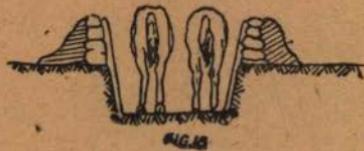
— dissimular os fogos;
 — instalar as cozinhas em casas;
 — esconder as viaturas e os animais sob galpões, árvores, ao longo das casas.
 — em caso de aparição de aviões entrar imediatamente nas casas.

IV — Nas organizações defensivas

— evitar tudo que possa denunciar ocupação (pistas, etc.);
 — aproveitar as orlas que escondem as pistas;
 — disfarçar os abrigos.

V — Como fugir às bombas que rebentam ao bater no solo ou em qualquer outro objeto.

— antes: cavando trincheiras profundas;
 — abrigando os cavalos que oferecem particulares objetivos, cavando fossos ou elevando taludes. Fig. 18.
 — em caso de ataque: — utilizar os abrigos ou deitar-se utilizando qualquer escavação.



NO PROXIMO NÚMERO:

Notas de Instrução n.º 1 da I.D./1.

Divisão moto-mecanizada alemã.

A guerra mecanica.

— e outros artigos. —

O R. C. D. na ofensiva

Pelo Major ELEUTÉRIO BRUM FERLICH
Inst. de Cav. da E. E. M.³

A publicação deste trabalho, nas páginas de A DEFESA NACIONAL, representa uma contribuição preciosa para o estudo do emprégio da Cavalaria Divisionária.

Para tornar mais vivo e interessante o assunto, daremos neste número a composição do R.C.D., suas características e possibilidades e uma questão proposta. De posse destes elementos básicos, pode ser estudado o problema tático.

No próximo número será apresentada a solução dada ao problema pelo Major Ferlich.

Este oficial é uma figura exponencial na Cavalaria e sobre sua capacidade, diz melhor que nós, a brilhante documentação sobre o emprégio da arma, que tem marcado a sua operosidade, como instrutor da Escola Militar, Escola das Armas e Escola de Estado Maior.

COMPOSIÇÃO, CARATERÍSTICA DOS ELEMENTOS COM PONENTES, POSSIBILIDADES E REFORÇAMENTO DO R. C. D.

1.^º) — COMPOSIÇÃO DO R. C. D.

Esquadrão Extranumerário

D.	Ala a cavalo	3 Esq. C.	{ Esq. de 4 Pel.	{ Pel. de 2 G. C. e 1 esquadra suplementar
C.		1 Esq. Mtr. Eng.		
R.	Ala moto-mecanizada	1 Esq. A. M. D. R.	{ 3 Pel.	{ Pel. 5 Viat. (com mtr. e canhão)
		1 Esq. T. Q. T.		
			{ 3 Pel.	{ Pelotão de 2 G. C.
				{ G. C. com 2 F. M.

Como se pode observar, o moderno R.C.D. não é mais do que o antigo reforçado:

— pelo acréscimo de 1 Pel. de canhões anti-carro (C.A.C.);

- pela criação do Esquadrão de autos-metralhadoras de descoberta e reconhecimento (A. M. D. R.);
- pela substituição de um Esquadrão a cavalo de 8 F. M. por um Esq. Transportado Qualquer Terreno (T. Q. T.) a 12 F. M.

2.º) — CARATERÍSTICAS DOS ELEMENTOS COMPOSTOS DO R. C. D.

A) — ELEMENTOS A CAVALO — Caracterizam-se pela mobilidade, capacidade manobreira e potência do seu armamento.

a) *Vantagens que apresentam*

- 1.º — Têm raio de ação relativamente grande, decorrente da resistência dos cavalos e da velocidade de 6 a 8 km. que podem manter em longos percursos (40 a 60 km. por dia e mesmo 100 km. em casos especiais).
- 2.º — São, por excelência, os elementos aptos para o reconhecimento dos terrenos cobertos e difíceis, onde o avião *não vê* e o carro blindado *não passa*.
- 3.º — Têm grande capacidade manobreira, decorrente da fácil *adaptação ao terreno* e flexibilidade nas evoluções.
- 4.º — Dispõem de potência de fogo semelhante à da Infantaria e como esta, podem atacar, executar um golpe de mão e, sobretudo, fazer o que os carros não fazem — *ocupar o terreno*.
- 5.º — Podem realizar com vantagem — em vista das suas características — o combate em grandes frentes e, sobretudo, têm facilidade em organizar *cortinas de fogo*.

b) *Deficiências*

- 1.º — *Vulnerabilidade* — Tanto o homem como o cavalo não sendo blindados, uma rajada de metralhadora pode aniquilar, em alguns minutos, uma tropa de cavalaria que seja surpreendida agrupada.
- 2.º — *Lentidão relativa* na busca de informações a grandes distâncias, pois as unidades a cavalo têm apenas 1/3 da velocidade das pequenas unidades mecanizadas.

- 3.^º — *Fragilidade* — O rendimento de uma unidade a cavalo pode decrescer rapidamente, em vista da fadiga dos homens a cavalo, quando faça etapas muito longas ou reconhecimentos penosos.
- 4.^º — *Impotência diante de engenhos blindados* — Uma viatura blindada pode desbandar — em caso de surpresa — uma tropa de cavalaria sem meios anti-carro.

B) — ELEMENTOS MOTO-MECANIZADOS

1) Autos-metralhadoras

O A. M. D. R. é uma viatura:

- blindada à prova de balas de metralhadora e estilhaços de granada;
- rápida, de modo a percorrer 25 a 30 km. horários em terreno médio e livre (velocidade média de reconhecimento 12 a 15 km. a hora);
- *qualquer terreno* pois, tem 6 rodas motrizes ou lagartas, que lhe permitem subir rampas de 30% e transportar vãus de 0m,80;
- *poderosamente armada*, porque possue uma metralhadora ou um canhão anti-carro como armamento;
- *de grande raio de ação*, 200 kms.

O Pelotão A.M.D.R. compõe-se de 5 viaturas e pode cíndir-se em patrulhas de 2 ou 3 viaturas.

a) Vantagens que oferecem as unidades mecanizadas (A. M. D. R.):

- *na busca de informações*: vão mais longe e mais rapidamente que os elementos a cavalo;
- *no reconhecimento*: têm grande capacidade, pois *observam* ao abrigo das balas;
- *nas pequenas ações ofensivas ou golpes de mão*: fornecem o apôio de metralhadoras e canhões móveis e blindados;
- *na luta contra engenhos blindados inimigos*: retardam-

lhes a progressão, graças ao canhão ou mtr. anti-carro (C. A. C. — Mtr. A. C.);

- *na perseguição*: acabam de desorganizar o inimigo e lançam o pânico nas retaguardas;
- *na ação retardadora*: fazem contra-ataques rápidos que facilitam o desaferramento dos combatentes a pé e retardam a progressão inimiga;
- *finalmente*, lançam a desordem e confusão em tropas desprovidas de defesa anti-carro.

b) *Deficiências*:

- *volumosas* — razão porque são excelentes alvos para a Artilharia;
- *ruidosas* — pois chamam a atenção até mesmo de elementos inimigos desprevenidos;
- *pouca capacidade de observação* — pois o pessoal de bordo, a-pesar-dos aperfeiçoamentos modernos, *vê mal e não ouve* os ruídos exteriores, que interdizem o emprêgo noturno dos A. M. D. R.;
- *dependência do motor* — pois, a-pesar-dos progressos constantes da mecânica, a “pane” é sempre possível e, sob o fogo, a imobilidade de um engenho é destruição certa;
- *dificuldade de manter o contacto* — pelo fato de ser incapaz de ocupar o terreno;
- *incapacidade de remoção dos obstáculos* — porque os homes não podem abandonar as viaturas. Uma barreira em passagem obrigatória detém um auto, pois se os condutores apearem poderão ser facilmente fuzilados por elementos emboscados.

2) *Elementos transportados*.

Em vista das deficiências dos A. M. D. R. é necessário que se lhes dê apôio.

Essa necessidade se evidenciou na guerra européia, de modo que em fins de 1918 nenhum auto-metralhadora partia sem apôio

de cavalaria (em geral 1 Pel.); mas o destacamento assim constituído, com elementos de velocidades tão diferentes, dava rendimento fraquíssimo, porque:

- ou os autos-metralhadoras esperavam os cavaleiros em cada lanço e no fim de contas *a velocidade de progressão era a do cavalo*;
- ou os autos-metralhadoras marchavam com sua velocidade normal e dentro de pouco tempo se distanciavam tanto que perdiam o *apôio*.

Depois da guerra, nas manobras de cavalaria, a necessidade dum elemento de *apôio* mais rápido que o cavaleiro se fez sentir e os francêses reforçaram as patrulhas autos-metralhadoras, sucessivamente, com:

- ciclistas;
- motociclistas (simples ou conjugados);
- elementos transportados.

Entre nós, foi adotado como *apôio*, o elemento transportado “qualquer terreno”, porque o motociclo só anda em estrada e o nosso A. M. D. R. é para qualquer terreno.

Os nossos G. C. T. Q. T. são transportados em 2 viaturas legeras de 6 rodas ou lagarta (1 esquadra com 1 F. M. por viatura).

Essas viaturas seguem — na mesma velocidade e a certa distância — os A. M. D. R. sozinhos.

A grande deficiência dos elementos transportados reside no *volume e consequente vulnerabilidade*. As vantagens que apresentam são: *velocidade* (20 a 30 km. horários) e grande *potência de fogo* (2 F. M. por G. C.)

As unidades T.Q.T. não podem ser empregadas sem proteção de engenhos blindados.

Diante do estudo feito acima, pode-se avaliar a nova potência trazida ao R. C. D. pelos A. M. D. R. reforçados por elementos T. Q. T.

3.º) POSSIBILIDADES DO R. C. D.

Se bem que o R. C. D. seja dotado de mobilidade e potência de fogo notáveis, sua *capacidade de reconhecimento* — variável com o terreno — tem limites que procuraremos fixar aqui.

A capacidade de reconhecimento é, ao mesmo tempo, função de três fatores:

- raio de ação (profundidade da busca);
- capacidade de esquadriamento (investigação em largura);
- capacidade de combate (valor da informação).

A) — RAIO DE AÇÃO

Os modernos meios de ação (A. M. D. R. e T. Q. T.) de que se encontra provido o R. C. D., permitem-lhe profunda investigação, o que é particularmente interessante quando a D. I. dispõe de grande espaço livre na frente. Os elementos moto-mecanizados facultam a busca de informações num raio de 80 a 100 km.

B) — CAPACIDADE DE ESQUADRINHAMENTO

A capacidade de esquadriamento é diversamente encarada, conforme a busca de informações se limite aos *itinerários principais* (caso de inimigo afastado) ou se estenda a toda a zona da G. U.

Tratando-se da busca de informações em grandes frentes, observem-se as seguintes regras:

a) — Na procura de informações longínquas, o R. C. D. pode lançar 3 a 4 reconhecimentos de 2 a 3 viaturas A. M. D. R. (apoiadas por G. C. T. Q. T.), pelos itinerários principais e sobre pontos de passagem obrigatória. Neste caso, sua capacidade de investigação em terreno médio se estende, no máximo, a frente de 12 a 15 km., com velocidade de 15 a 20 km. a hora;

b) — Se fôr necessário *esquadrinhar* o terreno (perto do inimigo), os reconhecimentos moto-mecanizados não bastam e a capacidade de investigação do R. C. D. é, no caso, decorrente do número de Pelotões de Cavalaria que êle pode lançar.

Dá-se por bem entendido que a capacidade de investigação do R.C.D. aumenta em terreno descoberto e diminue em terreno cortado e coberto.

Em terreno médio, admite-se que um Pelotão de Cavalaria esquadrinhe, em bôas condições, uma frente de 1.500 a 2000 ms. Se o Regimento destacar 2 Esq. — o que é um máximo — poderá esquadrinhar uma frente média de 12 kms..

Neste caso, o Cmt. do Regimento fica com uma reserva de 1 Esq. de Cav. e 1 Esq. Mtr..

Quando o R.C.D. não pode esquadrinhar inteiramente a zona da D. I., limita-se a reconhecer os *pontos principais*.

Finalmente, é preciso notar que:

— com a obrigação de *esquadrinhar zonas*, a velocidade de marcha do R. C. D., que é de 6 a 7 km. horários em terreno médio, pode baixar para 5 km., em terreno difícil;

— diante da D. I. estacionada, as frentes de investigações podem ser aumentadas, pois se trata mais de *vigiar* do que de *esquadrinhar*.

Conclusão: Em terreno médio, um R. C. D. pode, em bôas condições, buscar informações e esquadrinhar a *zona normal de marcha* da D. I., ou seja numa frente de 12 kms.

C) — CAPACIDADE DE COMBATE

A partir do momento em que o primeiro contacto é tomado, sómente o combate permite determinar o valor do mesmo.

1) — *Capacidade ofensiva* — A capacidade ofensiva do R. C. D. é muito limitada, não sómente por se tratar de uma pequena unidade, mas, também porque não dispõe geralmente, de apôio de canhão.

Quando o R. C. D. opera em *zona extensa*, da ordem de 12 km. de largura — pelo fato de destacar muitos elementos para a *investigação* — faltam-lhe, em geral, elementos para *manobrar*; nêste caso, só pode *situar* as resistências inimigas. Quando forem pequenas e isoladas, poderá tentar manobrá-las, com os elementos disponíveis; quando forem extensas, de molde que não seja possível a manobra, poderá tentar um *golpe de mão* — apoiado pelo fogo dos seus A. M. D. R. — em ponto *escolhido* e que seja muito favorável.

Em princípio, diante de resistências contínuas, não se pode

pedir mais ao R. C. D. do que *manter o contacto*, depois de haver determinado o *contorno aparente*.

E' preciso notar que quanto mais numerosos forem os elementos destacados para a investigação mais faltarão ao R. C. D. elementos de manobra.

2) — *Capacidade defensiva* — A capacidade defensiva do R. C. D. — no caso de duração limitada — é relativa, pelas razões seguintes:

- dispõe de número relativamente grande de armas automáticas (54 a.a.);
- pode constituir frentes defensivas com grande rapidez;
- tem facilidade de *manobrar em retirada*;
- tem geralmente possibilidade de *escolher o terreno* de combate que lhe seja favorável (passagens obrigatórias, rios, campos de tiro extensos, etc.) e que lhe aumente o poder defensivo.

A *escolha do terreno* tem importância considerável, porque permite aumentar a extensão das frentes, pela limitação do número de *pontos a defender*.

Com suas 44 a.a. (sem contar as do A. M. D. R.):

- em terreno muito favorável, atrás de um corte, o R. C. D. pode estabelecer uma cortina numa frente de 8 a 9 km.;
- em terreno médio, entretanto, não pode organizar frente que, embora de pouca profundidade, vá além de 4 km. (100 m. por a.a.).

Ora, normalmente, as D. I. disporão de uma zona de ação de 10, 12 e mesmo 15 km.; portanto, se o R.C.D. não fôr reforçado com meios suplementares, não poderá manter uma cortina de fogo em tôda a frente da D. I. Consequentemente, ocupará certos *pontos importantes*, onde exercerá ação retardadora, graças à sua mobilidade e à potência dos seus A. M. D. R.

Conclusão — A cavalaria orgânica da D. I. não pode — as mais das vezes — satisfazer a tôdas as necessidades de segurança do Cmt. da D. I.

Particularmente apto para o “papel de investigação”, o R. C. D. :

- tem *capacidade defensiva real*, porém *limitada* e in-

- suficiente para — em terreno médio — garantir a cobertura de toda a frente de ação da G. U., sobretudo a *cobertura contra blindados*;
- tem capacidade ofensiva muito fraca, que o torna deficiente sob o ponto de vista “*verificação do valor dos contactos*”.

D) — CONCLUSÕES DECORRENTES DAS POSSIBILIDADES DO R.C.D.

Do estudo acima feito, pode concluir-se:

A) — *Sob o ponto de vista comando*

1.º) As missões a dar ao R. C. D. são função das suas possibilidades; não se deve, portanto, pedir-lhe o que não possa fazer.

2.º) Dar ao R. C. D. — de acordo com as possibilidades — uma missão precisa, em função das circunstâncias táticas (terreno, situação inimiga já conhecida): *missão de informação ou missão de cobertura*.

Dificilmente a cavalaria divisionária poderá cumprir, simultaneamente, estas missões.

3.º) Quando a importância da missão ultrapassar as possibilidades do R. C. D., será necessário reforzá-lo, como veremos adiante.

B) — *Sob o ponto de vista tropa de infantaria em proveito da qual trabalha o R. C. D.*

1.º) O R.C.D. não pode ter a pretenção de resguardar — sempre e por toda parte — os elementos de infantaria contra as incursões de engenhos blindados qualquer terreno (Q.T.); os engenhos inimigos, mesmo pressentidos a tempo, só poderão ser assinalados pouco tempo antes da aparição nos lugares em que serão perigosos.

A infantaria deve, então, guardar-se contra êsses engenhos.

2.º) Na época atual, torna-se difícil ao R.C.D. cuidar, simultaneamente, da segurança do chefe e da segurança da tropa.

4.º) *REFORÇAMENTO DO R. C. D.*

A solução sedutora, que consiste, em retirar o R. C. D. duma D. I. de 2.ª linha para reforçar o de outra de 1.ª linha, não é recomendável. Com tal solução, arrisca-se privar a G. U., em 2.ª

linha, de empregar, quando entrar em ação, seu R.C.D. no *ponto e momento desejados*, pois nem sempre se poderá restituí-lo quando e onde se quizer.

Um R. C. D. poderá ser diferentemente reforçado, conforme a *missão*, o *inimigo* e o *terreno*, com:

- elementos de cavalaria de D. C. ou da Reserva Geral;
- carros de combate;
- artilharia T. Q. T.;
- canhões anti-carro;
- elementos de engenharia.

Não se pode dar uma regra geral sobre a proporção em que devem entrar os diversos elementos no reforçamento do R. C. D.; só o *caso concreto* domina a questão.

Um Cmt. de D. I. que queira verificar uma hipótese capital para sua manobra e deseje saber, por exemplo, se se encontra em presença duma *cortina de fogo*, ou dum *grosso inimigo*, será levado, lógicamente, a reforçar seu R. C. D. com *carros e artilharia*, de modo a aumentar-lhe a *capacidade ofensiva*.

Um Cmt. de D. I. que deseje — para cobrir a marcha à noite — lançar, para a frente do seu objetivo de fim de marcha, força capaz de estabelecer uma *cortina de fogo*, será conduzido a reforçar seu R. C. D. com *infantaria, engenhos anti-carro e engenharia*, de maneira a acrescer-lhe a *capacidade defensiva*.

Enfim, sejam quais forem os elementos dados em refôrço, é indispensável que:

— sejam *suficientemente móveis* para que não retardem o movimento do R.C.D., privando-o da sua qualidade principal — a “*mobilidade*”;

— não sejam *volumosos* a ponto de impossibilitar o R.C.D. de garantir-lhes a segurança.

Dosagem judiciosa impõe-se, portanto.

Não se deve esquecer que os elementos dados como refôrço a um R. C. D. — em operações, por vezes, ousadas — *correm os mesmos riscos que ele*.

Carta: S. PAULO
Folha de JAU
Esc. 1:100.000

SITUAÇÃO GERAL

Vermelhos do Norte, depois de um insucesso na linha do RIO TIETE', retraem-se para N.E. sob a pressão dos azuis do Sul.

O III Corpo do II Ex. azul (V e VI D.I.) tem como direção de esforço a linha BOM RETIRO-MATÃO-BARREIRO.

À esquerda do III Corpo, cobrindo-lhe o flanco, o 3.^º R. C. C. Ex. (1) atua na direção BARRA MANSA-POUSO ALEGRE-BOCAINA.

A V D.I., que opera no eixo Est. AIROSA GALVÃO-JAU' DOURADO, conquistou na tarde de D-2 uma cabeça de ponte que atingiu a linha do Rib. AVE MARIA, ligando-se à esquerda com o 3.^º R. C. C. Ex. em AVE MARIA e à direita com a Vg. da VI D.I. em CAPIM FINO (regiões 10 km. S.W. e S.S.W. de JAÚ).

1.^a SITUAÇÃO PARTICULAR

Na noite D-2/D-1 os elementos inimigos que detinham as Vg. da V D.I., na linha do Rib. AVE MARIA, romperam o contacto e retraíram-se para N.E.; em consequência disto, ao alvorecer do D-1 o 5.^º R. C. D. foi lançado na direção de JAÚ para retomar o contacto.

Esta unidade, depois de repelir elementos ligeiros entre o Rib. AVE MARIA e o Rio JAU, foi chocar-se com resistências fortes em JAÚ, que sómente as Vg. da V D.I. puderam reduzir.

E' assim que, às 16 horas do D-1, as Vg. da D. I. apoderaram-se de JAU e, havendo atacado com todos os meios as resistências inimigas encontradas nas margens N. do Rio JAU, não conseguiram transpor êste RIO; o 5.^º R.C.D. que iniciára a tomada de contacto, acha-se àquela hora estendido entre VICENTE PRADO e a região 4 Km. S. E. de JAU.

(1) — Regimento de Cavalaria de Corpo de Exército.

À esquerda, o 3. R. C. C. Ex. atingiu a linha do Rio, ligando-se com a V D.I. em BREJÃO.

À direita a VI D. I. atingiu a linha Rio JAÚ-Rib. S. JOSE, ligando-se com a V D.I. nas alturas logo a W. de Faz. BARBOSA RINHO.

Em face dos acontecimentos é intenção do cmt. da V D.I. — ligando-se estreitamente à direita com a VI D.I. e aberto a esquerda pelo 3.º R. C. C. Ex., atacar ao alvorecer do dia D a linha Faz. do CONDE-Faz. Sta. CRUZ, com o modo a romper o dispositivo inimigo na frente Faz. do CONDE.

A D.I. terá como zona de ação e objetivos sucessivos assinalados no calco n.º 1. anexo,

PEDE-SE:

Parágrafo *Cavalaria* da O.G.O. da V D.I. para o dia D.

INFORMAÇÕES PARTICULARES

1) — RIO JAÚ:

profundidade — 1m,20

largura — 6 a 8 mts.

fundo — pouco firme

margens — escarpadas com pouca e rala
tação

corrente — fraca

2) — Tem chovido torrencialmente.

3) — Clareia às 6 e escurece às 18.

6.º Regimento de Artilharia Montada

Seu Histórico

Pelo 1.º Ten. MANOEL FRERES

Num dos pontos mais pitorescos da Cidade de Cruz Alta, cognominada "Rainha da Serra", acha-se sediado o 6.º R.A.M. gloriiosa unidade do nosso Exército.

Seu Quartel, pôsto seja de construção antiga, conserva-se em excelente estado e mostra o esmerado acabamento com que seus construtores procuraram dotar a tropa, ali aquartelada, de relativo confôrto.

Possuindo vastas terras, espraiou-se por sobre as belas coxilhas, em que se instalou, como que querendo ocultar sob seus edifícios o pedaço de chão, que carinhosamente guarda, dádiva de Natureza pródiga.

Vive modestamente, entregue a trabalho útil, em pleno coração dos Pampas, dedicando-se à formação moral, técnica e intelectual, dos futuros defensores da Pátria. Grande Colmeia, onde todos trabalham com o pensamento voltado para os destinos do Brasil.

Faz pouco, designaram-nos para, em comissão, arrolar velhos documentos existentes no Arquivo e que deveriam ser encaminhados ao Arquivo do Exército. Logo de início se nos depararam antiquados documentos prenunciadores de uma existência bem maior que a que se lhe atribue com a sua organização de 2 de Janeiro de 1918, data de seu aniversário.

Assim sendo, aprofundamo-nos em pesquisas de caráter histórico e, por fim, depois de exaustíssimo esfôrço, desvendamos tudo quanto diz respeito ao nosso Regimento.

Descende, em nobreza, dos mais nobres corpos do Exército. Tendo tomado parte em gloriosos feitos militares, abertou-se com o manto da modéstia, quedando-se, como os fi-

lhos do Sul, em momentos de repouso, sob o inseparável PONCHE, à espera de novas oportunidades, para a PELEIA, que sempre saem vitoriosos.

Foi, em Ordem do Dia, n.º 214, de 16 de Maio de 1864, que o Duque de Caxias, Comandante em Chefe do Exército Brasileiro contra o Paraguai, organizou o 4.º Corpo Provisório de Artilharia, com 8 Baterias do então 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo, hoje 5.º R.A.M., sediado em Santa Maria.

Fez parte, daí por diante, do 3.º Corpo de Exército, ao Comando do General Osório e, conforme Ordem do Dia, n.º 243, de 16 de Agosto daquele ano, parte para Parê-Cuê, onde se achava acampado, constituindo tropa de vanguarda, depois da célebre jornada de 16 de Julho, no "reconhecimento à viva força, sobre as posições trazeiras de Humaitá". Como tropa do 3.º Corpo de Exército, faz o ataque de flanco, em Itororó, segundo determinação de Caxias.

No dia 7 de Dezembro, como parte integrante da tropa ao Comando do General Osório, segue para Ipanê e a 11 de Janeiro apoia o ataque da Infantaria Brasileira contra o Exército de Caballero.

Com o ataque paraguaio de 3 de Novembro de 1867, perdemos o 4.º Batalhão de Artilharia a Pé, que fazia parte do 2.º Corpo de Exército, ao Comando de Porto Alegre, em Tuiuti. Por isto, mais tarde, mudam-lhe a designação de 4.º Corpo Provisório de Artilharia para 4.º Batalhão de Artilharia a Pé, em substituição ao anterior.

Sob o Comando do Coronel Hermes Ernesto da Fonseca, faz parte da tropa de ocupação de Humaitá e, posteriormente, sob o Comando interino do Major Joaquim Antônio Ferreira da Cunha.

Em 1873, transfere-se para Assunção e, em meados de 1874, dão-lhe a designação de 3.º Regimento de Artilharia a Cavalo. Com a promoção do então Ten.-Cel. Floriano Peixoto ao posto de Coronel, esse oficial, assumiu-lhe o Comando em Agosto de 1874, deixando-o em Novembro de 1875.

Em consequência, reassume-lhe o Comando o Major Ferreira da Cunha, que, depois de restabelecida a ordem na capital pública do Paraguai, se transfere com o Regimento de seu

mando para o "Baixo Paraguai, em Corumbá", onde chega em Agosto de 1876, acampando.

A 23 de Agosto de 1877, assume-lhe o Comando o Ten.-Cel. Benedicto Mariano de Campos. A 21 de Fevereiro de 1880, o Regimento é transferido para Cuiabá, sob o Comando Interino do Major João de Oliveira Mello.

Em 1884, encontramô-lo em Curitiba, sob o Comando do Ten.-Cel. Manoel José Pereira Júnior. De 1880 a 1883, quasi nada encontramos a respeito do 3.º Regimento de Artilharia a Cavalo. No entanto, conforme se infere do Ofício n.º 950, de 1.º de Fevereiro de 1896, do Cel. Arthur de Moraes Pereira, dirigido ao "Cidadão Marechal Carlos Machado Bittencourt, Ajudante General", quando a Unidade de seu Comando já se achava na Escola Prática de Artilharia, no Realengo, e, também, pelo Histórico do efêmero 3.º Regimento de Artilharia Montada, organizado em 1909 e extinto em 1915, vê-se ter havido extravios no Arquivo do Regimento de que vimos tratando, por ocasião da Revolta de 1893. No entanto, dispomos de mais de 60 grossos volumes de ORDENS DO DIA e de DETALHES, assim como de uma infinidade de outros documentos auxiliares, inclusive grande número de DISTRIBUIÇÃO DE FARDAMENTO. Quando fôr organizado o HISTÓRICO DO REGIMENTO, teremos ocasião de relacionar a BIBLIOGRAFIA de toda a documentação, de que lançamos mão para redigir este artigo.

Em 1889, fundem-no numa só unidade com o 3.º Regimento de Artilharia de Campanha, que lhe conserva o nome, passando a ser, então, 3.º REGIMENTO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA.

Em 1893, combate ao lado das forças legais, tendo destacado suas Baterias para Paranaguá, Antonina, Lapa e Tijuca, Sub-Unidades estas que, heroicamente, enfrentam as tropas de Gumercindo Saraiva, destacando-se a invicta resistência da Lapa, onde Gomes Carneiro dá provas da bravura peculiar ao Soldado Brasileiro.

A 23 de Fevereiro de 1894, em Itararé, conforme Ordem do Dia do Major Celestino Alves Bastos, o Regimento é reorganizado, ficando, então, com 4 Baterias. A 27 de Março,

desloca-se para Jaguariaiva; a 4 de Abril, para Piraí; a 11 de Abril, para Castro; a 6 de Maio, para Palmeira; a 8 de Maio, para Curitiba; a 9 de Junho, conforme Ordem do Dia n.º 44, em que o Comandante do Exército em Operações no Estado do Paraná se despede e louva o 3.º Regimento de Artilharia de Campanha, esta Unidade se desloca para Sorocaba, São Paulo, "sua nova sede". Assim é que a 12, chega a Porto d'Água; a 17, atinge Santos.

Pela Ordem do Dia de 19 de Junho de 1894, o Major Celestino, deixa o Comando do Regimento, por ter de seguir para a Capital do País, a chamado do Exmo. Sr. Gen. Ministro da Guerra, assim como também é desligado "a-fim-de tomar assento na Assembléa do Estado de Sergipe, o Cidadão Capitão Manoel Xavier de Oliveira, fiscal interino". Em consequência da saída do Major Celestino, assumiu o Comando do Regimento o Capitão Serrando de Loyola e Silva.

A 19 de Setembro de 1894, chega à Capital de S. Paulo, acampando no morro de Sant'Ana, sendo seu Comandante, a esse tempo, o Capitão José Maria de Mesquita.

Em 1896, a 11 de Janeiro, segue para a Capital da República, onde chega a 12, aquartelando na Escola Prática de Artilharia, no Realengo. Comandava-o, nesta ocasião, o Major Nicanor Gonçalves da Silva Junior e dos oficiais que faziam parte do Regimento encontrava-se o Ten. Lauro Dias Barreto, Cmt. de Bia. e que, mais tarde, foi nosso Comandante no 2.º R. A. M., no Curato de Santa Cruz. A 20 de Abril, o Regimento vai para o Morro de Santo Antônio, sob o Comando do Coronel Arthur de Moraes Pereira. A 10 de Junho, seguiu para o Sul do País, a bordo do "Santos", chegando à Cidade do Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul a 14, onde desembarcou.

A 30 de Janeiro de 1897, assume-lhe o Comando o Ten.-Cel. Antônio Ilha Moreira, por haver sido transferido para aquela Unidade conforme Decreto de 5 do mesmo mês e ano.

De 10 de Junho de 1896 a 8 de Abril de 1907, o Regimento permanece na Cidade do Rio Grande, transferindo-se, nesta data, sob o Comando do Coronel João Leocádio Pereira

de Mello, para a cidade de Alegrete, onde chega a 13, aquartelando no quartel do 30.º Batalhão de Infantaria.

Em princípios de Março de 1909, o Regimento desloca-se para Cruz Alta, onde chega a 6 e a 10, seu Comandante, cumprindo ordens superiores, extingue-o e com o seu material e pessoal, organiza o 3.º Regimento de Artilharia Montada. Este Regimento, fica bivacado na "Coxilha da Capoeira".

Com este ato, fica encarregado de organizar o novo Regimento o Capitão Antenor Ilha Elejald, ao mesmo tempo que o General José Salustiano Fernandes dos Reis, organizava a 3.ª Brigada Estratégica.

A nôvel Unidade, ficou constituída de três Grupos — 7.º, 8.º e 9.º Porque grassasse o tifo e a varicela no Acampamento e dada a falta de médico, assumiu tais funções o 2.º Ten. veterinário Antônio Gomes da Rosa, tendo o Regimento se mudado para a CASA BRANCA, a 3 quilômetros da Estação de Estrada de Ferro local e situada nas proximidades da Via Férrea Santa Maria-Cruz Alta.

A este tempo fizeram-se barracões, para abrigar o pessoal. Encarregou-se de tal serviço o Capitão Wlandislau Bandeira Teixeira.

Em Abril de 1915, conforme Decreto n.º 11.499, extinguem-n' o.

Não cabe, aqui, na estreiteza de um artigo, relatar, em detalhes, a jamais vista peregrinação a que foi condenado o Regimento de que viemos tratando. No entanto, por esse esboço, já se pode ter idéia pelo que passou um Corpo de Artilharia que, desde 1868, já em operações de guerra, já em sucessivas mudanças de parada, palmilhou vastíssimas extensões territoriais, a-fim-de cumprir com o dever e desempenhar árduas missões.

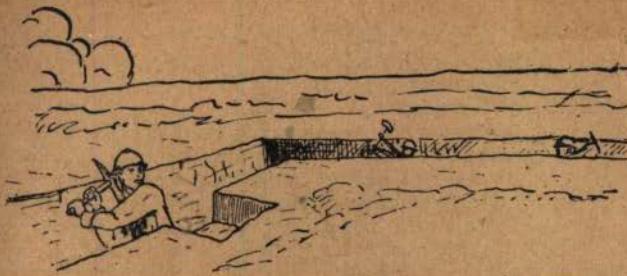
Extinto, sem vida, seu material entregue a reduzido Contingente, em 1918, depois de 4 anos de rebates guerreiros, do outro lado do Atlântico quando a voz moça do Brasil Novo se ouvir ao verbo patriótico e inflamado de Olavo Bilac, notamente se organiza o peregrino Regimento, conforme Decreto n.º 12.739, de 7 de Dezembro de 1917, que creou o 8.º Regimento de Artilharia Montada, cujo aniversário se comemora

a 2 de Janeiro de cada ano, visto que sua efetivação se fez a 2 de Janeiro de 1918. Em 1919, a 18 de Julho, passou a ser 6.º Regimento de Artilharia Montada.

Não sendo nosso propósito, detalhar o Histórico do Regimento e sobretudo na sua última fase, que o tem muito bem feito, cumpria-nos, tão sómente, ligar êsse glorioso passado, oculto nos arquivos e já envolto ao pó de longos decênios, à Corporação que tanto honra o nosso Exército pela sua dedicação ao trabalho, amor à ordem e à disciplina, que tanto o caracteriza e que levou o Exmo. Sr. Gen. Cmt. da Região a classificá-lo de "REGIMENTO MODELAR", na inspeção que fez no ano findo.

Evidentemente, devemos manter, daqui por diante, essa ligação histórica tão necessária quão útil, principalmente nos dias que correm, em que todos nos preocupamos em reviver o passado e enaltecer os nossos Maiores.

Creado o Corpo Provisório de Artilharia a 16 de Maio de 1868, conforme Ordem do Dia do Grande Caxias e tendo, em 1874, o Marechal Floriano Peixoto, comandado o Regimento, que se encontrava em Assunção, conforme verifica-se de seus assentamentos, está fora de dúvida que a data aniversária de nosso 6.º R. A. M. deve ser o dia 16 de MAIO de cada ano e não o 2 de JANEIRO e que se lhe deve dar FLORIANO PEIXOTO como PATRONO, prestando-se, dest'arte, uma homenagem ao "Marechal de Ferro", honra e glória de nossa Fátria.



Fichas para organização do terreno

Pelo Cap. J. N. PASTOR DE ALMEIDA

Antigo Instrutor da E. das Armas

Unidade	Organização do terreno	Ficha para o dia
	Trabalho no terreno	Horas: às
Referência: R. O. T., II parte: §§ 2, 3, 4, 8 e 9	Assunto: Locação e construção de um trecho de trincheira normal, para o tiro.	Instrutor: Técnica. Ficha n.º:

I — Objetivo:

Ensinar aos soldados como se constroem um elemento de trincheira.

II — Material:

16 estacas, 40 metros de cordel e 1 marreta.

III — Ferramenta:

Pás de parque — 10.

Picaretas de parque — 10.

IV — Local:

Encosta N. da Col. do Acampamento.

V — Tempo de construção:

5 horas de trabalho.

VI — Pessoal:

1 sargento e 20 praças.

VII — Processo de construção:

1.º — Locação das bordas interior e exterior do trecho a construir, cravando estacas em todos os vértices do traçado e ligando-as por cordel.

2.º — Distribuição das turmas pelas tarefas a realizar (1 picareta e 1 pá, para cada dois metros correntes de trincheira), ao longo do traçado.

3.º — Cada turma deverá fazer a escavação completa do trecho distribuído, até a profundidade normal, com o respectivo acabamento.

- 4.º — A terra retirada da escavação deve ser lançada, inicialmente, sobre a borda da trincheira voltada para o inimigo, num extensão de dois metros, além da berma da trincheira.
- 5.º — A terra deve ser escavada pelo cavador e em seguida removida pelo padejador, os homens de uma mesma turma não devem trabalhar, simultaneamente, para evitar acidentes durante o trabalho.
- 6.º — Fiscalização constante, para que os homens não ultrapassem a profundidade da banqueta de tiro, obrigando a fazê-la revestida, principalmente, em terreno bom.

VIII — Empreço da obra:

E' um fosso destinado e organizado para o tiro da infantaria.

A trincheira se presta, para o atirador fazer o tiro de pé e com apoio para a arma, além disso, dada a sua profundidade, 2 metros, entre a crista e o fundo da trincheira, permite a circulação de pé, a coberto das vistas inimigas.

IX — Ensinamentos:

Atacar a escavação com uma largura um pouco menor que a definitiva.

Aparelhar os taludes, sómente depois de concluída a escavação, quando se dará à trincheira as suas dimensões exatas.

X — Erros a evitar:

Jogar a terra nas bordas da escavação, sem respeitar a distância exigida pelas bermas, acarretando um trabalho du-

XI — Perfil e perspectiva da obra:

Escala: 1:5

Perspectiva de um trecho de trincheira

Fig.1

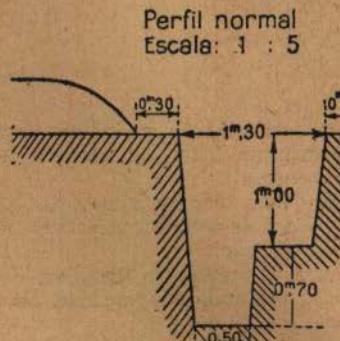
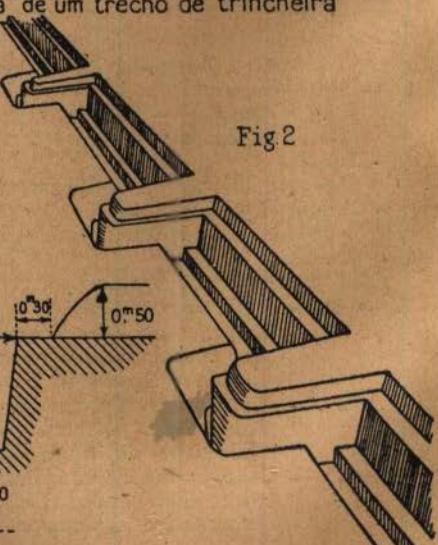


Fig.2



UNIDADE	Organização do terreno	Ficha para o dia:
	Trabalho no terreno	Horas: às
Referência: Curso de Construção de abrigos do Cmt. GUERIOT. Fig. 33.	Assunto: Locação de um observatório	Instrutor: Técnica. Ficha n.º

I — Objetivo:

Prática da locação das obras de O.T..

II — Material:

5 varas de bambú, 20 estaquinhas e 30 metros de cordel.

III — Ferramenta:

1 facão de mato, 2 picaretas, 2 macetes e 1 canivete.

IV — Local:

Col. do Acampamento (ângulo NE da Caixa d'água).

V — Tempo de trabalho:

Uma hora.

VI — Pessoal:

1 cabo e duas praças.

VII — Processo de trabalho:

- 1.º — Determinar exatamente o local em que vai ser construído o observatório.
- 2.º — Demarcação das bordas externas do corpo do abrigo; para isso assinalar com varas de bambú os alinhamentos, determinados pelas faces laterais, anterior e posterior, marcando as medidas do croquis.
- 3.º — Cravar estacas nos pontos determinados na operação anterior.
- 4.º — Demarcar os demais pontos em que deverão ser colocadas as ombreiras e estaqueá-los.
- 5.º — Ligar os pontos marcados com cordel, que passará pela face interior das estacas.
- 6.º — Proceder à demarcação da sapa de comunicação, que conduz ao abrigo.
- 7.º — Marcar a ligação da sapa com o corpo do abrigo na face posterior direita ou esquerda, conforme o caso considerado.
- 8.º — Demarcar um primeiro trecho de sapa com um metro de largura, procurando, em seu traçado, desenfiá-lo, o mais possível, das vistas inimigas.

- 9.º — Estaquear algumas derivações da sapa, a-fim-de perturbar a observação inimiga, cravando estacas, nas mudanças de direção.
- 10.º — Ligar com cordel, as estacas, de uma mesma face, da sapa de comunicação.
- 11.º — Nivelamento do eixo da sapa de comunicação, da entrada e do corpo do abrigo, a-fim-de calcular o movimento de terra a realizar.

VIII — Empreço da obra:

Em situação ofensiva ou defensiva, usado, principalmente, na última.

IX — Ensinamentos:

Considerar que uma bôa demarcação inicial, é fator preponderante, sobre o aproveitamento e eficiência do pôsto de observação a construir, dado o campo de vistas a observar e localização especial.

X — Erros a evitar:

Procurar colocar, sempre, a entrada do pôsto de observação, na sua retaguarda, fazendo-a tão coberta quanto possível e desenfiada, e nunca lateralmente. Dado o valor do local escolhido, é indispesável que todos os trabalhos, desde a locação, sejam feitos sob disfarce.

XI — Esboço da locação:

Escala: 1:100.

Fig. 1

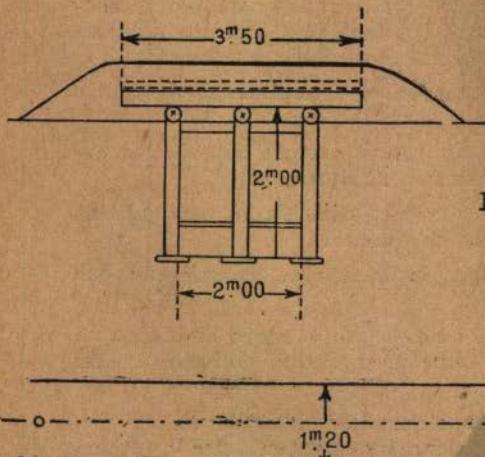
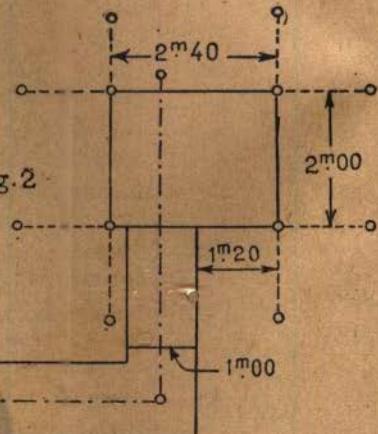


Fig. 2



Unidade	Organização do terreno	Ficha para o dia:
	Trabalho no terreno	Horas: às
Referência: Curso de Constru- ção de abrigos do Cmt. GUERIOT, fig. 26.	Assunto: Locação de um P. S. de Cia.	Instrutor: Técnica. Ficha n.º

I — Objetivo:

Prática da locação de obras no terreno.

II — Material:

5 varas de bambú, 10 estacas e 20 metros de cordel.

III — Ferramenta:

1 foice, 1 facão de mato e 1 macete.

IV — Local:

Encosta SW da Colina do Acampamento.

V — Tempo de construção:

40 minutos.

VI — Pessoal:

1 graduado e 2 praças.

VII — Processo de trabalho:

Como o tipo em aprêço pode ser construído em uma normal de evacuação, pois possui duas entradas opostas, há vantagem, em construir uma variante, na normal de evacuação, para que os padoleiros trabalhem a coberto das visitas do inimigo.

Nessas condições faz-se a locação da sapa, cravando estacas segundo o seu eixo.

No local escolhido para construir o abrigo, levantam-se perpendiculares de 1m. 10 para cada lado do eixo e distantes de 5 metros, que correspondem ao corpo do abrigo a ser locado.

Segundo o mesmo eixo marca-se mais 0m. 75, para cada lado e levantam-se novas perpendiculares, que correspondem à primeira camada de madeira roliça, destinada à proteção do corpo do abrigo.

Em todos os pontos de cruzamento cravam-se estacas, destinadas a amarrar o contorno exterior da obra locada.

Em seguida, faz-se o nivelamento do eixo principal, a fim de calcular a inclinação das entradas.

VIII — Emprêgo da obra:

Primeiro local para onde os padoleiros regimentais, auxiliados pelos músicos, conduzem os feridos.

O pôsto de socorro do batalhão é quasi exclusivamente um abrigo de espera para os feridos.

A escolha do local para sua instalação é subordinada ao sistema de normais de comunicação e à direção prevista para as correntes de evacuação.

Éle é tanto quanto possível resistente e estabelecido, de preferência, em uma contra encosta.

IX — Ensinamentos:

Preparar de antemão um croquis detalhado, onde constem as distâncias das estacas de um alinhamento, referidas à um dos cantos respectivos, para facilitar a determinação por meio da trena, dos pontos em que vão ser cravadas as estacas.

Conveniência de ser prevista uma cruzeta para facilitar o levantamento de perpendiculares.

X — Erros a evitar:

Eixo do abrigo não perpendicular à direção dos tiros perigosos do inimigo.

Normal de acesso enfiada pelo inimigo.

XI — Esvôoco da locação:

Escala: 1 : 100.

Fig. 1.

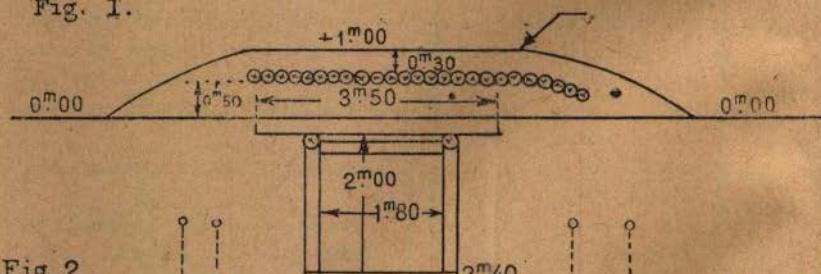
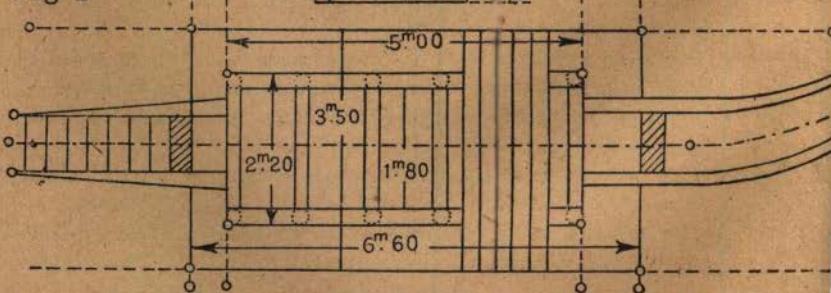


Fig. 2



Unidade	Organização do Terreno Trabalho no terreno	Ficha para o dia: Horas: às
Referência: Curso Const. Abri- gos do Cmt. GUE- RIOT fig. 29.	Assunto: Estaqueamento de um depósito de munição.	Instrutor: Técnica Ficha n.º

I — Objetivo:

Ensinar aos instruendos o modo de estaquear uma obra no terreno.

II — Material:

5 varas, 10 estaqüinhas e 20 metros de cordel.

III — Ferramenta:

1 foice, 1 facãc de mato e 1 macete.

IV — Local:

Morro do Capistrano.

V — Tempo de construção:

1 hora de trabalho.

VI — Pessoal:

1 graduado e 2 praças.

VII — Processo de trabalho:

Trata-se da locação de um depósito de munição, sob abrigo a céu aberto, com 2 metros de lado e 2 metros de fundo.

Traça-se sobre o terreno o eixo principal do abrigo, cravando duas estacas e unindo-as por um cordel, mede-se 1m,20, para cada lado do eixo, incluindo 0m,20, para as ombreiras, em cujas extremidades cravam-se estacas.

As estacas devem ser cravadas, formando ângulos retos com o eixo do abrigo; para traçar essas perpendiculares, utiliza-se um dos processos práticos da geometria, ou o triângulo de cordas.

A figura 1 esclarece melhor o processo a adotar.

Toma-se um ponto sobre o eixo traçado, onde se crava uma estaca, com este ponto como centro e com um pedaço de cordão de um metro de comprimento, traça-se um arco de círculo, a partir do eixo do abrigo. Sobre este arco de círculo, mede-se um comprimento igual a um raio e meio; o centro do círculo e este ponto determinarão a perpendicular ao eixo do abrigo.

VIII — Emprêgo da obra:

Abrigo para um depósito de munição, com capacidade para 125 cunhetes ou seja, aproximadamente, 200.000 cartuchos.

IX — Ensinamentos:

As mais simples tarefas, para serem bem executadas, devem ser fiscalizadas constantemente e acompanhadas em seus mínimos detalhes.

X — Erros a evitar:

Colocar o abrigo em terreno alagado ou nas proximidades de um lençol d'água subterrâneo, e se se dispõe de recursos, fazer uma sondagem do local.

Evitar os lugares planos de fraca inclinação, obrigando a construir entradas, de difícil transporte da munição.

Localizá-los em contra-encostas escarpadas e a coberto dos tiros da artilharia inimiga.

Perpendiculares mal traçadas, por defeitos de execução.

XI — Esboço do estaqueamento:

Escala: 1:50

Fig. 1

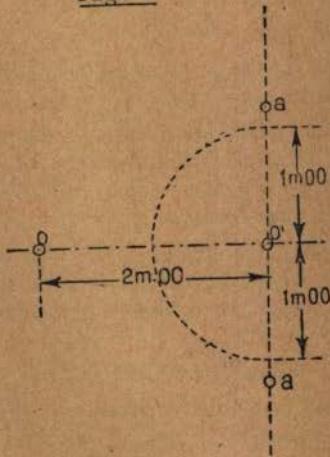
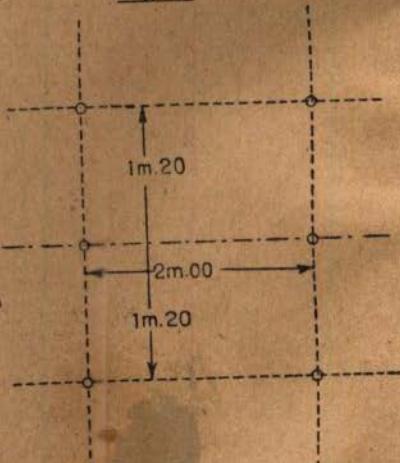


Fig. 2



O terreno como fator de decisão na solução dos problemas táticos

Pelo Cap. PAULO ENÉAS F. DA SILVA

Instr. de Cav. da E. das Armas

"Todo ato de guerra está ligado ao terreno. Por sua natureza...". (R.O.T., 1.ª parte, n. 1)

Em todo problema tático, os fatores de decisão, quando submetidos ao primeiro exame, permitem-nos certas conclusões que, posteriormente, analisadas juntamente com as demais, definem uma ou algumas idéias componentes da decisão final.

Entretanto, nesse exame imediato, nem todos os fatores permitem, com a mesma clareza e precisão, chegar a essas conclusões.

Concretizemos a observação feita:

— **A missão:** basta-nos apreciar os seus termos para concluirmos se se trata de uma operação ofensiva, defensiva, ou que atitude tomaremos em face da ordem recebida. Ela se nos apresenta sempre sob uma forma clara e precisa, indiscutível;

— **O inimigo:** embora represente sempre a grande incógnita do problema, ainda assim, apreciando-o de acordo com a situação e valores definidos, poderemos logo concluir que as suas possibilidades são tais ou quais;

— **Os meios:** êstes representam um dado absolutamente positivo do problema. As suas possibilidades são por nós conhecidas. Basta-nos adaptá-las em seguida à situação e, de acordo com a missão recebida, ao terreno.

Resta-nos o **terreno**. A-pesar de constituir um elemento fixo no problema, exige, não só neste exame imediato, como em um outro mais detalhado, uma **objetividade absoluta**. Do

contrário, as expressões em que geralmente vem definido, nada mais representam que **definições**: zonas de ação, compartimentos de ataque, etc..

O que comumente acontece é o seguinte: tomamos da carta, ou então no próprio terreno, e depois de conhecermos a zona onde cumpriremos a nossa missão, passamos a uma verdadeira contemplação artística; **olhamos** o terreno em lugar de **examiná-lo objetivamente**. Este objetivamente, queremos dizer, de acordo com a missão recebida. Em seguida, após essa contemplação, em que mais apreciamos as formas do terreno, o seu aspecto exterior, e na qual sempre perdemos algum tempo (tempo este precioso, principalmente quando ele representa uma sanção na resolução dos problemas...) cogitamos de concluir alguma coisa que nos servirá de base à nossa decisão. Ficamos então atônitos. Do terreno só pudemos concluir que é movimentado e talvez algo coberto; ou então, que a zona de ação em que vamos operar é **muito larga!** Perguntamos, qual o mal? Justamente essa **falta de objetividade no exame feito**.

Se o problema, por exemplo, é marchar, e já recebemos indicação da região para onde nos dirigirmos, o que solicitar do terreno? Exatamente os elementos que favoreçam, e também aqueles que possam perturbar essa marcha.

Se o problema é, agora, atacar, devemos pedir ao terreno tudo aquilo que nos possa conduzir ao êxito da operação.

Para que possamos dar um exemplo nítido desses pedidos ao terreno, abordaremos o problema do ataque nos seus mínimos detalhes. Vejamos então: a missão diz "o nosso Regimento vai atacar nas seguintes condições:

- **frente de ataque:** limitada por e
- **eixo de ataque:**
- **objetivos sucessivos:** e
- **dispositivo realizado:** às tantas horas.
- **desencadeamento:** às tantas horas.

Façamos inicialmente uma análise dessa missão, separando o que, no terreno, iremos examinar diretamente. O que nos interessa pois, é:

- a frente de ataque (o comportimento em que o Regimento vai operar);
- o eixo de ataque;
- os objetivos sucessivos.

Os demais têrmos da missão são consequências naturais os primeiros, isto é, serão regulados depois de termos estudado convenientemente aqueles.

Com esta, primeira análise simplificamos de certo modo missão a cumprir; vamos então ao terreno com os elementos essenciais da missão; estudá-lo-emos com absoluta objetividade.

Mas, como vamos estudá-lo agora? Façamos uma pequena observação: a nossa missão é atacar; devemos nos lembrar de que o inimigo, para não se deixar vencer, tudo fará para impedir ou dificultar, a execução do nosso ataque. Consequentemente, lançará mão de todos os recursos que o terreno lhe oferece, para a defesa. Adaptará pois os seus meios a forma mais conveniente ao seu emprêgo. Surge como consequão, a necessidade de examinarmos, primeiramente, o terreno no sentido das possibilidades do inimigo. Assim fazendo, poderemos chegar à certas conclusões que ditarão, na maioria dos casos, a nossa idéia de manobra. Teremos definido qual a parte mais sensível da defesa inimiga. Para esse orientaremos o nosso esforço de ataque.

Depois, num exame ligado à missão a cumprir, concluiremos os elementos que ditarão, em última análise, o nosso dispositivo tendo em vista a idéia de manobra assentada. Temos também definido as condições em que este dispositivo será impulsionado, ou em outras palavras, o mecanismo do movimento no ataque.

E para que estes dois exames sejam feitos metódicamente devemos fazê-los nos dois sentidos do terreno: longitudinal e transversal. Cada um deles nos permitirá certas conclusões particulares.

Em seguida a estas observações, passaremos à exemplificação a que nos havíamos proposto.

O TERRENO ESTA' DEFINIDO PELO COMPARTIMENTO DE ATAQUE

- 1) — Seu exame no sentido longitudinal e ligado às possibilidades do inimigo:
- a) onde já se revelaram as resistências do inimigo? De que natureza são elas?
 - b) onde novas resistências se poderão revelar? Neste particular devemos fazer uma pequena observação: não tratar **sómente** de procurar no terreno onde novas resistências se revelarão; em qualquer movimento de terreno poderemos, ou antes, o inimigo poderá localizar um órgão de fogo. Seria um exame um tanto precário. O que nos interessa é saber onde novas armas, revelando-se, poderão influir diretamente ou indiretamente na execução do ataque. Salientamos bem, trata-se de examinar dentro de uma **objetividade absoluta**.
 - c) o terreno apresenta, do lado do inimigo, obstáculos que possam impedir ou dificultar a progressão do nosso calão de fogo? Estes obstáculos poderão ser tornados avassaladores pelo fogo do inimigo? Isso nos é particularmente importante porque nestes pontos o nosso apôio de fogo deverá ser mais intenso.
 - d) onde o terreno apresenta facilidades para o inimigo fazer uso de suas armas de tiro tenso? O escalão de fogo em estas regiões será também mais duramente castigado.
 - e) de onde o inimigo poderá agir com seus tiros de fogo sobre o escalão de fogo? Sabemos que estes tiros são mais temidos no ataque.
 - f) o terreno favorece bons observatórios de onde o inimigo poderá exercer sua vigilância sobre a execução de seus fogos e a do nosso ataque? Quando se dispõe de Artilharia, surge imediatamente a idéia de solicitar os seus tiros com o objetivo de **cegá-los**.
 - g) onde possivelmente o inimigo concentrará as suas reservas. Será daí normalmente que partirão os contra-ataques. Sobre estas regiões concentraremos parte de nossos fogos.

h) finalmente, no caso do ataque surtir efeito, teremos que examinar onde o terreno favorece ao inimigo caminhos de retraimento. Sobre êles faremos alongar os nossos tiros a-fim-de perturbar a retirada.

2) — Seu exame no sentido transversal e ainda ligado às possibilidades do inimigo:

- a) como se apresentam os objetivos sucessivos a atingir? Sua posição relativa; têm comandamento sobre a zona de progressão do nosso escalão de fogo?
- b) em cada objetivo, como se apresenta o terreno com relação às dificuldades que o inimigo apresentará à sua abordagem? Há pontos que tomados comprometem o restante do dispositivo inimigo?

3) — Seu exame no sentido longitudinal e ligado à missão a cumprir:

- a) trata-se de conquistar sucessivamente tais e tais objetivos; consequentemente, devemos verificar se para cada um deles o terreno condiciona alguma parada intermediária, algum movimento de terreno cuja posse interesse antes do objetivo; isso determinará, em via de regra, os tempos do ataque a tal ou qual objetivo.

b) se se trata de levar o fogo tão perto quanto possível das posições inimigas, e com o mínimo de perdas, teremos que verificar se o terreno apresenta corredores não batidos ou caminhamentos desenfiados.

todo ataque desemboca de uma base de partida; esta deve atender a determinadas condições para que seja realmente boa. Então examinaremos no terreno estas condições.

o exercício do comando é condicionado pela compartimentação do terreno no sentido longitudinal, permitindo ou não, as ligações laterais. O exame, portanto, neste sentido, nos permitirá concluir se o comando se poderá exercer ou não, nas condições exigidas.

onde o terreno permite uma boa colocação de nossas reservas?

- 4) — Exame no sentido transversal e ligado também missão a cumprir:
- o que nos interessa mais diretamente é a questão das possibilidades das transmissões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

— Tôdas as observações contidas nos dois exames feitos têm um valor relativo. A comparação recíproca, o balanceamento de suas conveniências, irá permitir ao Comando do Regimento, uma conclusão final que nada mais é que a sua **idéia de manobra**. Esta idéia é geralmente traduzida por uma direção de esforço ou pela divisão do ataque em certo número de fases. De qualquer forma, o terreno foi quem orientou esta decisão. E assim a doutrina do Regulamento base do estudo do terreno — o R. O. T. — foi obedecida.



Cortar os viveres do inimigo foi sempre uma boa norma de guerra

Pelo General de Corpo de Exército AMBROGIO BOLLATI. Traduzido da *Rivista di Commissariato e dei Servizi Amministrativi Militari*, de Janeiro-Fevereiro de 1940, pelo Cel. I. G. ANAPIO GOMES.

As primeiras lutas entre dois homens, entre simples grupos de famílias tiveram origem sem dúvida na caça de um animal, na ocupação de uma caverna apropriada para abrigo contra as intempéries, na posse de uma pele destinada a vestuário, ou seja no imperativo de satisfazer as necessidades materiais diárias, da vida primitiva, utilizando cada um em proveito próprio tudo quanto a natureza apresentava e que se encontrava em poder de outrem submetido a idênticas necessidades vitais, colocada em primeiro lugar a alimentação. Eram lutas corpo a corpo ou com armas rudimentares, tais como pedras e cacetes; não deixavam também de constituir certamente o embrião de assédios destinados a obrigar o adversário a abandonar seu abrigo e a dividir seus alimentos ou dêle privá-lo inteiramente.

Pouco a pouco as lutas foram se estendendo a grupos maiores que deixavam uma parte dos homens guardando as respectivas famílias, os alimentos, as provisões, enquanto outra parte — os mais fortes e os mais ágeis — era enviada a lugares distantes da morada habitual a-fim-de apoderar-se de zonas de pesca, de caça ou ricas de recursos alimentares tirados do solo; ou ainda grupos que, em virtude do esgotamento dos recursos locais de subsistência ou por outros motivos, abandonavam definitivamente sua região em busca de outras mais vantajosas. E' lógico que neste último caso eram adotadas medidas de logística rudimentar, conduzindo o grupo expedicionário os víveres indispensáveis à sua alimentação; e se a região cobiçada era defendida, procurava-se, para vencer a resistência, privar os defensores da possibilidade de explorar os seus recursos normais, devastando e incendiando-

-lhes os campos, dizimando-lhes os rebanhos. Com o objetivo de tirar os recursos do adversário em proveito próprio, era também adotado o processo de quebrar-lhe a resistência fazendo-se-lhe o vácuo em torno, **cortando-lhe os víveres**. E neste ponto a guerra dos tempos prehistóricos não difere muito da dos nossos civilizadíssimos dias, em que aeroplanos, por exemplo, bombardeiam rebanhos das populações coloniais, lançam bombas incendiárias em seus campos e bosques, destroem depósitos de víveres.

E' claro que, com a evolução e o aperfeiçoamento da arte militar sobre o cerco de uma praça forte que protegia ao mesmo tempo o soldado e a população civil (se é que havia alguma diferença entre as duas categorias, visto como homens e mulheres participavam da defesa segundo suas aptidões) — procurava-se sempre principalmente **cortar os víveres** a ambos; e mesmo sob este ponto de vista, a investida contra uma praça nos tempos gálico-romanos, como, por exemplo, Alésia defendida por Vercingetórix contra Cesar, não difere em última análise do cerco de Paris em 1871 pelos alemães ou do de Przemysl, defendida no outono de 1914 e primavera de 1915 pelas tropas austro-húngaras contra o exército russo; o objetivo, além da imobilização das forças adversárias cercadas, era também a posse de uma localidade importante por motivos políticos ou em virtude de razões estratégicas. Mas além do manejo de máquinas de guerra, sejam elas arbaletas ou canhões, o do ataque à viva força, meio eficaz e mais econômico é o que constitue em constranger o inimigo, mediante um cerco apertado, a consumir suas provisões até render-se pela fome, como aconselha Machiavelli no Livro VI da **Arte della guerra**: "Não será mais teu inimigo aquele que te procura vencer com o ferro e que possas dominar pela fome; conquanto a vitória assim não seja tão honrosa, é contudo mais segura e mais certa", conselho reiterado nas normas contidas no Livro VII: "é melhor vencer o inimigo pela fome que com o ferro, porque na vitória com este influe muito mais a fortuna que a virtude" (1).

E' lógico que, em contraposição, as surtidas, além do objetivo de atacar e destruir o esforço dos sitiantes, tem também

(1) Princípios já enunciados por Végécio (século IV-V da era cristã), quasi com as mesmas palavras nos **Epitoma rei militaris**: "melhor é veneer o inimigo pela fome, ou com a surpresa, ou com o pavor, que com a batalha, na qual pode mais a fortuna que o ferro" (Aforismo IV); "magnífico plano de guerra o que visa vencer o inimigo mais com a fome que com o ferro" (Aforismo XXXI).

o de obter víveres para prolongar a resistência, assim também os ataques e esforços de amigos dos sitiados contra os sitiantes, além de terem por fim a derrota destes, visam fazer chegar víveres ao local assediado (o que hoje se pode fazer, se bem que em pequena escala, mediante reabastecimentos aéreos).

Assim, nos **Empreendimentos, estratagemas e êrros militares**, de M. Bernardino Rocca, apelidado **Gambarello** (1556), verificamos no Empreendimento XV que o autor "ensina como o fim do assédio é cortar o reabastecimento do inimigo e que o exército do mar é que leva e suprime a fome nas localidades próximas da costa. O primeiro plano de um capitão ao estabelecer o cerco de uma cidade deve ser o modo de cortar-lhe o reabastecimento"; em seguida cita o exemplo de "Sexto Pompeu que investiu Roma de tal modo com o exército do mar que obrigou Antônio e Otaviano, para não morrerem de fome, a implorar-lhe a paz, que foi estabelecida com grande vantagem para élle". E verificamos aqui que a investida em questão assume o caráter do bloqueio britânico de 1914-1918 contra a Alemanha e do que já está delineado pelos ingleses no conflito iniciado nos primeiros dias de Setembro do ano findo, o qual é respondido — como em 1917 — com a guerra submarina alemã à navegação mercante, de modo a interditar a afluência de recursos de ultramar à Grã-Bretanha.

Nos **Estratagemas militares**, de Júlio Frentino (88-86 a. C.), traduzidos e comentados por Marcantônio Gandini (1574), no capítulo — **Como se lança o inimigo na necessidade** — é recordado pelo autor (e repetido por Machiavelli no Livro. VII) que "Fábio deixou que os camponeses da Campânia semeassem trigo de modo que lhes viesse a faltar o que haviam semeado" e que "Dionísio, estando acampado em Réggio, fingiu desejar fazer um acôrdo com élle (Fábio); durante as conversações procurou abastecer-se de víveres e quando viu o adversário privado de trigo, subniente-o pela fome": "Alexandre (de Épiro), querendo apoderar-se de Leucádia, apoderou-se de todos os castelos que a circundavam, deixando que os habitantes destes — nela se refugiassem, de modo que, aumentando-lhe a população, dominou-a pela fome". E o comentador oitocentista, referindo-se a uma época que lhe ficava mais próxima, narra estratégias idênticos: "Francisco Sforza, a pedido dos milaneses, concedeu-lhes vinte dias de tréguas, pois esperava — dando-lhes êsse comêço de esperança de paz e por ser poca de semeadura — fazer diminuir muito as provisões de

Milão; daí resultou que, devido à grande sofreguidão com que os milanenses procuraram semear trigo, a cidade ficou quasi inteiramente desprovida”; “a fim de que os milanenses não remediasssem a grande carestia de víveres da cidade fazendo sair desta, a pretêxto de procurarem alimentos, muitas pessoas inúteis à sua defesa, o referido chefe não deixou gênero alimentício algum ao seu alcance, obrigando-as assim a voltar a Milão”.

Gandini também relata como os “florentinos, durante a longa guerra que sustentaram para dominar os pisanos (aquela guerra que — como escreve Machiavelli — tinha por fim fazer que os pisanos não colhessem nos campos “nem um grão de trigo, nem um talo de forragem”) — danificando todos os anos os seus trigais e devastando com incursões as provisões que poderiam ser úteis a êstes últimos, reduziram-nos a tal estado de penúria que tiveram que se render sob determinadas condições”.

Em tudo isso encontramos dois conceitos, ambos referentes a — **cortar os víveres**: primeiro, oposição às evacuações, ou seja forçar o aumento das “bôcas inúteis” para obrigar a um esgotamento mais rápido dos recursos e também crear certa pressão contra os dirigentes da defesa; segundo, a interdição dos reabastecimentos mediante ação externa. Tais conceitos foram aplicados em todos os assédios, quer nos tempos atigos, quer na época mais adéantada (1600-1700), em que, a-pesar da aplicação da guerra de movimento, o sistema dos **armazéns** e dos **combôios**, levado ao exagêro, tornava as operações lentas e modestas, tornando-se preferível o cérco à manobra, como acentua Lewal nos **Études de guerre**, tomo primeiro (**Tactique de ravitaillement**), publicado em 1889. De fato, nos autores e escritores de assuntos militares da época, encontramos quasi que exclusivamente referências à tática do sítio, inspirando-se nela tôdas as medidas a serem aplicadas para a obtenção de víveres destinados às próprias tropas e para cortá-los aos sitiados. Acrescente-se todavia o conceito da guerra manobrada, quer sob a forma de guerra de emboscadas com o fim de efetuar golpes de mão sobre combôios de reabastecimento, quer sob o aspecto de manobra visando a posse de armazéns situados à retaguarda das forças inimigas ou interceptar suas fontes de alimentação, cabendo a Montecuccoli a primeira regulamentação a êsse respeito (Veja-se “**Le più belle pagine di Raimondo Montecuccoli**, reunidas por Luigi Cadorna, 1922). No capítulo **Da munição de guerra e de boca** — escreve êle, à semelhança de Machia-

velli: "Quem puder viver sem alimentar-se, parta para a guerra sem as vitualhas necessárias. Mais feroz que o ferro é a fome; mais exércitos destrói a penúria que o combate..." No capítulo "Relativo às fôrças": "Deve infestar-se a forragem do inimigo com elementos nocivos". E no capítulo "Relativo ao fim a atingir" — encontramos a expressão típica: "cortar os víveres ao inimigo; apoderar-se de seus depósitos pela surpresa ou pela fôrça; aniquilar-lhe os forrageadores; destruir-lhe os recursos das imediações, as cidades, os moinhos, corrompendo-os com morbos contagiosos" (era nem mais nem menos a guerra bacteriológica tal como é aconselhada hoje contra as culturas agrícolas e mediante o desenvolvimento de epidemias nos solípedes e no gado destinado à alimentação, guerra aliás aplicada em todos os tempos pelos povos de civilização primitiva e até mesmo um tanto evoluída com poluição da água das cisternas com cadáveres putrefatos de animais).

Impedir a procura e reunião dos reabastecimentos e bem assim o seu transporte, foi sempre uma preocupação dominante, a cargo outrora da cavalaria e hoje também das tropas motorizadas e aviões, levando-se ainda a efeito por meio de destruição ou interrupção das vias férreas, daniificação dos nós ferroviários, das pontes e rodovias de tráfego obrigatório, dos portos a que afluem os recursos por mar, destruição ou inutilização dos meios de transporte, sejam êstes cargueiros, carroças, auto-caminhões, material rodante das estradas de ferro ou embarcações.

Cortar os víveres, frase que acabou por entrar no uso comum, mesmo fora dos domínios da guerra, como meio coercitivo; o pai da província **corta a mesada** ao filho estudante que se diverte e esbanja na capital; o marido abandonado **corta os meios de subsistência** à consorte para forçá-la a voltar ao lar ou pelo menos a respeitar a honra do nome...

* * *

Voltando aos assuntos bélicos: **cortar os víveres** não é sómente recurso de quem toma a ofensiva mas também de quem se defende, de quem se retrai operando uma retirada; assim procedem os russos na retirada de 1812, destruindo tudo atrás de si e fazendo o vácuo diante das tropas napoleônicas, cada vez mais afastadas de suas bases de reabastecimento. Pelo contrário, quem persegue procura — ope-

rando com rapidez — ocupar territórios antes que sejam destruídos os recursos locais, apoderar-se dos depósitos de víveres do inimigo antes que possam ser evacuados ou destruídos; por esse modo consegue-se às vezes resolver situações difíceis, como aconteceu com os 8.º e 10.º Exércitos alemães durante a batalha masuriana de inverno (Fevereiro de 1915) em Wirballen e Wilkowyski, num momento em que o estado das estradas e a aspereza da estação não permitiam que os reabastecimentos acompanhassem as tropas; o mesmo aconteceu com o 9.º Exército alemão apoderando-se dos víveres abandonados na Valáquia pelos rumenos no outono de 1916.

E aqui — quer se trate de recursos locais, quer de depósitos e combôios — é oportuno recordar que os romanos, sóbrios e ao mesmo tempo combatentes e carregadores, não se preocupavam muito com o problema da alimentação, ao contrário das tropas de Alexandre e de Aníbal. Os bando da Idade-Média viviam principalmente com os recursos locais; depois — especialmente na França — predominou o conceito das bases logísticas de operações: armazéns a cargo da administração militar e constituídos com recursos remetidos da retaguarda por meio de pesados combôios ou remessas da própria pátria, mesmo quando as tropas se encontravam em regiões ricas de recursos; o próprio Frederico, o Grande, a-pesar-de suas tropas apresentarem escassos efeitos, preocupa-se continuamente com o modo de fazê-las viver segundo o sistema de armazéns e combôios; os reabastecimentos embarçaçam as operações de modo tal (veja-se Lewal) que, como já se disse, torna-se preferível a tática do assédio à da manobra.

Durante as guerras da Revolução Francesa predominou o movimento; renunciaram-se os armazéns, vive-se dos recursos locais, de maneira que ora é a penúria, ora é a abundância; o próprio Napoleão confia quase que exclusivamente na requisição dos recursos locais e exatamente por isso encontrou-se em condições desastrosas diante do *vácuo* feito pelos russos em 1812. Berthier declara: *Dans la guerre d'invasion que fait l'Impereur, il n'y a pas de magasins...*

Após a queda do Primeiro Império e quasi como uma reação contra o excesso do sistema de viver dos recursos locais, volta-se ao reabastecimento normal, às doutrinas de Louvois, com os armazéns fixos e armazéns-combôios semi-móveis, pesados, resultando daí a lentidão das operações; sucedem-se às remessas excessivas, absurdas mesmo, muitas vezes, como a remessa de forragem da França para Gênova

c de bois para a Criméia. Assim, a campanha francesa de 1859 torna-se lenta e — como escreve Lewal — o sistema de reabastecimento não constituiu a menor causa da guerra defensiva francesa em 1870.

Do lado alemão pelo contrário (consulte-se Ruelle — *Lezioni di logistica alla Scuola de Guerra de Torino*, 1899-1909). aplica-se o sistema de viver dos recursos locais combinados com o dos reabastecimentos da retaguarda (já posto em prática na campanha de 1866 e aperfeiçoado em 1870), de acordo com as circunstâncias decorrentes das operações (2).

Surge depois um fato importante: com o aumento de efectivo dos exércitos, da Revolução Francesa para cá, foi se tornando impossível contar para o seu reabastecimento apenas com os recursos locais; mesmo que estes existam em abundância, mesmo que o inimigo não os tenha destruído ou evacuado — esgotam-se depois de algum tempo, quer pela maior densidade de homens e animais a alimentar em determinada zona, quer também por efeito de desperdício, coisa inevitável mesmo quando o regimento disciplinar é severo; se se trata de guerra de movimento e rápida, faltam tempo e meios para se efetuarem requisições sistemáticas, para repartir e fazer chegar às tropas tudo quanto se encontrou; se se está estacionado, a densidade já aludida acelera o consumo. Surge daí portanto a máxima (que aliás deve adaptar-se às circunstâncias): consumir os recursos locais como se não existissem reabastecimentos da retaguarda e conduzir com a tropa ou fazê-la chegar os recursos necessários ou pelo menos preparar os reabastecimentos da retaguarda como se não existissem os recursos locais. Em resumo: com o aumento de densidade de tropas em determinado eixo de marcha ou determinada zona de permanência curta ou longa, acabamos por atermos ao sistema de contar inteiramente com as remessas da retaguarda, considerando todavia como utilíssima, bem que ocasional e aleatória, a possibilidade de consumir recursos locais. Daí a importância das linhas de comunicações e a constante preocupação de possuirmos tais linhas à retaguarda e bem protegidas, inclusive os flancos, fazendo-se esforços no

(2) O mesmo já havia feito Frederico, o Grande, que, além de organizar armazéns convenientemente escalonados em profundidade, de modo a aliviar os combôios e a dar às tropas maior liberdade de manobra — recorre à exploração dos recursos locais em seu rápido deslocamento de Rossbach para Leuthen (1757). (Veja-se Bastico: *L'evoluzione dell'arte della guerra*).

sentido de realizar manobras que ameacem a retaguarda do inimigo, não só com o fim de obrigar-lhe a combater numa frente invertida e portanto em condições estratégicas ou táticas desfavoráveis ou ainda isolá-lo de suas reservas, mas também, e principalmente, com o objetivo de interceptar-lhe as bases de reabastecimento e ao mesmo tempo apoderarmo-nos das provisões acumuladas em pontos importantes situados atrás da linha de frente e das que se encontram em movimento em direção à mesma frente. Visa-se dest'arte não só privar o inimigo de suas provisões alimentícias como também a vantagem, embora temporária, de aliviar as dificuldades do próprio reabastecimento graças aos recursos do adversário.

"Temporária, declaramos; e assim é porque, pelas já referidas razões de densidade e desperdício, mesmo tais provisões conquistadas ao inimigo se esgotam (como aconteceu, por exemplo, aos austro-húngaros na planície friulana no inverno de 1917-1918), impondo-se novamente o problema — às vezes descurado demais em virtude de cálculos ilusoriamente otimistas — do reabastecimento pela retaguarda. Problema que — supérfluo será dizer-lhe — aparece com toda gravidade quando as tropas se deslocam em regiões inteiramente destituídas de recursos como o Carso ou Bainsizza ou em zonas coloniais desérticas.

* * *

Todavia a expressão **cortar os víveres**, com o aumento das exigências dos combatentes em relação ao caráter da guerra moderna, veio a significar o todo pela parte; os víveres para os homens, a forragem para os quadrúpedes não representam efetivamente — ao contrário de outros tempos — senão numa parte (se bem que a mais vital) de tudo quanto hoje é necessário a um exército para viver e operar; à parte em aprêço, que compreende também a água, deve-se juntar os elementos para alimentação dos veículos automóveis e aviões, ou seja o carburante, os alimentos para as bôcas de fogo, ou seja a munição, tornado um e outra impressionantes pela quantidade. E' preciso juntar ainda as necessidades de fardamento e de equipamento, de material sanitário, de engenharia, tudo em suma quanto é indispensável para que o exército possa subsistir e agir quer ofensivamente quer limitando-se apenas a manter ocupada uma delimitada zona ou a defender uma **linha**, que afinal é constituída por uma faixa com algumas dezenas de quilômetros de profundidade. Conclusão:

hoje em dia **cortar os víveres** significa "interceptar quaisquer reaprovisionamentos".

Durante a guerra mundial, o caráter de guerra de posição que assumiu a luta na maior parte da frente (a tal ponto que se tornaram de fato excepcionais as fases de guerra de movimento) matou sobretudo a manobra, tornando dest'arte impossível, ou quasi, especialmente a manobra destinada a cair sobre as linhas de comunicações inimigas, se bem que isso tenha sido tentado várias vezes; movimento em grande escala tendente a separar grandes unidades de suas bases de reaprovisionamento, não se registrou senão o de Tannenberg e, em proporções menores, o de Augustow durante a já referida batalha masuriana. Todavia conseguiu-se por vezes a apreensão de provisões e a captura de centros de recursos do inimigo, impedindo-se que este os aproveitasse; foi o que aconteceu na Polônia russa, na Sérvia, na Rumânia, na Galícia e em Bucovina, em Veneto durante a ofensiva alemã na primavera de 1918. Mesmo tratando-se de posição não contornável nem atingível mediante a exploração a fundo de um sucesso tático, jamais renunciaremos à tentativa de **cortar os víveres** (em sentido restrito ou em sentido lato) ao inimigo. Assim, os tiros de interdição e de enquadramento da artilharia italiana no Carso, à retaguarda do inimigo que defendia suas próprias posições ou atacava as nossas, tinham por objetivo, além de impedir o emprêgo de reservas, esgotar o adversário interditando-lhe o recebimento de víveres, de água, de munições. Em virtude da experiência assim obtida, os austro-húngaros dotaram suas tropas da linha de frente de uma **provisão de combate** especial, capaz de torná-las independentes das remessas da retaguarda, pelo menos por alguns dias. O mesmo fim de interdição tinham os bombardeios de artilharia de grande alcance e de aviões contra certos nós de estradas, pontos obrigatórios de passagem, linhas de comunicações da retaguarda, estações e linhas ferroviárias. Ainda o mesmo diga-se dos nossos bombardeios com artilharia e aviões sobre as passagens do Piave durante a ofensiva austro-húngara em Junho de 1918.

E' sabido que a causa principal da decisão do inimigo fazendo recuar as tropas da margem ocidental do Piave — foi a crítica situação em relação a víveres e munição em virtude da impossibilidade, graças à nossa tenaz resistência, de abrir caminho através da rica planície e também da impossibilidade de manter-se na pequena testa de ponte conquistada entre 5 e 18 de Junho, em consequência de falta de reabasteci-

mentos. E como a ofensiva inimiga tinha entre seus objetivos principais o de apoderar-se, como aconteceu no outono de 1917, das nossas abundantes provisões e dos nossos recursos locais, para suavizar a situação de tropas famintas e também a do país que se debatia numa crise de alimentação — na realidade nós, com a nossa resistência, **cortamos os víveres** a umas e outro, comprometendo a já escassa capacidade da Áustria-Hungria para continuar a luta.

Situação idêntica surgiu para os alemães em meados de Julho de 1918 no saliente do Marne, tornando insustentável não só taticamente mas também do ponto de vista logístico, em virtude de haver sido interceptada a via férrea de Soissons; daí a sua retirada na noite de 19 para 20.

Na recente guerra da Espanha as atividades da aviação legionária tiveram em grande parte por objetivo **cortar os víveres** aos vermelhos mediante bombardeio dos portos do Mediterrâneo a que afluiam navios carregados de víveres, gasolina, etc., e contra os próprios navios. Durante a última ofensiva do Ebro, a aviação contribuiu grandemente para meter os vermelhos no saliente ocupado em condições semelhantes à dos austro-húngaros em Junho de 1918.

Cortar os víveres pode ser também um meio coercitivo aplicado contra um país neutro ou aliado, ameaçando de cortar-lhe os fornecimentos — ao primeiro, caso não se coloque ao nosso lado e ao segundo, se não atender às nossas exigências de caráter militar. Assim, sobre a nossa atitude nos primeiros meses de 1914-1918 influiu a ameaça inglesa de cessar o fornecimento de carvão necessário ao nosso país, insuficientemente autárquico; do mesmo modo, quando a aludida ofensiva austro-húngara de Junho de 1918 atingiu um ponto morto, o Alto Comando alemão constrangiu o General Arz, Chefe do Estado-Maior austro-húngaro, a ceder divisões da frente ocidental em favor da frente alemã na França apenas tomando a medida de manter suspensa a prometida remessa de 15.000 vagões de cereais, de que a Áustria-Hungria necessitava urgentemente.

* * *

Na recentíssima campanha alemã na Polônia, que deu lugar — ao contrário do que acontecera na guerra mundial — a numerosos círcos de tropas polonesas e em que vimos repetir-se a investida contra praças de guerra — os meios militares tiveram a parte principal na quebra da resistência das

trópas cercadas, mas para a rendição destas contribuiu inegavelmente a impossibilidade de receber víveres do exterior; em relação às praças de guerra, foi adotada a tática da investida para constranger o adversário à rendição em virtude da diminuição dos víveres destinados à tropa e à população civil.

Finalmente, na campanha russo-finlandesa foi constantemente adotada pelos finlandeses a tática de obrigar à rendição as colunas invasoras russas com a intercepção de seus reabastecimentos pela retaguarda.

* * *

Como já assinalamos, durante a guerra mundial assumiu enorme importância, o esforço de ambos os lados no mar para cortar os víveres às nações adversárias; do lado alemão com a guerra submarina sem quartel contra a Inglaterra, que em necessidade absoluta de importações do exterior por via marítima; método de luta que, a-pesar-de não ter atingido (talvez porque só tenha sido iniciado em princípios de 1917) o objetivo de "fazer a Inglaterra dobrar os joelhos", como havia prometido o Almirantado alemão — produziu todavia crises graves entre os Aliados; do lado inglês, com maiores resultados, com o bloqueio das costas alemães do Mar do Norte e com a limitação do tráfego livre dos neutros. Quer se um, quer de outro lado, um bloqueio econômico que tinha por escopo — especialmente da parte britânica — não só causar a fome, mas também interditar tudo quanto alimentava guerra.

Possóny, em seu recente estudo sobre **A economia na guerra total**, traduzido em várias línguas, depois de haver feito um cálculo da enorme quantidade do material necessário numa guerra moderna, mesmo apenas defensiva, e de haver concluído que nenhuma nação — talvez com exceção única dos Estados Unidos da América do Norte — está em condições de se prover com os próprios recursos — chegou à conclusão de que a arma principal numa guerra futura deverá ser decisamente o bloqueio econômico, a ser atingido por meios militares, políticos e também com medidas de caráter financeiro. Em seus cálculos, o referido autor não leva em consideração na realidade os gêneros alimentícios, estando aqui, à nossa opinião, uma grave lacuna de seu trabalho de caráter econômico; seus raciocínios e suas deduções prendem-se principalmente às matérias primas e aos materiais. Toda-

via, é claro que se levarmos também em conta a necessidade de primeira ordem constituida pelos víveres, especialmente tendo-se em vista a resistência interna do país — a referida arma econômica assume uma importância ainda maior.

A **Encyclopédia Britânica** ao tratar, há alguns anos, da substituição dos homens pelas máquinas a-fim-de se obter uma grande economia na utilização do material "homem" e resolver dest'arte a dificuldade de alimentar a guerra mediante novas unidades e novos efetivos — escrevia: "Nós não queremos que a nossa juventude morra na guerra; queremos guardá-la para a paz que virá depois da guerra". Com mais forte razão escreveria o mesmo hoje, visando-se o máximo possível de economia de sangue e pondo-se em jôgo apenas as vidas necessárias para organizar e manter um bloqueio eficaz, terrestre e marítimo; em resumo: ater-se à **estratégia do esgotamento**, da qual Delbrück se tornou expoente na Alemanha.

Arma cômoda evidentemente e que se enquadra nas máximas enunciadas, como já vimos, por Machiavelli e Montecuccoli; que ela seja **menos honrosa** ou menos gloriosa e brilhante como se afirma, pouco importa; não se recorreu por acaso durante a guerra mundial e não se está recorrendo ainda agora a uma arma menos honrosa, para não dizer coisa pior, como seja a propaganda baseada na mentira? (E de lá nós conhecemos alguma coisa em relação à guerra da Líbia em 1911-1912 e à guerra da Etiópia em 1935-1936!).

Em relação à eficácia da arma em aprêço — cortar os víveres em sentido amplo — parece aconselhável que se deposite nela uma grande confiança, dada a incerteza de se conduzir uma guerra a termo vitorioso exclusivamente com os meios militares.

Já na guerra mundial, mesmo levando em conta os resultados obtidos com as armas e que provocaram a queda de várias frentes como Dobropolsie para os búlgaros, na Palestina e na Síria para os turcos, Vittório Veneto para os autro-húngaros (não para os alemães porque a sua frente ocidental não baqueou por força das armas, a-pesar-das vantagens militares conseguidas por Foch, de Agôsto a fins de Outubro de 1918), já na guerra mundial, repetimos, é forçoso reconhecer que sobre tais quedas — inclusive a da frente alemã — tiveram grande influência o assédio econômico contra "a grande praça assediada" constituída pelas Potências Centrais e as condições econômicas dos aliados exteriores, Bulgária e Turquia, especialmente este último. Campanhas inteiras realizadas pelas Potências Centrais tiveram — como bem acentua o relatório oficial autriaco no seu VII e último volume —

o objetivo principal de romper o bloqueio pelo menos numa direção, a-fim-de se obterem recursos do exterior e de fornecer material bélico aos aliados necessitados. Em resumo: campanhas que tiveram o caráter de **surtidas** com fins logísticos. Assim, a campanha de outono de 1915 contra a Sérvia, segundo a intenção de Falkenhayn, como também de Conrad, foi iniciada a-fim-de fazer chegar provisões aos turcos pela linha fluvial do Danúbio e através da Bulgária, tendo Falkenhayn considerado atingido o objetivo quando a aludida comunicação foi estabelecida; a campanha da Rumânia, se bem que iniciada para quebrar a invasão de Siebenburgen, teve no fundo como objetivo a posse dos cereais e do petróleo rumenos da Valáquia, tendo sido ótimos seus resultados econômicos; sobre a ofensiva austro-húngara em Junho de 1918 contra a Itália, já falamos; para finalizar: a campanha austro-alemã na Ucrânia na primavera e verão de 1918, mais do que prestar auxílio ao Estado ucraniano em embrião depois da paz de Brest Ltowsk, teve por objetivo a obtenção de cereais e outros recursos indispensáveis para continuar a guerra. Todavia os frutos de tais **surtidas** ou foram escassos, como aconteceu na Ucrânia, ou se esgotaram depressa na frente com o aumento de consumidores; a Quadrúplice teve afinal que dobrar os joelhos.

Em face do exposto, é o caso de perguntar-se, dados os exemplos de 1918, se o êxito da guerra não foi antes o resultado da situação econômica que da força das armas; e daí por diante, especialmente nestes últimos anos, em que a ameaça de um novo conflito veio se acentuando cada vez mais, chegou-se a algumas conclusões: de um lado, o sentido **defensivo** de criar uma economia nacional em condições de produzir o mais possível (auto-suficiência **relativa**, como a definiu Possony, já que não é possível atingir-se à auto-suficiência **absoluta**), a-fim-de que se possa enfrentar as exigências da guerra sem depender do exterior (tal é, antes de mais nada, a nossa batalha do trigo e bem assim todos os demais empreendimentos autárquicos, convindo acentuar que a mesma coisa fez a Alemanha), procurando-se igualmente alianças e amizades capazes de ampliar a retaguarda econômica; por outro lado, o sentido **ofensivo** de iniciar e manter ativa em tempo de paz militar a **guerra branca** contra os presumíveis adversários, privá-los de alianças, de amizades que lhes possam ser úteis, cercá-los não só militar e politicamente, mas também sob o ponto de vista econômico.

Deste último sistema ofensivo a Itália teve uma experiência pela primeira vez durante o período das sanções, que

tiveram por fim nem mais nem menos que **cortar os víveres**. A experiência faliu inteiramente graças à nossa capacidade e especialmente à nossa vontade de resistir à ofensiva genebrina e graças também à rapidez da nossa companhia da Etiópia. Todavia mesmo depois disso não faltaram vozes aconselhando a repetição do referido sistema contra outras nações; se bem que tais vozes não tenham sido ouvidas, seja pela impossibilidade de aplicação do método, seja pelo temor de provocar uma guerra geral — essa forma de **guerra branca**, de **guerra camouflada** que nunca deixou de existir, equivale a sanções; estão neste caso, por exemplo, certas denúncias de tratados de comércio, como aquela com que os Estados Unidos ameaçaram o Japão relativamente ao tratado de 1909.

No atual conflito europeu (que sob certos pontos de vista já é mundial), a fase polonesa, pela rapidez com que se desenrolaram os acontecimentos, não permitiu certa influência do fator econômico, exceção feito do **corte dos víveres** às tropas cercadas ou assediadas. Todavia a Alemanha aumentou sua **retaguarda econômica** em virtude da ocupação de regiões polonesas ricas de recursos e de suas novas relações com a União Soviética, enquanto a ação da Inglaterra e da França contra as linhas marítimas de tráfego alemão, com a pressão sobre países neutros e com as restrições impostas ao comércio das próprias nações neutras — nada mais é que a aplicação da arma do bloqueio econômico, ou seja a aplicação do conceito de **cortar os víveres** ao inimigo (3).

Parece portanto que o conceito em questão é considerado pelas potências ocidentais (tal como escreveu Possny) essencial para vencer uma guerra em que não se percebe de que modo poderão ser empregadas as importantes forças terrestres de ambos os lados enquanto um dos dois poderosíssimos sistemas defensivos atuais, **Maginot** e **Siegfried**, não fôr destruído e enquanto respeitada fôr a neutralidade das nações que limitam com os beligerantes; as forças navais devem limitar-se à guerra de corso e as forças aéreas — salvo as ações locais de caráter indeciso visando interceptar os reaprovisionamentos da retaguarda — não poderão constituir fator decisivo enquanto não forem empregadas sob a forma de guerra totalitária com o fim de quebrar a resistência interna.

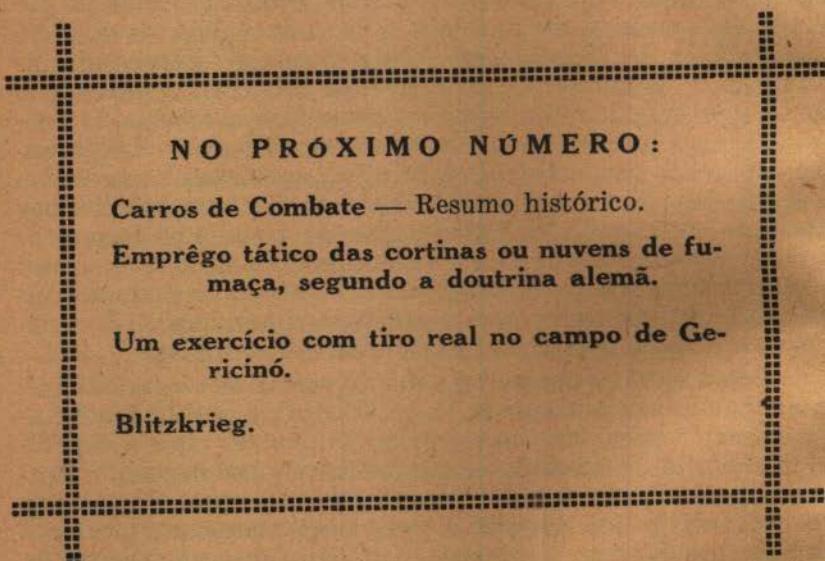
Até mesmo Liddell Hart em seu recente trabalho **The defence of Great Britain** (1939), aconselhando a Inglaterra

(3) Mesmo a realização de grandes aquisições de víveres, petróleo, etc. nas nações neutras para impedir que o inimigo os importe, outra coisa não é que **cortar os víveres** ao inimigo.

— e também a França — a ater-se à forma defensiva pelo menos até que o esgotamento do adversário em consequência de seus ataques repetidos permita a adoção da contra-ofensiva, insiste repetidas vezes sobre a importância da **pressão econômica** como única arma capaz de atingir o objetivo de abater a Alemanha. Ele próprio reconhece porém, que isso implica numa guerra de longa duração; e com mais forte razão o reconheceria agora, dadas as condições favoráveis à Alemanha em consequência dos acontecimentos já apontados e que Hart não poderia prever. E aqui não podemos deixar de observar que se a **estratégia do desgaste**, adotada por Falkenhayn diante de Verdun contra os franceses, acabou por prejudicar mais os alemães que o seu adversário — também a **estratégia do esgotamento** pode produzir consequências análogas. A subversão da economia mundial, a destruição de seus fatores no mundo inteiro, como está acontecendo agora, é ruinosa para os neutros e ruinosíssima para os beligerantes de ambas as partes; e entre êstes, com mais forte razão poderá sê-lo para o que mais tenha a perder; uma perda, por exemplo, de 11 milhões de toneladas em virtude de torpedeados e explosões de minas submarinas como a que sofreu a marinha mercante inglesa em 1917-1918, não pode ser indiferente a uma nação que, a-pesar-de riquíssima, vive especialmente na dependência de seu tráfego marítimo.

Como se vê, a antiga máxima de **cortar os víveres ao inimigo**, que nunca perdeu seu valor, é hoje de absoluta utilidade, mesmo a-pesar-de sua significação não ser mais a significação restrita de outrora, e exatamente por isso mesmo. Resta-nos contudo ver se esta arma poderosa conseguirá abater um adversário que conduz a guerra de maneira superior e firmemente disposto a todos os sacrifícios para não sucumbir. A propósito devemos recordar que o próprio Machiavelli, a-pesar-de enaltecer o sistema de **vencer o inimigo pela fome**, escreveu também: "os homens, o ferro, o dinheiro e o pão constituem o nervo da guerra; mas dos quatro, são mais necessários os dois primeiros, porque os homens e o ferro encontram o dinheiro e o pão, mas o dinheiro e o pão não encontram os homens e o ferro".

E' verdade que esta última afirmação é um tanto exagerada, visto como o dinheiro contribue poderosamente para **encontrar o ferro**. Contudo, as palavras do Secretário florantino ainda exprimem uma grande verdade.



NO PRÓXIMO NÚMERO:

Carros de Combate — Resumo histórico.

Emprêgo tático das cortinas ou nuvens de fumaça, segundo a doutrina alemã.

Um exercício com tiro real no campo de Gericinó.

Blitzkrieg.

Idéias para a organização de uma Lei de Promoções no Exército em tempo de paz

Pelo General MIGUEL DE CASTRO AYRES

As idéias que o Gen. Castro Ayres apresenta, para a organização de uma lei de promoções no Exército, revestem-se de um cunho de autoridade muito particular, dada a sua observação pessoal, durante dois anos, dos trabalhos da C.P.E.

Sem analisar matéria de tão vital importância para o Exército, pensamos, entretanto, em pedir atenção dos nossos leitores para a parte referente a organização dos quadros de acesso para as promoções por antiguidade melhorada. O que aí se lê representa um ensaio merecedor de ponderada meditação.

Uma boa Lei de Promoções, constitue, nos Exércitos bem organizados, o instrumento para a existência de sólidos Quadros de Oficiais, cuja hierarquia tem seus fundamentos no reconhecimento pelos comandados, da ascendência moral e profissional dos chefes.

A Lei de Promoções de Fevereiro de 1891, sem bases sólidas, regulou o acesso dos oficiais, durante largos anos, sendo substituída pela Lei de Promoções de Março de 1934, cuja execução foi suspensa posteriormente, sendo definitivamente substituída pela lei de Promoções de Dezembro de 1937 e em seguida pela de Dezembro de 1939 em plena execução até a presente data.

Grande foi o progresso da nova Lei sobre a de 1891, mesmo assim, falha na apreciação do mérito dos oficiais, não pela sua elaboração, mas pela dificuldade em apurá-lo.

Testemunha que fui durante 2 anos, como Secretário da C.P.E. do esforço ingente dos Srs. Generais membros da mesma, no sentido de indicar ao Governo, dentro da rigorosa justiça, os Oficiais merecedores de promoções, elaborei em Janeiro de 1939 um projeto cujas idéias básicas abaixo transcrevo.

I — DOS PRINCÍPIOS GERAIS DAS PROMOÇÕES

- 1 — As promoções em tôdas as armas e serviços se efetuam segundo os seguintes princípios:
 - De Aspirante a Oficial a 2.º Tenente — pela classificação meritória obtida na Escola Militar.
 - de 2.º Tenente a Capitão — antiguidade absoluta.
 - De Capitão a Coronel — antiguidade melhorada.
 - De Coronel a General de Brigada — escolha.
 - De General de Brigada a General de Divisão — antiguidade.
- 2 — As promoções obedecerão à rigorosa colocação nos quadros de acesso respectivos, com exceção das promoções a General de Brigada ou dos Serviços, que serão feitas por escolha, dentro porém dos quadros de acesso.
- 3 — As promoções serão feitas à proporção que as vagas se abrirem.
- 4 — Os atos de bravura, praticados em lutas internas na defesa da ordem constituida, importam em alta recomendação à promoção, sem prejuízo das condições exigidas por lei para o acesso.

Quando, porém, tiver havido evidente e comprovado sacrifício de vida em ação altamente meritória, devidamente justificada, o Presidente da República poderá, *post-mortem*, promover o oficial por serviços relevantes.
- 5 — As promoções nos quadros de oficiais das armas e dos serviços são da competência exclusiva do Presidente da República.

II — DAS CONDIÇÕES GERAIS PARA A PROMOÇÃO

- 1 — Para a promoção por qualquer dos princípios, é necessário que o oficial possua:
 - a) o curso da arma ou especialidade, fixado em lei ou regulamento;
 - b) idoneidade moral, isto é, não ter sido condenado a prisão por sentença passada em julgado, nem sofrido pe-

nalidade por transgressões, umas e outras ofensivas à dignidade militar;

- c) robustez física indispensável ao exercício das funções relativas ao pôsto, verificada em inspeção de saúde e provas prestadas em épocas regulamentares;
- d) na arma de Aviação é exigido para a promoção ao pôsto de Capitão o diploma da categoria B;
- e) interstício mínimo do pôsto:

Aspirante — Um ano.

2.º Tenente — Dois anos.

1.º Tenente — Três anos.

Capitão — Quatro anos.

Major a General de Divisão — Dois anos em cada pôsto.

III — DA PROMOÇÃO AO PÔSTO DE 2.º TENENTE

- 1 — O acesso ao primeiro pôsto das armas e serviços faz-se, em cada uma, por promoção dos aspirantes a oficial, segundo a ordem de classificação por merecimento na terminação do curso que lhes corresponde. Essa ordem de classificação será mantida mesmo no caso de promoções coletivas.
- 2 — Nenhuma promoção se fará, em qualquer turma, sem que tenham sido promovidos todos os aspirantes a oficial da turma anterior, que satisfaçam as condições estabelecidas na lei, em cada arma.
- 3 — A promoção a 2.º Tenente só se dará se o aspirante, além de satisfazer as condições constantes do n.º 1 do ítem II, tiver irrepreensível conduta civil e militar, e vocação profissional reconhecida por dois terços dos oficiais do corpo de tropa em que servir e juízo favorável do comandante
- O ingresso nos postos iniciais dos quadros de saúde e veterinária será feito mediante concurso entre civis e sargentos diplomados pelas academias ou escolas reconhecidas pelo Governo Federal, na forma que a lei estabelecer.

IV — DAS PROMOÇÕES AOS POSTOS DE 1.º TENENTE E CAPITÃO

- 1 — A promoção aos postos de 1.º Tenente e Capitão, compete pelo princípio de antiguidade absoluta, feitos os descontos de tempo não computável, ao oficial mais antigo em cada pôsto, que além de satisfazer as exigências do n.º 1 do ítem II, possua como tempo de serviço arregimentado, o tempo de interstício mínimo mencionado no mesmo n.º 1 e ítem.
- 2 — Para os oficiais dos serviços (saúde, intendência e veterinária), não será exigido o serviço arregimentado.

V — DAS PROMOÇÕES AOS POSTOS DE MAJOR A CORONEL

- 1 — As promoções aos postos de Major a Coronel, far-se-ão por antiguidade melhorada.
- 2 — São requisitos indispensáveis para a promoção, além dos referidos no ítem II, os seguintes:
 - a) haver o oficial atingido, no respectivo quadro, por ordem de antiguidade, a primeira quinta parte para os Capitães e a primeira quarta parte para os oficiais superiores, feitos os descontos de tempo não computável. Para os quadros constituidos de menos de quinze oficiais, tomar-se-á a metade dos quadros;
 - b) ter ótima conduta civil e militar, comprovada esta pela fé de ofício e consequente conceito no seio da classe e na sociedade civil, a juízo da Comissão de Promoções;
 - c) possuir a cultura profissional necessária, comprovada pelos cursos de formação e de aperfeiçoamento ou da especialidade do oficial;
 - d) ter capacidade de comando e de administrador, pelo menos julgada bôa, pelos diversos chefes, para os oficiais combatentes e capacidade técnica e de administração, para os oficiais dos quadros técnicos e dos serviços;
 - e) contar os oficiais dos quadros das armas, como tempo

batentes e dos Serviços que pertencerem aos ~~entes~~ do Acesso respectivos.

3 — Os oficiais serão excluidos dos Quadros de Acesso:

- a) pela transferência para a reserva, voluntária ou compulsoriamente;
- b) por ter sofrido condenação passada em julgado ou transgressão disciplinar, atentatória à dignidade militar;
- c) por promoção;
- d) por falecimento.

X — DISPOSIÇÕES GERAIS

1 — Regulamento algum poderá conter disposições pertinentes à matéria de promoções, privativa desta lei.

2 — Os oficiais promovidos, até o posto de Coronel, inclusive, serão obrigatoriamente arregimentados, durante metade do tempo do interstício mínimo marcado no n.º 1 do ítem II, não podendo ser nomeados para comissão alguma sem que tenham completado o interstício para a promoção.

3 — É obrigatória a matrícula nos cursos de Aperfeiçoamento, para os Capitães que tiverem satisfeito às exigências do n.º 1 do ítem II, quanto ao interstício.

Colaboram no proximo número:**Gen. HEITOR AUGUSTO BORGES****Ten.-Cel. MARIO TRAVASSOS****Ten.-Cel. LIMA FIGUEIREDO****1.º Ten. HUMBERTO PEREGRINO****1.º Ten. MOACYR RIBEIRO COELHO****1.º Ten. FLAMARION BARRETO LIMA****2.º Ten. FRANCISCO RUAS SANTOS****— e outros.**

de serviço em corpo de tropa, pelo menos metade do tempo mínimo de interstício marcado no ítem II;

- f) estar há um ano no serviço ativo do Exército.
- 3 — Os oficiais dos quadros técnicos e dos serviços, são dispensados da exigência da arregimentação.
- 4 — Para os oficiais do Quadro de Estado Maior, a exigência de arregimentação fica reduzida à metade.
- 5 — É computado como de arregimentação o tempo em efetivo serviço em corpo de tropa.

Corpos de tropa para os efeitos desta lei, são:

- a) as grandes unidades;
- b) as unidades combatentes das cinco armas;
- c) as unidades de trem;
- d) as tropas especiais destinadas à guarda das fronteiras;
- e) as tropas de guarda, de organização semelhante às das unidades combatentes de cada arma.

- 6 — Também é computado como de arregimentado, o tempo passado no exercício das funções de comando, diretores de ensino e instrutores das escolas de formação de oficiais e das armas.
- Não pode ser promovido o oficial da arma de Aviação que não tenha completado o tempo de vôo periódico exigido por lei ou regulamento, nem o que pertencer à categoria extranumerária.
- As manifestações de valor moral e profissional, são apreciadas pelas demonstrações de aptidão reveladas pelo oficial no desempenho das suas próprias funções.

Essa aptidão é estimada em relação aos seguintes aspectos:

- a) caráter;
- b) capacidade de ação;
- c) inteligência;
- d) cultura profissional e geral;
- e) espírito militar;
- f) conduta civil e militar;
- g) capacidade de comando e de administrador;
- h) capacidade de instrutor e de técnico;
- i) capacidade física.

VI — DA PROMOÇÃO AOS POSTOS DE GENERAL

- 1 — Para a promoção ao posto de general de brigada ou dos serviços, é necessário que os coronéis satisfaçam, além das condições exigidas para as promoções aos postos de oficial superior e o interstício do posto, mais as seguintes:
 - a) possuir o Curso de Estado Maior, ou de Revisão, pelo Regulamento de 1920 ou posteriores;
 - b) ter exercido função de comando de Corpo de Tropa, como Tenente Coronel ou Coronel, pelo menos dois anos, consecutivos ou não;
 - c) ter exercido função de Estado Maior, durante dois anos, consecutivos ou não, como Tenente Coronel ou Coronel;
 - d) ter demonstrado possuir integridade de caráter, capacidade de comando e de administrador, cultura geral e profissional elevada e gozar de excelente conceito no seio da classe e fora dela;
 - e) ter atingido o primeiro quarto da relação dos coronéis combatentes.
- 2 — Nos Serviços, em cujos quadros haja o posto de General, as condições referidas nas alíneas a, c e e, são substituídas respectivamente pelo curso mais elevado da especialidade; pelo exercício das funções de maior importância, atribuídas aos quadros, como seja a chefia do respectivo serviço, nas Regiões Militares, durante dois anos consecutivos ou não, como Tenente Coronel ou Coronel; ter atingido a primeira metade de seu quadro.
- 3 — A organização dos quadros de acesso para as promoções a General de Brigada e General dos Serviços, obedecerá ao mesmo processo para a organização dos quadros de acesso para as promoções por antiguidade melhorada.
- 4 — A promoção ao posto de General de Divisão obedecerá à rigorosa antiguidade de posto.
- 5 — O General de Brigada que pelos seus serviços no posto, destacar-se entre os seus pares, o Governo se assim o julgar, nomeá-lo-á até a sua promoção, para o exercício das funções de General de Divisão.

VII — DA ORGANIZAÇÃO DOS QUADROS DE ACESSO PARA AS PROMOÇÕES POR ANTIGUIDADE MELHORADA

A Comissão de Promoções do Exército organizará os Quadros de Acesso:

1 — Tomando por base os seguintes elementos:

- a) Resumo da fé de ofício do oficial, organizado pela Diretoria respectiva;
- b) Ficha de Informações de que trata o n.º 1 do ítem VIII;
- c) Prova de robustez física, de que trata a letra c do n.º 1 do ítem II.

2 — Avaliando em pontos:

- a) O tempo de efetivo serviço;
O tempo de oficialato a contar da data de promoção ao posto de **2.º Tenente**;
O tempo de permanência no posto;
Atribuindo a cada um desses tempos 1 ponto por ano ou fração de 6 ou mais meses.
- b) O tempo de serviço em campanha, atribuindo 1 ponto a cada mês ou fração de 15 ou mais dias;
- c) O tempo de serviço arregimentado, atribuindo 1 ponto a cada ano ou fração de 6 ou mais meses;
- d) O tempo de serviço nos Estados Maiores, atribuindo 1 ponto a cada seis meses ou fração de 3 ou mais meses;
- e) O tempo passado nas funções técnicas ou administrativas, quer se trate de oficiais das Armas ou dos Serviços, atribuindo 1 ponto por ano ou fração de 6 ou mais meses;
- f) O tempo passado em guarnições de zonas compulsórias, atribuindo 1 ponto a cada 6 meses ou fração de 3 ou mais meses;
- g) Os cursos de formação das Armas ou Serviços;
Os cursos de aperfeiçoamento e técnicos;
O curso de Estado Maior;

Os cursos de Informações ou de Altos Estudos, atribuindo a cada um desses Cursos os seguintes pontos:

1 — Regular; 2 — Bem; 3 — Muito bem.

h) Trabalhos de natureza técnico-militar, 3 pontos;

i) Inventos de aparelhos ou qualquer material, úteis ao Exército, 3 pontos.

3 — Aos elogios individuais serão atribuídos pontos positivos para cada elogio; às punições, pontos negativos para cada uma. A diferença dará os pontos — positivos ou negativos — atribuídos ao oficial.

4 — No caso de empate na classificação feita, a Comissão de Promoções desempatará segundo o número de pontos atribuídos a cada oficial, de acordo com o número anterior.

VIII — DO PREPARO E EXECUÇÃO DAS PROMOÇÕES

1 — O Chefe do Estado Maior do Exército, os Inspetores Gerais, os Comandantes de Regiões Militares, autoridades análogas, Diretores de Armas e Serviços, Chefes de repartições diretamente dependentes do Ministério da Guerra, organizarão fichas de informações, uma para cada oficial contendo as manifestações apreciadas no n.º 8 do ítem V, avaliando em pontos na seguinte graduação:

1 — Regular; 2 — Bom; 3 — Muito bom; 4 — Ótimo.

IX — DA EXCLUSÃO DO QUADRO EFETIVO OU DOS QUADROS DE ACESSO

1 — O oficial que não lograr entrar no Quadro de Acesso respeitivo, ao atingir o n.º 1 do seu quadro, será transferido para a reserva, de acordo com a legislação em vigor, pelo menos com o sôlido de sua patente.

2 — Os Coronéis combatentes e os dos Serviços que não possuírem os requisitos para o ingresso nos Quadros de Acesso respectivos, serão transferidos para a reserva, ao completarem 5 anos de pôsto. Serão também transferidos para a reserva ao completarem 7 anos de pôsto, os Coronéis com-

Geografia Militar

Pelo Gen. NEWTON BRAGA.

Um oficial, em geral, mas especialmente aquele que se dedica à estudos especiais que o levarão mais tarde ao alto comando, tem necessidade, e isso não se precisa demonstrar, de se dedicar com método e trabalho, ao estudo dos assuntos que constituem a "Geografia Militar".

E' verdade que até bem pouco tempo discutia-se a matéria e chegava-se a perguntar se existia propriamente uma geografia militar.

Mas o essencial no caso, não é discutir nem criticar a designação e sim enumerar os assuntos que a matéria deve comportar, classificá-los, instituir um método ou métodos de estudo e dizer finalmente, isso constitue a Geografia Militar e é o seu objeto.

A-pesar de já existir uma literatura notável, tratada por vários escritores militares, relativa à matéria, e ter sido mesmo compendiada por C. Porro, nós, quando a estudamos na antiga Escola de Estado Maior, perdemos algum tempo, para satisfazer as exigências do programa, fazendo filosofia sobre a existência de tal disciplina.

* * *

Felizmente, a acentuada tendência objetiva, no domínio dos altos estudos, que caracteriza a nossa época e o grande surto que teve a Geografia em Geral, desde Humboldt, Ratzel, Karl Rihter, Bruhrns, etc. facultou ao homem melhor conhecimento da Terra e da vida que sobre ela se processa.

Camille Vallaux, professor de Geografia da Escola Naval em França, foi mais longe do que os que admitem a exis-

tência de uma geografia militar, pois lançou os fundamentos de uma Geografia Social e sob êsse título geral, compendiou dois trabalhos notáveis "O Solo" e "O Mar", o que nos leva quasi a admitir em relação à êste último trabalho "O Mar", feito sob a influência de Friedrich Ratzel, que existe também uma geografia naval.

De outra forma não se pode compreender o valor das vias e zonas de dominação com bases navais, para o exercício da vigilância restrita sobre as frotas de comércio e de guerra, que a Inglaterra estabeleceu em Gibraltar, Malta, Suez, no Mar Vermelho e no Hindostão e ultimamente em Singapura.

Seguindo o exemplo da Inglaterra os Estados Unidos apossaram-se das Sandwich e das Filipinas, como sinal de dominação marítima que êles pretendem ao norte do Oceano Índico.

As fôrças navais também têm campo estratégico, não tão fáceis de serem delimitados como os dos Exércitos de terra. Para expandir a sua dominação marítima as nações procuram os pontos estratégicos nas proximidades das costas, nos estreitos e nos mares secundários. Conhecê-los em todos os seus aspectos deve ser o objetivo de uma geografia naval, visando as respectivas operações.

* * *

Certo, todo oficial possue uma cultura geral na qual se enquadram noções de geografia física e política, que tais eram as denominações de há bem pouco tempo à esta parte, ou mesmo, com alguma extensão, da geografia econômica, como atualmente se professa nos cursos secundários.

Mas isso não basta, nem satisfaz aos requisitos de um oficial de estado maior, elite da nação, capaz de sentir as emoções profundas que dela se apodere "discipliná-las e dirigí-las". Para tal é preciso que êle seja orientado pelo saber.

Não lhe bastará os conhecimentos teóricos que lhe permitem manobrar as unidades em combate. Essas unidades não se movem como as peças que as simbolizam, num tabuleiro de jôgo da guerra.

E' um conjunto de homens, vivem, têm necessidades. O oficial precisa conhecer com todo o rigor as condições materiais e morais das lutas que tiver de enfrentar.

Ao conhecimento do homem êle terá que juntar o conhecimento profundo do meio, que só a "geografia militar", nos seus três aspectos fundamentais, físico, econômico e humano, lhe poderá fornecer.

* * *

Definamos os têrmos, dizia Voltaire, sem o que confundiremos as idéias e jamais chegaremos a um acôrdo sôbre qualquer que seja o assunto a estudar.

A Geografia Militar é o estudo, em tôdas as suas categorias, do terreno, dos recursos econômicos, das condições morais dos combatentes, tanto no ponto de vista etnográfico como histórico, tendo como finalidade a conduta das operações em determinado país ou região.

O conhecimento do terreno, onde a estratégia giza o largo movimento das grandes unidades e a tática aproveita os seus acidentes, deve ser estudado a fundo, quer no ponto de vista da sua constituição estrutural, geológica, quer quanto à sua configuração orográfica, hidrográfica e dos fenômenos metereológicos que atuam em sua modificação.

Para um oficial de estado maior o conhecimento do solo, das caraterísticas essencialmente militares da geologia é tão importante, que êsse ensino figura em tôdas as grandes escolas militares dos principais exércitos.

Não será possível, qualquer que seja o oficial, compreender um terreno, sem conhecer a sua estrutura geológica. Conhecendo-a êle saberá tirar proveito de suas caraterísticas na escolha de um itinerário, de uma posição defensiva a organizar nas melhores condições para enfrentar a luta.

As fôrças tectônicas e a erosão, determinam o modelado do terreno, a configuração orográfica e sabemos o quanto isso influe na conduta das operações, indicando as zonas onde estabelecer posições fortificados, regiões em que a defensiva se imponha pela própria dificuldade do terreno, permitindo economia de fôrças.

Na mesma ordem de idéias, isto é, o conhecimento do terreno tendo em vista as operações militares, impõe-se o estudo da hidrografia sobre os seus três aspectos: **meios de comunicação** — rios, canais, lagos e lagunas; **como obstáculo** — utilização na defensiva ou estudo dos meios para transpô-los; o problema da água para alimentação dos homens e animais.

Completando o vasto cenário onde se processa a vida — o terreno — que o militar encara sempre como sendo prováveis teatros de operações, resta a Meteorologia, que desde os mais remotos tempos constitue um conhecimento indispensável à guerra.

Esse ramo dos conhecimentos humanos cada vez mais se sistematiza e as suas previsões constituem dados indispensáveis na conduta das operações, sendo os seus serviços absolutamente necessários nos exércitos modernos.

Daí a necessidade de seu estudo, não só no ponto de vista da organização do serviço, mas sobretudo no aproveitamento das suas informações relativas às condições climatéricas, favoráveis ou desfavoráveis às operações, tanto para os exércitos de terra como do ar.

A história militar está cheia de exemplos onde as operações militares de um adversário fracassaram em consequência do desconhecimento das condições atmosféricas ou suas previsões.

São conhecidas as consequências altamente desmoralizantes para os combatentes alemães após as primeiras experiências feitas no emprêgo de gases asfixiantes na guerra passada. O desconhecimento da direção do vento provável, atirou todo o gás para cima das próprias tropas que o lançara.

* * *

No vasto panorama que constitue a geografia militar, tem a geografia econômica um rincão especial, que aos demais se liga num fatalismo que a civilização, com auxílio da ciência e da técnica, vem restringindo.

E' preciso alimentar o homem e o combate. Eis o fatalismo.

A primeira condição era possível, antigamente, com os pequenos exércitos, realizá-la no próprio terreno em que se combatia, satisfazendo-se a segunda pelo transporte.

Hoje são as próprias nações que instituem os ministérios do reabastecimento e das munições.

Uma tropa de superfície, uma vez cercada, tinha os seus dias contados. Atualmente tudo pode receber por via aérea. São êsses os problemas que uma nação em guerra, na época atual, precisa assegurar a solução, no momento mesmo em que ela tem a sua agricultura, indústria e comércio quasi que paralizados pela falta de braços em consequência do apelo às armas de todos os seus filhos.

E' nos Estados Maiores que se preparam os planos de mobilização. Não se trata de um simples problema de intendência ou de serviços diversos e nem de um problema de governo.

Trata-se de fornecer munições e material de toda a espécie ao exército e ao mesmo tempo assegurar a alimentação do resto da nação.

E' ao Estado Maior que compete tudo prover no sentido de elevar ao máximo de rendimento, os recursos nacionais e o que deve ser obtido no estrangeiro.

Como a nação poderá satisfazer êsse duplo problema irredutível se o seu Estado Maior e portanto os oficiais que o compõem, não dispuserem de conhecimentos profundos sobre a geografia econômica do país?

Ele terá que conhecer pelo estudo acurado, todos os recursos para os quais a nação e o Exército terão de apelar nos trágicos momentos da guerra e que constituem objeto da geografia econômica, isto é, agricultura, indústria e comércio.

Na parte relativa ao comércio e com a qual a geografia militar deve ocupar-se, encontramos os centros comerciais; os meios de comunicação terrestre; navegação — mundial, costeira e fluvial; finanças; fôrças motrizes; meios de correspondência telegráficos, telefônicos, rádio-telefônicos.

Como vemos é um vasto programa que só pode ser realizado com trabalho e estudo apaixonado para poder ser mantido em dia.

* * *

Resta-nos finalmente para completar o quadro da geografia militar, a geografia humana, no conjunto de fatores que a constituem, considerados nos dois aspectos essenciais: — geografia etnográfica e geografia histórica.

Nenhum oficial em nossa época e muito menos aqueles que devem estar preparados para conduzirem um exército moderno, cumprirá a sua missão se não conhecer as fôrças morais, o valor dos combatentes, os interesses que os possam guiar, as tradições da raça, espírito combativo e tonus heróico que são fatores predominantes e entrarão em jôgo na luta, no momento da tragédia.

Entretanto, após estudo sério desses dois aspectos da geografia humana, antropogeográfica, estará apto para julgá-los e entendê-los.

* * *

Pensando sobre as características da aviação, a nós mesmos nos pareceu supérfluo o estudo da Geografia Militar aos oficiais componentes dessa arma, uma vez que ela supera todos os obstáculos e vence tôdas as distâncias.

Mas para superar os obstáculos e vencer tôdas as distâncias é preciso conhecê-las e no seu papel de destruidora dos pontos sensíveis, dos centros industriais bélicos, das usinas inimigas, dos portos e canais, das vias de comunicações e dos aeródromos e recursos aeronáuticos, é preciso que o oficial aviador, o estado maior da arma bem como os seus chefes supremos, tenham, tanto como os oficiais de outras armas, conhecimentos sólidos sobre a geografia militar, ou talvez mesmo mais do que êstes, sob o ponto de vista das grandes linhas de obstáculos físicos, porque atuam em região onde, vistos de cima, aqueles obstáculos se sucedem de tal forma e tomando tais aspectos que desnorteiam os que não tem o hábito adquirido pelo estudo, para reconhecê-los e orientar-se.

*
*
*

A Geografia Militar é uma ciéncia objetiva. O seu conhecimento integral marca o valor de um oficial, formando em seu subconsciente um índice seguro do valor de sua pátria e uma estimativa aproximada da importânciados que mais estão em contacto com ela e que êle tenha estudado sob êsse aspecto militar.

Como ciéncia objetiva, ela carece de documentação, que em certa categoria de fatos, precisa ser continuadamente renovada, sem o que se pode ser levado à conclusões falsas ou muito aquém da realidade.

Nas suas memórias, uma das fontes magníficas e cheias de ensinamentos militares, Ludendorff inicia a campanha da Rumânia enraivecido pela resistências da frente francesa, na batalha do Somme, porque faltava pão e petróleo e só a conquista daquele país poderia resolver a crise econômica que ameaçava quebrar a resistência moral do seu país.

Ludendorff dizia que as guerras são sabatinas a que as nações se submetem para saber se têm o direito de viver.

Estudemos pois, com afinco, a Geografia Militar para que estejamos sempre prontos a resolver essas sabatinas, se o destino algum dia a elas nos conduzir.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Organização do trabalho intelectual — Estudo de um catálogo de assuntos de instrução.

As condições geográficas e o problema militar brasileiro.

A transposição de cursos d'água pelas seções de metralhadoras.

Qualidades de um chefe

Pelo Cap. HOCHE PULCHÉRIO

Inst. da Escola das Armas

No surpreendente momento histórico que atravessamos, a témpera e as qualidades dos Chefes estão marcando os destinos das Nações.

Os Chefes Militares, principalmente, assumem perante os povos, responsabilidades que ultrapassam as linhas do Direito, porque só encontram limite no poder das Forças Materiais que forjaram, que organizaram...

Diante destes fatos, o comentário e a discussão não devem ter lugar — só a ação construtiva, merece admiração e respeito.

E' esta a tarefa dos Chefes.

* * *

O proposito e inteligente instrutor de Tática Geral da Escola das Armas, no seu bem lançado artigo, traça as linhas mestras do perfil dos Chefes. E', portanto, de palpável interesse este trabalho.

Um chefe, na acepção da palavra, deve possuir um grande número de qualidades, das quais algumas lhe são inherentes pela hereditariedade, enquanto outras podem ser atribuídas ao seu nascimento, ao meio em que viveu durante a infância e a adolescência e, finalmente, à sua educação.

Sómente aos seres privilegiados é concedido o dom divino de reunir em grau elevado dotes de inteligência, saúde e espírito, aliados a uma autoridade inata e especial, misto de docura e energia férrea, capaz de impor-se, sem esforço, às multidões.

Em todos os tempos, qualquer que seja o clima, seja qual for o Escalão de mando, "um chefe" é qualquer coisa de raro...

Estudando suas qualidades essenciais sob êsse tríplice aspecto — no decorrer dos Tempos, em função da Raça e do Escalão e hierarquia — poderemos chegar a uma conclusão em que ficem ressaltados os princípios que regem a formação dos que são um dia, Condutores de homens.

No passado, o valor pessoal de um Chefe, bastava de para decidir um combate, uma batalha, às vezes uma campanha.

Outra significação não tiveram as vitórias de Alexandre sobre os Macedônios *dez vezes mais fortes* — de Aníbal dominando Roma, a Soberba, durante algum tempo, em seu próprio território — de Cesar triunfando pelo seu gênio em Alésia, Farsália e Alexandria, enquanto nas campanhas de 1813 e 1814, os francês-só eram batidos quando Napoleão ausente. Entre nós citamos o grande Caxias, cuja espada brilhou, sempre invicta, nos campos de combate ou nos de batalha, nas revoluções ou nas guerras.

Mais tarde, com os progressos da Humanidade, os direitos e os deveres do Homem foram sendo codificados e, como corolário lógico, a Liberdade sofreu considerável limitação, restringindo-se assim — naturalmente — o campo de ação daqueles que, possuindo alma de Chefes, viam-se tolhidos num meio em que tudo os asfixiava — Sociedade, Leis, Regulamentos...

Nos tempos presentes, corroborando essa asserção, verificamos que sómente a marcha sobre Roma foi capaz de dar um Mussolini à Itália, o nazismo um Hitler à Alemanha, enquanto na Turquia prestes a desaparecer da Europa, um Kemal Pachá revoluciona costumes, leis, tradições milenárias — e na China opia, um Shang-Kai-Shek, cristaliza em torno de sua pessoa a alma da Raça, procurando redimí-la, dar-lhe coesão, sacudir-lhe o torpor secular...

E' uma fase de transição atravessada pelo mundo e à cuja influência, não escapou sique a grande Democracia americana tendo à frente Roosevelt, o Presidente-Ditador que vai afastando, um a um, os óbices antepostos a suas idéias reformadoras.

Como vemos, a influência pessoal do Chefe, subsiste ainda, contanto que ela tenha ambiente...

E no futuro? Terá um só homem capacidade para arrostar sem vacilações, todos os fatores e circunstâncias desconhecidas no Passado e aos quais a Guerra Integral dará vida?

Sómente os fatos poderão responder de modo cabal à pergunta; somos de parecer, não obstante, que assim acontecerá.

Um CHEFE, segundo os Francêses, deve possuir um temperamento ardoroso (*cœur ardent*), uma vontade firme, um espírito vivo, uma visão clara e um raciocínio calmo.

Essa enumeração, tão simples na aparência, evidencia, nada

obstante, o espírito metódico da raça, apresentando, numa sequência natural, o que deve possuir, em síntese, um Chefe.

Analisemos, para comprová-lo, uma por uma dessas qualidades.

I — TEMPERAMENTO ARDOROSO

Sendo o temperamento uma expressão da capacidade mental, ele se caracteriza pela impulsão constante do espírito numa direção determinada — imprimida em todos os atos.

Um Chefe, dotado desse temperamento, tem idéias próprias, não se submetendo com facilidade às de outrem, ainda que as suas divirjam das comumente aceitas.

II — VONTADE FIRME

Habituado pelo temperamento a seguir incessantemente uma direção determinada, de vez que tenha *dado corpo à idéia* ninguém dela o demoverá tanto mais que o espírito de Decisão já estará fazendo parte integrante do seu “eu”.

III — ESPÍRITO VIVO

Mas, tomada a “Decisão”, afastados os obstáculos palpáveis que porventura poderiam prejudicar uma bôa “execução” é preciso contar com os imponderáveis da guerra.

Dest’arte o Chefe acompanhará os lances da luta um a um, amoldando a Decisão “au fur et à mesure” aos acontecimentos corrigindo ou atenuando as consequências más advindas dos senões evidenciados no desenvolvimento da operação prevista, desde que, é lógico, a situação o permita.

IV — VISÃO CLARA

E’ bem de ver, no entanto, que *esse espírito vivo* deve ser associado a uma *visão clara* da situação, sem o que não poderia o Chefe discernir entre uma *situação de fato a modificar* e uma *outra, aparente, a manter*.

Questão de golpe de vista, de senso de oportunidade, em função dos quais alterará ou não o que tiver sido estabelecido.

V — RACIOCÍNIO CALMO

Daí a necessidade evidente, para o Chefe de possuir um raciocínio calmo, inimigo de precipitações, que lhe permita balancear os dados obtidos, distinguindo entre o “espírito” e a “visão”, ou, ainda, conjugando as observações colhidas por intermédio do primeiro e esclarecidas, depuradas, por assim dizer, pela segunda.

* * *

Os alemães estabelecem que o Caráter é a virtude fundamental para um Chefe, atribuindo-lhe, além das que devem ser comuns a todos os bons soldados, outras qualidades — morais e materiais.

Dão a primazia às primeiras, muito embora julguem imprescindíveis, e com razão, as últimas.

Vejamos agora como as classificam e como podem ser analisadas.

I — CARÁTER

O meio ambiente contribue benéficamente sobre a formação do Caráter, qualidade inata, porém passível de sofrer as influências exteriores e de ser pelas mesmas modificada.

Daí se infere e se comprehende o valor dos fatores — *nascimento, posses, educação* — em relação a todo aquele apto a ser, de futuro, um Chefe.

II — QUALIDADES MORAIS

1.^a — *Vontade firme*

As massas apreciam ter como guias, homens cuja *vontade* se imponha sem esforço, e, somente quem a possua *firme* e em alta dose, estará em condições de fazê-lo.

2.^º — *Confiança em si mesmo*

Essa *Vontade* não existiria sem o complemento natural — a *confiança em si mesmo* único meio de afastar as hesitações tão comuns e que forçam, em regra, aos tímidos a procura da

“melhor solução” e não da “solução a tempo” no caso concreto quasi sempre a única.

3.^a — *Amor da responsabilidade*

Baseado na nobreza e na grandeza de ânimo qualidades inatas, mas que podem ser adquiridas pelo estudo e pela experiência, o amor da responsabilidade permite agir de acordo com as próprias convicções, sem levar em conta consequências possíveis ou mesmo prováveis.

Esta virtude influe na tomada de resoluções enérgicas nos momentos críticos.

4.^a — *Ambição — amor da glória*

O amor da glória, parte integrante da Ambição, não representa para o Chefe nada mais que a legítima aspiração de querer inscrever seu nome na História, perpetuando, por assim dizer, a própria existência.

5.^a — *Imaginação viva*

Necessária a-fim-de que o Chefe esteja em condições de discernir com presteza a situação de suas fôrças em relação à previsível situação do adversário, a-fim-de poder agir em consequência.

6.^a — *Bôa memória*

Consiste no Chefe lembrar-se, a propósito, das lições da própria experiência, de modo a estar em condições de adotar o melhor expediente em qualquer situação e nada esquecer que possa concorrer para o bem estar da tropa.

7.^a — *Espírito inventivo*

Não há, na guerra, situações semelhantes, mas situações, quando muito idênticas e que exigem, consequentemente, soluções originais, de acordo com as circunstâncias — daí, a necessidade para o Chefe, de possuir um espírito criador, inventivo.

8.^a — *Coragem*

O Chefe precisa ter coragem, não apenas a que resulta da flexão, do amor próprio e do sentimento do dever, mas também principalmente, a coragem inata que lhe permita agir “inconscientemente” nos momentos difíceis, dominando, mau grado o

próprio instinto de conservação o *tremor da carcassa vil*, no dizer do grande Turenne.

III — QUALIDADES MATERIAIS

1.^a — *Saúde*

E' a consagração do adágio “Mens sana in corpore sano”. Em verdade, o Chefe sómente poderá ter um espírito vigoroso e lúcido se possuir um corpo sao.

2.^a — *Riqueza*

A riqueza favorece a conservação da saúde e do vigor físico, indispensáveis, como vimos, ao Chefe.

*
* *

Os japonêses acrescentarão, talvez, às qualidades enumeradas para os alemães, a lealdade e a dedicação ao Imperador e bem assim um fervor religioso que toca às raias do feticismo.

Tais são, em sucinta análise, as virtudes essenciais a um Chefe de escalão elevado.

Em escalões inferiores são suficientes, segundo os alemães, a Prudência, a Ousadia, o Golpe de Vista, e a Perseverança, ou então a Inteligência, o Caráter e o Devotamento, na opinião dos francêses.

C O N C L U S Ã O

Do estudo feito, podemos concluir, sem receio de errar, que um Chefe, em qualquer ocasião, em qualquer País e seja qual for o escalão da hierarquia ocupado, constituirá sempre um elemento de valor inestimável, penhor seguro da Vitória — desde que possúa, ou a Centelha do Gênio, como dádiva preciosa de Deus, ou então dotes morais, materiais e de Caráter suficientemente burilados pela Educação, capazes de o levarem acima do nível comum dos homens.

Glória à Nação que contar entre seus Filhos homens de tal jaez !

SIDERURGIA

O encorajante exemplo do Japão

Pelo Major ARISTÓTELES DE LIMA CÂMARA
Do E. M. E.

Iniciando em junho a publicação dos artigos referentes ao necessário desenvolvimento das indústrias básicas, de interesse da defesa nacional, esta Revista mostrou, em largos traços, a situação atual da siderurgia no país.

Pode, assim, ser melhor analisado o excelente estudo do Major Lima Câmara, em que nos mostra a solução dada pelo Japão ao mesmo problema.

De tudo que seu espírito atilado e perspicaz observou e anotou, julgamos oportuno destacar uma conclusão, na qual ressaltam os pontos básicos de tôda realização: — “Basta por hoje, fixando o grande e encorajante exemplo da nação amiga, frisar que todo o êxito japonês reside em dois pontos capitais: VONTADE e ORGANIZAÇÃO”.

A organização do Estado Mandchukuo, conduziu a um importante modificação nas relações internacionais no extremo oriente, que induziu o Japão a proceder a uma reforma total em sua organização industrial e econômica e que “marcou época em sua história” no dizer de Yoshisube Ayakawa, residente da “Japan Industrial Company” (Nisson) com o m de adaptá-la à nova situação.

A superveniência, em seguida, do incidente com a China, onde ser considerada como oriunda da exigência do povo japonês para que fosse estabelecida uma política econômica nacional que considerasse o Japão e o Mandchukuo como uma única unidade.

O objetivo final dos japonêses no atual conflito não pode ser senão o estabelecimento de uma cooperação mais estreita

entre o Japão, o Mandchukuo e a China com o fim especial de desenvolver a indústria e consolidar a paz no extremo oriente (Y. Ayakawa).

Há quem julgue que a atual guerra em que se lançou o Japão e que lhe serve de ponto de evolução, tenha lhe trazido graves dificuldades em virtude da inflação financeira e do retraimento dos negócios.

Observa o Senhor Ayakawa que tal ponto de vista é dogmático e que só pode esposá-lo quem ignora a natureza da estrutura econômica e industrial, bem como as características nacionais do povo japonês.

Salienta que a restauração Meiji demonstra que tal ponto de vista pessimista não é justificado.

A guerra sino-japonesa e a russo-japonesa que se lhe seguiram tiveram por efeito estimular um avanço notável no domínio industrial e comercial japonês. Após, sob a influência da situação criada pela guerra européia, o Japão veio ocupar uma situação dominante no comércio mundial.

Confessa o Snr. Ayakawa que seu país experimenta na hora atual algumas dificuldades em virtude do que chama o "Incidente chinez".

Por força deste incidente, o país presencia os esforços feitos pelo povo japonês, tendo em vista vencer as dificuldades inherentes às contradições entre as suas estruturas industriais e econômicas. Em outros terrenos as dificuldades presentes da nação japonesa se relacionam aos esforços que visam melhorar a situação econômica internacional do país.

E acrescenta: "É necessário que nosso país experimente essa prova para que possa chegar à reorganização de suas indústrias domésticas, conforme as condições novas de economia internacional, chegando-se desta maneira a assegurar em bases novas a potência nacional.

Três fatos caraterizam a evolução atual das indústrias japonesas, e que marcarão época, na afirmativa do Snr. Ayakawa, como já dissemos:

— em primeiro lugar o Japão transfere sua concentração de esforços da indústria leve para a pesada;

- em segundo lugar vai suprimindo indústrias com o nascimento das indústrias novas;
- em terceiro lugar a política de dependência dos aprovvisionamentos de além-mar é substituído pelo aprovisionamento dos seus próprios recursos.

Até agora (1937) as atividades econômicas se concentraram sobre uma indústria de exportação e tiveram como núcleo principal, desde os meados da era Meiji, a indústria deiação de algodão.

Para ilustrar esse fato observa-se que em 1892 as importações dos produtos de algodão elevaram-se a 11.920.000 yens enquanto que as exportações atingiram 550.000 yens somente. As condições econômicas se modificaram de maneira radical e cinco anos mais tarde em 1897, as exportações atingem 16.000.000 de yens contra 19.000.000 das importações. Em 1902 as exportações atingem 26.000.000 de yens as importações caem a 16.000.000. Daí em diante a indústria do algodão no Japão não parou de aumentar e seus produtos adquiriram uma reputação mundial. O quadro abaixo consigna maiores minúcias a esse respeito.

EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DO JAPÃO EM PRODUTO DE ALGODÃO

Em Mil Yens

	1892	1897	1902	1912	1917
Importação de fios de algodão	7253	9881	2108	631	552
Importação de tecidos de algodão	4668	9612	14864	10396	4089
Total	11921	19493	16972	11027	4641
Exportação de fios de algodão	8	13490	19901	51529	113386
Exportação de tecidos de algodão	544	2512	5998	25761	127458
Exportação de outros produtos de algodão	—	339	940	14104	48033
Total	552	16341	26839	81394	288877
Balanço	11369	+ 3152	+ 9867	+ 70367	+ 284236

Assim o déficit de 11.369.000 de yens se transforma em um quarto de século em um saldo de 284.236.000 yens.

Em seguida à grande guerra a situação da indústria do algodão no Japão se desenvolveu rapidamente ao ponto de se tornar rival da Gran-Bretanha.

Em 1913 a indústria inglesa ocupava o primeiro lugar nos meios algodoeiros internacionais; exportava 7.775.000.000 de jardas de tecidos de algodão e 327 de fios de algodão; ao passo que o Japão exportava 300.000.000 de jardas de tecidos e 460.000 de fios de algodão. Em 1917 as exportações de tecidos de algodão japonês atingiram 800.000.000 de jardas. Nesta ocasião diversos países iniciaram uma política restritiva com o fim de impedir a importação de produtos japoneses e a China, principal mercado japonês, começou a tratar de sua indústria de algodão.

O Japão iniciou a procura de novos mercados; entretanto, o mercado mundial tem limites.

A formação dos chamados "blocos econômicos" e em particular o **Barter System** criam condições extremamente desfavoráveis ao Japão.

Tal era a situação (1937) da indústria ligeira do Japão, que constitue o núcleo dos meios industriais desse país.

Nesta conjuntura é que o **Dai Nippon** resolveu modificar a estrutura industrial do país para fazê-lo passar da concentração de esforços sobre a indústria ligeira, para a concentração sobre a indústria pesada.

O incidente da Mandchuria ainda mais acelerou essa tendência.

Em 1930 a indústria de fiação no Japão representa 2.173.000.000 ou seja 36,5% de produção total das indústrias do país; em 1935 essa produção aumenta e atinge 3.552.000.000 mas a proporção em relação ao total cai ao 30,9%.

Por outro lado a produção metalúrgica que, em 1930 era de 501.000.000 de yens, ou seja 8,25% da produção total, eleva-se em 1935 a 1.881.000.000 ou seja 17,4% do total.

Sabido que no mesmo período a produção de máquinas e utensílios aumentou de 1,8% e que os produtos químicos

tiveram um aumento de 1,5 % pode-se afirmar que a indústria pesada e a indústria química realizaram sérios progressos.

O quadro abaixo sintetiza as modificações que se produziram nos diferentes produtos das indústrias japonesas durante os últimos anos:

PRODUTOS INDUSTRIALIS DO JAPÃO

Em Mil Yens

	Montante	%	Montante	%
indústria de fiação	3.332	39,9	2.171	36,5
indústria de metal	1.881	17,4	501	8,7
indústria de máquinas e utensílios	1.462	13,5	692	11,7
indústria cerâmica	283	2,6	162	2,7
indústria química	1.813	16,7	901	15,2
indústria da madeira e seus produtos	248	2,3	162	2,7
Imprensa	222	2,1	192	3,2
indústria de provisões	1.168	10,8	954	16,0
as e elétricidade	21	0,2	17	0,3
outras indústrias	381	3,5	193	3,3
	10.836	100,0	5.954	100,0

Vemos por êste quadro que a produção da indústria japonesa subiu em um quinquênio de 5.950.000.000 de yens em 30 a 10.000.000.000 em 1935.

Convém igualmente notar que a indústria de fiação, que representava 36,5 % da produção total foi progressivamente substituída pelas indústrias metalúrgica, de máquinas e pela indústria química no tocante a importância relativa nos meios industriais.

Examinemos no momento (1937) a situação da indústria ada.

indústria de ferro atinge a produção de 1.090.000.000
além; a de máquinas e utensílios comprehende a cifra de
600.000 de yens; os produtos da indústria de construções
ais somam 205.000.000 de yens; a indústria química atin-
em valor 260.000.000 de yens.

O quadro adiante pormenoriza êsses dados:

	Produção	N.º de usinas
Indústria do metal:		
Indústria do ferro	1.099.107	368
Indústria do cobre	82.272	52
Indústria da fonte e fundição . .	86.403	1.484
Indústria de máquinas e utensílios		
Indústria das instalações elétricas	167.238	582
Indústria do fio elétrico isolado e do cabo	102.208	102
Indústria do material rodante . .	257.367	1.508
Indústria das construções navais .	205.869	395
Indústrias químicas:		
Indústria dos produtos químicos .	228.906	396
Indústria de anilinas e produtos intermediários	59.706	57
Indústria dos produtos de borracha	136.787	767

O desenvolvimento da corrida armamentista nos diversos países acarretou igualmente sérios esforços do Japão no sentido de lhe permitir completar seus armamentos em relação ao potencial do país, e daí a enorme expansão de sua indústria bélica, principalmente a de munições.

Estando intimamente ligadas as indústrias metalúrgicas, de máquinas e utensílios e as de munições, ocupando uma posição de base entre o conjunto das indústrias do tempo de paz, o pedido de produtos de cada uma dessas indústrias aumentou de maneira rápida desde 1936 e provocou a elaboração de um plano extraordinário para as indústrias em conexão com a das munições.

Durante o ano de 1936 os aumentos de produção foram enormes em vista dos acontecimentos que todos conhecemos e que forçaram as usinas de indústria pesada nipônica a trabalhar dia e noite, fazendo com que o Japão se baste a si mesmo no tocante ao seu aprovisionamento bélico.

Basta referir que no primeiro semestre de 1936 só para pagamentos sôbre as ações de capital e obrigações novas registrou-se a cifra impressionante de 1.890.000.000 de yens.

A produção teve aumento tão vultoso que se verificaram lucros de 15 a 20% no segundo semestre de 1936 e que o quadro abaixo resume:

	%
Matérias corantes	24,9
Metal	19,7
Material rodante	18,1
Ferro e aço	15,9
Aparelhagem elétrica	20,6
Produtos químicos	18,8
Outras máquinas	17,6
Minas	15,9

Estes resultados fizeram com que o Japão voltasse então suas vistas para o problema verdadeiramente complexo e urgente de seu aprovigionamento em matérias primas. Em outra oportunidade tratarei dessa questão.

Basta por hoje, fixando o grande e encorajante exemplo da nação amiga, frisar que todo êxito japonês reside em dois pontos capitais: vontade e organização.

E' por certo o caminho pelo qual envereda o Estado Novo. Recordemos, entretanto, que a primeira vez que se tentou, de modo mais franco, a fundação da indústria siderúrgica em nosso país foi em 1809, sob os auspícios de D. João VI; e sabemos também que se descobriu o minério de ferro no Brasil em 1589, no município de Sorocaba, Estado de São Paulo, seguido logo de tentativas infrutíferas de exploração, todas elas proibidas pela Metrópole.

Notemos que entre a nossa primeira iniciativa e a ascensão ao trono do Imperador Meiji, passou-se meio século e até hoje o país não tem a indústria siderúrgica de que carece.

Confiemos, porém, em que o Estado Novo nos dê mais esse imprescindível elemento de vida.

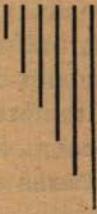
E' sem dúvida a invejável situação que o Japão desfruta que deu origem à declaração que estão prestes a serem lançados ao mar oito couraçados de quarenta e cinco mil toneladas.

Que direito mais sagrado que o de permitir um melhor parelhamento militar de um povo?



SECÇÃO DE PUBLICIDADE

**Diariamente — das 9 ás 12 horas e das
14 ás 16 horas.**



As Condições Geográficas e o Problema Militar Brasileiro

(ENSAIO)

Pelo Ten.-Cel. MÁRIO TRAVASSOS

I — INTRODUÇÃO

1 — Para a necessária compreensão do presente **Ensaio**, algumas observações preliminares devem ser feitas, quer quanto à **amplitude** dos termos que o exprimem, quer em relação ao **método** de tratamento das questões.

2 — As **condições geográficas** serão apreciadas, apenas, em suas grandes linhas, isto é, no sentido restrito de definir-se o fácie geo-militar do país, em sua complexa feição continental-marítima.

O **problema militar** não excederá os justos limites da fixação de uma estrutura das forças e do equipamento militar do território no quadro do fácie geo-militar admitido para este, abrangendo, conforme as conveniências da exposição dos assuntos, as forças de terra, do mar e do ar. Assim ficará atendida a característica essencial da guerra de nossos dias que é o emprêgo, em larga escala, do princípio de cooperação.

3 — O **método** variará segundo a natureza das questões.

Para as questões geográficas será usado o **método induutivo**. Esse método, não só virá em auxílio dos leitores menos familiarizados com os fenômenos geográficos, como conduzirá, de modo mais expontâneo, às conclusões procuradas.

Para as questões militares, ao contrário, adotar-se-á o **método dedutivo**, por isso que do fácie geo-militar do território é que se deve chegar à estrutura das forças e do equipamento militar do país.

4 — Assim entendidos, o presente **Ensaio** será, nem mais nem menos que modesta contribuição para uma introdução à Geografia Militar do Brasil.

II — OS FATORES GEOGRÁFICOS

5 — A influência dos fatores geográficos na solução da generalidade dos problemas da vida moderna é questão passada em julgado.

A essa influência, cada dia mais predominante, deve-se, sem nenhuma dúvida, os sucessivos desdobramentos da ciência Geográfica. A Geografia Política, a Geografia Econômica, a Geografia Social e tantas outras manifestações dos conhecimentos geográficos (Fitogeografia, Zoogeografia, Paleogeografia, Antropogeografia, etc.), representam o esforço de adaptação desses mesmos conhecimentos às necessidades impostas pela interpretação dos fatos.

Os incessantes desdobramentos da moderna Ciência Geográfica chegam mesmo, em certos casos, a criar embaraços na definição de suas fronteiras. E' corrente, por exemplo, fazer-se geografia social na crença de que se esteja fazendo geografia humana ou fazer-se geografia política julgando-se fazer geografia econômica, e assim por diante.

6 — E' evidente que, em se tratando do problema militar, não interessa muito abrir discussão em torno dos limites entre os múltiplos desdobramentos da Geografia, inclusive porque, quando se faz Geografia Militar, faz-se um pouco de cada um daqueles desdobramentos da ciência geográfica, sem que, entretanto, se faça, em particular, nenhum deles.

O mesmo acontece com as doutrinas geográficas, em relação as quais não interessa tomar-se partido. Tanto convém, ao tratamento das questões geo-militares, o espírito sistemático da doutrina alemã (Ratzel), como a flexibilidade da doutrina francesa (De la Blache). Em regra, aquela nos dá o valor absoluto dos fatos, esta seu valor relativo.

O que melhor se recomenda no tratamento geográfico do problema militar, é precisamente um **esforço de síntese** para a fixação dos **fatores geográficos fundamentais**, daqueles que se encontram na base dos fenômenos geográficos, qualquer que seja o campo de pesquisa e qualquer que seja a doutrina geográfica.

7 — Se bem contrabalançadas as questões geográficas, verifica-se facilmente que a morfologia geográfica e o clima, bem como as regiões naturais e os gêneros de vida são, afinal, as coordenadas de qualquer daquelas questões.

A morfologia geográfica se relaciona com o sub-solo e, se conjugada à climatologia (flora e fauna), dá lugar à determinação das regiões naturais, complexo que, por sua vez, condiciona os gêneros de vida.

Assim é que a morfologia, o clima e suas consequências imediatas que são as regiões naturais e os gêneros de vida podem ser considerados como os **fatores geográficos fundamentais**.

8 — Se bem examinadas as recíprocas reações entre

esses fatores, ainda seria possível reduzí-los a uma expressão **mais simples e mais geral**, admitindo que êles se manifestam num determinado **espaço geográfico** e se encontram referidos a determinada **posição geográfica**.

O **espaço e a posição geográfica** seriam, então, a expressão mais simples e mais geral dos fatores geográficos fundamentais. Não há dúvidas sôbre que, no estudo de um **problema geral** qualquer, é pela judiciosa apreciação da **natureza do espaço** e pela **caracterização da posição** do território em aprêço, que se deve começar.

Entretanto, convém lembrar, que certos fenômenos inerentes ao **espaço geográfico**, se apreciados em posições geográficas diversas, podem apresentar-se de maneira diferente e, inversamente, certos fenômenos ligados à **posição geográfica podem** diversificar-se em função da natureza de determinado **espaço geográfico**.

Seja como fôr, sómente quando se queira pormenorizar as questões é que se terá de considerar, em particular, os **fatores geográficos** aqui chamados de **fundamentais**, para sôbre êles se calcarem conclusões de algum modo referidas a qualquer dos desdobramentos da Geografia.

10 — Nos limites traçados para êste **Ensaio**, a apreciação do problema militar brasileiro não acarretará recurso aos fatores geográficos fundamentais senão na medida do indispensável a melhor esclarecer aspectos ligados ao **espaço e à posição**.

Com êsses dois termos da sintética expressão dos fatores geográficos, é que se jogará, pôsto que não se irá além das linhas gerais, da estrutura do problema militar brasileiro.

III — O ESPAÇO E A POSIÇÃO GEOGRÁFICA

11 — O **espaço geográfico** é uma porção de terra que se considera definida por limites bem determinados, no caso de um país, por suas fronteiras. A **posição geográfica** resulta da necessidade de situar-se um espaço geográfico qualquer, para melhor apreensão dos fenômenos geográficos nele manifestados.

Quando se trate de questões de ordem geral, como é o caso vertente, **situar** um espaço geográfico não é apenas referí-lo às longitudes e latitudes, como pode parecer ao primeiro relance, mas fazê-lo de modo a verificar-se sua maior ou menor conexão com o mar — o grão em que se manifestam as influências marítimas sôbre o **espaço geográfico** como natural expressão de fôrças continentais.

E' que o mar exerce na dinâmica político-social-econômica papel de verdadeira fôrça motriz.

12 — Se as influências marítimas se exercem **diretamente** sobre o espaço geográfico, será forçoso encarar-se as **recíprocas reações** entre a terra e o mar.

Em tais casos, deve-se distinguir o espaço geográfico propriamente dito (interior) e o **espaço litorâneo**, isto é, a faixa de terra que sofre **imediatamente** as influências marítimas.

Como é facilmente comprehensível, o espaço litorâneo apresenta uma superfície de largura variável, segundo sua maior ou menor aptidão, ao longo de seu contacto com o mar, à penetração das influências marítimas. Essa penetração pode ser considerada do ponto de vista biológico (flora e fauna), pela transição do clima marítimo para o continental, ou referir-se ao grão de vinculação entre as linhas de circulação marítima e linhas continentais de menor resistência ao tráfego, justo o aspecto que interessa aos objetivos d'este **Ensaios**.

13 — Na consideração de um espaço geográfico qualquer, em contacto direto com o mar, ainda será indispensável levar-se em conta outros aspectos além dos que se prendem à **natureza** do espaço litorâneo:

- se êle é banhado por um só mar ou por mais de um mar;
- se no caso de ser banhado por um só mar se há, por detrás do espaço geográfico em aprêço, outro ou outros, cuja fôrça continental se some ou não à sua própria fôrça continental.

Segundo seja o caso, as **recíprocas reações** entre a terra e o mar poderão processar-se de modo diverso e, em circunstâncias similares, admitir certas variantes ou simples modalidades.

14 — Por fim, na estimativa dessas **recíprocas reações** entre a terra e o mar é essencial apreciar-se a própria configuração do espaço geográfico referida às longitudes e latitudes, isto é, se se desenvolve equitativamente em relação aos paralelos e meridianos ou se preferencialmente no sentido dos paralelos ou dos meridianos.

Conforme seja a configuração do espaço geográfico, aquela estimativa se simplifica ou se complica, como acontece a um espaço geográfico longelíneo, banhado por um único

mar, em que as compensações continentais-marítimas se tornam complexas.

IV — O CASO BRASILEIRO

15 — Não é preciso grande esforço para concluir-se da complexidade do caso brasileiro, se apreciado à luz dessas premissas.

16 — Seu espaço geográfico total se desenvolve preferencialmente no sentido dos meridianos, desenvolvimento longitudinal que acarreta uma série de problemas inherentes à variação das latitudes, dentre os quais deve ser citado o do desequilíbrio demográfico e econômico entre o Norte e o Sul.

Além disso, é banhado por um único mar. Esse fato, agrava de muito a tendência da ecumeno para se tornar mais densa no litoral que no interior, cuja evolução se torna demasiado lenta.

17 — Seu espaço litorâneo se apresenta sob várias modalidades, naturalmente quanto a sua maior ou menor aptidão a vincular-se com o mar (largura, natureza, linhas de menor resistência) e, assim, estabelece peculiaridades dignas de nota.

E seu interior cobre outros espaços geográficos de marcada força continental — quanto aos países andinos pela pequena força de atração do **Pacífico** que os inclina para saídas no Atlântico, quanto aos países centrais por sua própria condição de mediterrâneos. (Bolívia e Paraguai).

18 — E é preciso que se não deixe de insistir sobre a natureza do mar que banha o espaço geográfico brasileiro — o **Atlântico Sul** — como o mais rico dos oceanos em feixes de circulação, por meio dos quais se projetam as mais dinâmicas costas de condensação do mundo.

A-pesar-de seu papel de denominador comum para toda a vertente atlântica do continente e, especialmente para o espaço geográfico brasileiro, é importante que se considerem os ângulos de incidência das linhas aéreas e marítimas sobre suas costas. Essa incidência, se conjugada à natureza do espaço litorâneo e, mesmo, a do interior, contribue em grande parte para a caracterização dos portos que, diga-se de passagem, podem ser de importação e exportação (projeção continental), de grande ou pequena cabotagem (periféricos) e de grande raio de ação (valor militar).

19 — Diante de tal complexidade, a justa apreciação dos fatos geográficos no caso brasileiro — direta e intima-

mente ligados ao espaço e à posição como a expressão mais simples e mais geral dos fatores geográficos — requer um **processo de análise** adequado à sua própria caraterização.

Esse processo de análise, para que dê todos os necessários resultados, deve levar em conta, simultaneamente, a incidência das influências marítimas, a natureza do espaço litorâneo (permeabilidade) e as reações do interior, contra ou a favor do mar, inclusive como zona intermediária entre o mar e os espaços acaso cobertos por aquele.

20 — Sómente por um tal processo analítico, poder-se-á chegar a **sínteses parciais** em que se verifiquem uma mesma **ordem de fenômenos**, ou seja a determinação parcelada do fáceis geográfico do país, em condições de ser consolidada por uma **síntese de conjunto**.

Em que pesem a amplitude e complexidade do **espaço** e da **posição** do território brasileiro, deve-se encontrar os meios de resumí-lo em suas linhas essenciais, ao em vez de consentir-se que mesmo os melhores esforços se percam nos meandros de sua própria complexidade e amplitude.

V — ZONAS GEOGRÁFICAS

21 — A aplicação do processo analítico acima preconizado se revela particularmente apto às conclusões que se procuram, em consequência da feição continental-marítima do espaço geográfico brasileiro e da extensão admitida para o exame de seu problema militar.

De sua aplicação resultam três **zonas geográficas** distintas, delimitadas, grosso modo, no Eshôco I. Essas zonas geográficas nada tem de comum com o conceito das **regiões naturais**, por isso que não se consideram senão a morfologia do espaço e sua **posição**, em relação ao mar e a outros espaços cobertos pelo **interior**. Essa delimitação responde, por enquanto, quasi que exclusivamente ao **sentido absoluto** do espaço geográfico brasileiro.

22 — Assim é que uma dessas zonas se encontra ao Sul do paralelo de **Belo Horizonte** e as duas outras ao Norte desse mesmo paralelo e respectivamente a **Leste** e a **Oeste** do meridiano da foz do **Tocantins**.

Essas linhas, por sua rigidez, não se prestam a uma delimitação rigorosa de cada zona, capaz de permitir um estudo do pormenorizado das questões. Elas satisfazem entretanto às necessidades da aplicação do **processo analítico** a que serão submetidas as zonas geográficas ou seja, à apreciação dos fatos simultaneamente ligados à incidência das influências marítimas, à permeabilidade do espaço litorâneo e às

reações do interior, tanto quanto possam interessar aos objetivos que aqui se tem em vista.

23 — **A zona do Sul** é caracterizada por fraca incidência das influências marítimas; pela ocorrência da barreira da **Serra do Mar**, como espaço litorâneo, e por um interior fortemente vinculado a espaços mediterrâneos.



A fraca incidência das influências marítimas se verifica, principalmente, pelo afastamento a que a costa se encontra dos grandes feixes transoceânicos de circulação.

A natureza do espaço litorâneo se soma a esse fato ne-

gativo em relação ao mar, devido à sua baixa permeabilidade em razão do pequeno número de abertas serranas e dos difíceis itinerários que levam a estas.

O interior entretanto, reage de modo decisivo a favor das influências marítimas, quer por meio dos grandes vales Leste, -Oeste do planalto (**Rio Grande, Tieté, Paranapanema, Iguassú, Uruguai**), quasi sempre concordantes com as abertas serranas, quer pelas pressões dos espaços mediterrâneos que lhe ficam por detrás.

24 — Sómente, no **extremo Sul**, o rebatimento da **Serra do Mar** sobre o interior, a feição fluvial do espaço litorâneo (lagoas e seus formadores) e as atrações do **Prata** sobre o interior, modificam a caracterização geral da zona geográfica do Sul. Em compensação essa situação particular do Rio Grande (extremo Sul) poe em equilíbrio as fôrças continentais e marítimas, aquelas fomentando o desenvolvimento de comunicações longitudinais, por trás da **Serra do Mar** (São Paulo-Rio Grande), estas fomentando a viabilidade da barra do **Rio Grande**, da **Lagoa dos Patos** e seus formadores principais.

25 — De modo geral, porém, a preponderância de fôrças continentais concentradas num interior mais ou menos favorecido pelo clima e pela riqueza mineral e aptidão agrícola e pastoril (fatores geográficos) e dobrado por espaços mediterrâneos, gerou a tendência para a procura do mar, um dinamismo de dentro para fóra (continental-marítimo). Daí surgirem os grandes portos de **importação e exportação** do Rio e de **Santos** e em segundo plano, devido a dualidade do extremo Sul, os portos do **Rio Grande** e de **Pôrto Alegre**. Todos os demais portos não passam de portos de **pequena cabotagem**, devendo-se notar, todavia, a tendência à especialização dos portos carboníferos (ao Sul) e do pôrto de **Vitória** (exportação de ferro).

Não se deve deixar de assinalar a presença de ilhas litorâneas ao longo de grande parte da costa, como estimuladoras da transformação de certos portos de cabotagem em portos de grande raio de ação (portos militares).

26 — As **zonas geográficas do Norte** apresentam uma caracterização verdadeiramente oposta a da zona geográfica do Sul e por sua vez, se diversificam de modo apreciável.

De modo geral, essas zonas geográficas se caracterizam por forte incidência das influências marítimas, correspondentes como são à menor largura da área marítima atlântica; por um **espaço litorâneo**, de extrema permeabilidade, em consequência de numerosos rios de feição litorânea (recôncavo

baiano e Nordeste) e de grandes caudais desaguando no mar (São Francisco, Parnaíba, Tocantins, Araguaia, Amazonas); por um **interior** fortemente vinculado a fôrças continentais segundo modalidades diferentes.

Tanto o **espaço litorâneo** como o **interior** das zonas geográficas do Norte merecem exame em separado, justo por que naqueles aspectos é que elas se diversificam.

27 — Na **zona geográfica setentrional de Leste** o espaço litorâneo é concêntrico, em relação ao massíco central e o **interior** se mostra muito apto, por suas linhas de menor resistência (vales do S. Francisco e do Tocantins) à repercussão das influências marítimas sobre o próprio centro geográfico do país.

Na zona geográfica setentrional de Oeste o espaço litorâneo — eixado pela calha do Amazonas e espaiado, de modo mais ou menos difuso, pelas caudais de seus afluentes — manifesta em profundidade, abrangendo, praticamente, toda a imensa área em que apenas se transita à procura de egiões favoráveis ao povoamento.

Como no extremo sul (Rio Grande), na **Amazônia** o espaço litorâneo ainda é líquido, apenas muito mais largo e profundo.

O **interior** desta zona geográfica do Norte, sofre, simultaneamente e em sentidos opostos, as penetrantes influências do Atlântico e as pressões conjuntas dos países andinos e de um dos países mediterrâneos (Bolívia) e se revela mais ou menos ganglionar, em torno do espaço litorâneo como região de trânsito.

28 — Em consequência dessa maneira de ser do **espaço litorâneo** e do **interior** das zonas geográficas do Norte é indiscutível:

- na **zona setentrional do Leste**, a tendência para um dinamismo de fora para dentro (marítimo-continental);
 - na **zona setentrional de Oeste**, a tendência para um duplo dinamismo, tanto de fora para dentro (marítimo-continental) como de dentro para fora (continental-marítimo),
- ... tendências que o crescente aperfeiçoamento dos meios de transporte (em particular aos aéreos) cada vez mais acen-uará.

29 — Na caracterização dos portos das zonas geográficas do Norte, além da vinculação da terra com o mar é preciso levar-se em conta o traçado da costa.

Alguns fatos de real interesse podem ser constatados:

- o predomínio dos segmentos convexos da costa restringem quasi todos os portos à pequena e grande cabotagem;
- ao vértice da convexidade nordestina correspondem portos de primeira escala transoceânica — **Natal**, para as travessias aéreas, **Recife**, para as travessias marítimas;
- o pôrto de **São Salvador**, talvez o mais importante dos portos periféricos (grande cabotagem), em consequência do recôncavo em que está situado tende para pôrto de exportação e importação e de grande raio de ação (pôrto militar), como uma das extremidades da grande corda **São Salvador - São Luiz** do arco de círculo da costa nordestina;
- os portos de **Manaos** e **Santarém** tendem a ser os grandes centros de atração e dispersão dos dinamismos opostos que se manifestam na **Amazônia**, do mesmo modo que o de **Belém** tende para pôrto de primeira escala, em relação aos feixes de circulação do **Atlântico Norte**,

fatos que se prendem simultâneamente à forte incidência das influências marítimas (proximidade dos grandes feixes de circulação) modificada pelo traçado da costa, à notável permeabilidade do espaço litorâneo e às profundas linhas de menor resistência, quer sobre o massiço central (S. Francisco, Tocantins), quer nas grandes direções do anfiteatro amazônico.

30 — Finalmente é preciso lembrar a existência de ilhas litorâneas cujo papel funcional é por demais conhecido, pelo vaivém que estabelecem com os portos continentais. Entre essas peças caraterísticas da morfologia de quasi todo o litoral brasileiro mereceu citação destacada nas zonas geográficas do Norte, a **Ilha de Fernando Noronha** como **apôio de vôos transoceânicos** e a **Ilha de Marajó** como **tampão do Amazonas**.



CAMPANHA DA POLÔNIA

As grandes unidades mecânicas na Polônia — Divisões blindadas e divisões ligeiras

Artigo de autoria do General BOUCHERIE; publicado no número de Abril de 1940 da "Revue des Questions de Défense Nacionale" — Tradução do Cap. MALVINO REIS NETO.

A doutrina alemã sobre o emprêgo dos engenhos blindados — Sua evolução de 1918 a 1938

O Comando alemão tinha durante muito tempo pôsto em dúvida o valor real dos engenhos blindados; o fracasso do grande ataque de carros francêses nas planícies de La Miette (16 de Abril de 1917) tinha-o firmado em sua opinião. Quando lhe apresentaram os carros construidos pelo engenheiro Vollmer, o Marechal Hindenburg fez apenas a observação seguinte: "êles não servirão, provavelmente, para grandes causas, mas uma vez que os possuimos, poderemos empregá-los". Os sucessos dos tanques ingleses em Cambrai (Novembro 1917) e as pesadas perdas que os engenhos blindados inflingiram à Infantaria alemã em 1918, mostraram-lhe seu êrro, mas já era muito tarde para que lhe fosse possível separá-lo: a indústria alemã não estava em condições de recuperar o tempo perdido e, a-pesar de seus esforços, a Alemanha dispunha apenas de um número limitado de carros, uns cinqüenta no máximo, quando o armistício foi assinado (1).

(1) Nessa ocasião, os aliados dispunham de 4000 carros.

As cláusulas do Tratado de Versalhes, não permitiam ao Reich, dotar de carros seu novo Exército; pôde sómente reforçar suas divisões de Cavalaria com uma seção de metralhadoras sobre viaturas blindadas para cada regimento e dotar suas formações de Schutzpolizei de alguns auto-metralhadoras sobre rodas.

A lembrança do papel, quasi sempre decisivo, representado pelos carros em 1918 tinha entretanto deixado uma tão profunda impressão no Exército Alemão, que o Alto Comando pensou dever dispensar uma atenção especial ao estudo de suas condições de emprêgo, e prescrever aos Comandantes de Corpos que pesquisassem sempre, no decorrer das manobras, os meios de proteção a utilizar para pôr suas unidades a coberto de um ataque de engenhos blindados.

Von Seeckt afirmava sem dúvida, no Regulamento das Grandes Unidades, de 1924, que a Infantaria alemã "por sua maior mobilidade, por sua melhor instrução e pela sua habilidade, devia levar vantagem sobre os mais fortes tanques", mas essa afirmação era, sobretudo, destinada a aumentar o moral da Infantaria, porque, quasi na mesma ocasião, ele prescrevia utilizar em cada Regimento de Infantaria 2 canhões de 77 como armas anti-carros, até o dia em que um canhão especial pudesse ser construído.

Ludendorff, por sua vez, escreveu em suas Memórias "os sucessos dos aliados não fôram devidos a uma superioridade estratégica, nem à superioridade numérica, se bem que essa última razão tenha certamente concorrido para isso. A razão verdadeira reside no emprêgo em massa dos carros... o emprêgo em massa dos carros e o nevoeiro artificial fôram os nossos mais temíveis inimigos".

O Alto Comando e os quadros do Exército alemão já convencidos da potência dos engenhos blindados deviam por isso sentir, especialmente, a influência dos estudos feitos sobre suas condições de emprêgo por Fuller, na Inglaterra, e por Eimannsberger, na Áustria.

Fuller havia-se tornado, desde 1916, na Inglaterra, o apóstolo dos tanques; lutando com uma fé inquebrantável no futuro do novo engenho, contra "essa rotina militar tão apegada ao seu passado quanto a Igreja às suas tradições", não se tinha deixado desanimar nem pelas decepções, nem pelas críticas.

Após a guerra, êle propoz organizar um Exército mecânico, tendo por base os carros; achou-se sua proposta exagerada, mas a força de seus argumentos decidiu o Estado Maior britânico a desenvolver a construção dos engenhos blindados e a criar uma Brigada Couraçada.

Eimannsberger em sua obra "A guerra dos carros" aduziu dois argumentos preciosos à doutrina de Fuller: primeiro — devido à potência destrutiva das armas automáticas, os ataques da infantaria só podem ter êxito se são precedidos por uma longa preparação de artilharia que os priva totalmente do efeito de surpresa; segundo — os sucessos dos ataques de carros devido tanto à sua invulnerabilidade quanto à sua ação inopinada e em massa, teriam sido decisivos se sua exploração não tivesse sido sempre muito tardia.

Eimannsberger pensa, como Fuller, que a criação de grandes unidades couraçadas se tornou uma necessidade — "os carros, escreve êle, inauguraram uma nova forma de guerra, a cavalaria está morta, não há lugar para ela junto do carro, mas suas missões subsistem, são eternas; também os princípios do combate de cavalaria valerão no futuro para os esquadrões couraçados".

E' fora de dúvida que as teorias de Fuller e Eimannsberger, tiveram uma influência considerável sobre as concepções do Alto Comando alemão; elas deviam encontrar um defensor ardente e um apóstolo entusiasta no Coronel Guberian, hoje Inspetor Geral das Formações Mecânicas alemães, que escreveu essas palavras quasi proféticas: "Uma noite as portas dos hangares de aviação e dos galpões dos carros se abrirão, os motores serão postos em movimento, os esquadrões partirão. Um primeiro golpe desferido de surpresa permitirá pôr a mão sobre regiões importantes pela sua indústria e pelas matérias primas que possuem; ao mesmo tempo, pelos ataques aéreos, paralizar-se-á a ação do governo e do comando adversário e se desorganizará suas comunicações.

"O ataque assim desencadeado por surpresa, visando objetivos estratégicos, penetrará mais ou menos profundamente no território inimigo; constituirá uma primeira vaga, que será seguida por Divisões de Infantaria transportadas em caminhões;

as unidades mecânicas ficarão então disponíveis para um novo golpe que se pense desferir".

Também, pouco a pouco, lenta mas seguramente, o E. M. alemão se orienta para a doutrina nova, preconizada por Fuller e Eimannsberger, e para a criação das grandes unidades mecânicas, que devem permitir realizá-la. Esta orientação do Grande Estado Maior Alemão no sentido da criação de grandes unidades mecânicas foi tomada na ocasião oportuna.

O governo do Reich, após ter considerado nulas, desprezando todos seus compromissos, as últimas cláusulas do Tratado de Versalhes, decidiu reorganizar o Exército que devia responder aos fins de sua política. Mas a organização deste Exército está, ela também, subordinada às servidões da economia interna da Alemanha. O Reich, conforme declarou o próprio Chanceler, não está em condições de suportar longos meses de guerra, e precisa, assim, realizar seus fins políticos por meio de ações rápidas e brutais, em que a surpresa será a principal condição, a velocidade e a força, os meios.

A "blitzkrieg", tão de acordo com a situação presente do Reich e com as velhas doutrinas de guerra do Grande Estado Maior, não podia achar melhores instrumentos do que a aviação e os engenhos mecânicos.

Ao mesmo tempo que confia ao Marechal Goering a tarefa de dar à Alemanha a melhor aviação do mundo, o Chanceler encarrega o apóstolo dos carros, von Guderian, nomeado Inspetor Geral das Unidades blindadas, de organizar as grandes unidades mecânicas necessárias à realização de seus fins políticos.

A REALIZAÇÃO — AS DIVISÕES BLINDADAS . — AS DIVISÕES LIGEIRAS

A organização das grandes unidades mecânicas alemães foi rápida; sem dúvida a decisão tinha sido mais demorada que na França, mas fôra precedida por um longo período de preparação que tinha permitido fixar a doutrina do emprêgo destas Unidades e penetrar os Quadros chamados a aplicá-la, ao mesmo tempo que permitia estabelecer as condições técnicas a que de-

veria satisfazer o material, e tomar as medidas necessárias para sua fabricação em série pela indústria (2).

Assim, foi possível ao Reich constituir, em 4 anos, 9 Divisões mecânicas (3), criando, só no ano de 1938, 2 Divisões blindadas e uma ligeira. Sómente uma preparação precisa e metódica podia autorizar semelhante esforço e, contrariamente a certas opiniões, na criação destas grandes unidades mecânicas nada foi improvisado, quer no que diz respeito à sua organização material, quer no que se refere à instrução de seu pessoal.

A doutrina do emprêgo das Divisões mecânicas é estabelecida sobretudo em vista de sua ação nas fronteiras orientais do Reich, e com essa finalidade ele procura a exploração total de suas qualidades de mobilidade; para isso é preciso que elas possam bastar-se a si mesmas e que constituam um todo cujos diferentes elementos estejam habituados a combinar seus meios.

Para satisfazer a essas condições, tôdas as grandes unidades mecânicas alemães compreendem:

- Elementos blindados e não blindados de reconhecimento (Autos-metralhadoras, motociclistas);
- Elementos blindados de combate (carros);
- Elementos de ocupação do terreno (combatentes a pé transportados por autos, artilharia motorizada);
- Sapadores motorizados para o restabelecimento das comunicações e das organizações defensivas.

Mas sua organização interna e a proporção relativa de seus elementos ofensivos e de seus elementos defensivos, variam segundo as missões que lhes podem ser especialmente confiadas.

As Divisões blindadas organizadas tendo em vista uma ação ofensiva, compreendem um número elevado de carros (1 Brigada, 500 carros) e um número limitado de elementos de ocupação do terreno (1 Brigada a 3 Batalhões, sendo um de Motociclistas); as Divisões ligeiras organizadas principalmente para

(2) O Estado Maior tinha estabelecido as características de um número limitado de protótipos cujas principais peças eram padronizadas para facilidade das substituições; estes protótipos foram simultaneamente abrigados nas usinas de automóveis, sem que fossem concedidos a quaisquer delas, direitos de prioridade.

(3) 5 Divisões blindadas e 4 Divisões ligeiras.

ações defensivas compreendem, inversamente, um número menor de carros (1 Batalhão de 120 carros) e um número maior de elementos de ocupação do terreno (1 Brigada a 4 Batalhões).

Umas e outras são abundantemente dotadas de meios de ligação, principalmente de postos de rádio sobre viaturas blindadas; dispõem de meios de fogo numerosos e de uma artilharia poderosa, constituída em parte, de obuzeiros de grosso calibre (105 e 150); ambas possuem, finalmente, um Batalhão de sapadores e uma equipagem de pontes. No decorrer das operações da Polônia, as Divisões ligeiras, sem dúvida reforçadas em carros, foram empregadas nas mesmas condições que as Divisões blindadas, e uma ou duas novas Divisões blindadas foram organizadas quer pelo desdobramento de certas Divisões existentes, quer lançando mão das reservas gerais.

O material blindado, cuja couraça é, em princípio, suficiente para pôr a equipagem ao abrigo das balas, é caracterizado pela sua velocidade, pelo seu silêncio e por sua altura limitada que o torna pouco visível (cerca de 1m,80 para os carros); compreende autos-metralhadoras e carros.

Os autos-metralhadoras são destinados, principalmente, aos reconhecimentos rápidos no itinerário; uns, denominados ligeiros, com 4 rodas motrizes, armados com uma metralhadora sob torre, têm sómente uma equipagem de 2 homens; os outros, denominados pesados, com 6 ou 8 rodas motrizes, mais fortemente blindados, armados de uma metralhadora e de um canhão de 20 mm., têm uma equipagem de 3 e 4 homens.

Os carros destinados às missões de reconhecimento e de combate através de qualquer terreno, são de 3 tipos:

- Carros leves (6 a 9 toneladas) armados de 2 metralhadoras e tendo uma equipagem de 2 homens sómente;
- Carros médios (15 a 16 toneladas) armados de um canhão de 37 e de 3 metralhadoras, equipagem de 3 e 4 homens;
- Carros pesados (18 a 20 toneladas) munidos de um canhão de 75 e de uma metralhadora.

O material não blindado, de modelos diversos segundo o uso a que se destina, compreende tratores de artilharia de potência variável, viaturas de comando com torres e postos de T.S.F., via-

turas de 6 rodas, para os batalhões de fuzileiros; estas últimas são suscetíveis de transportar 9 combatentes e de rebocar um canhão anti-carro; algumas protegidas por uma ligeira blindagem.

As grandes unidades mecânicas alemães dotadas de um material simples, rústico, rápido e de um armamento poderoso, cuidadosamente dotadas de meios de ligação, constituídas de homens jovens, instruídos, trenados, enquadrados por chefes audaciosos, imbuidos da mesma doutrina, tendo uns e outros uma fértil ardente na sua arma, constituiram as unidades de elite do Exército alemão; elas puderam durante todo o mês de Agosto de 1939 preparar-se para as missões que lhes deviam ser atribuídas; estavam prontas moral e materialmente para realizarem, quando chegassem a hora, a "Blitzkrieg" para a qual haviam sido criadas.

A APLICAÇÃO

1.º — *O Plano Alemão: Emprêgo das grandes unidades mecânicas.*

O dispositivo geral do desdobramento dos Exércitos alemães sobre a frente da Polônia atendia, ao mesmo tempo, à manobra estratégica de envolvimento pelas alas previstas pelo Alto Comando e à sua vontade de levar a efeito a guerra relâmpago exigida pela situação econômica do Reich.

Os Exércitos das alas são reforçados por grandes unidades mecânicas, que devem inicialmente atacar a cobertura inimiga, em ligação estreita com a Infantaria, e depois, desde que uma brecha tenha sido aberta, desembocar por ela a-fim de se dirigir rapidamente para os objetivos cuja posse lhes permitirá preparar o cerco do Exército polonês.

O Alto Comando alemão se esforça também para dar às operações a rapidez e a violência que devem caracterizar a "Blitzkrieg", não sómente atacando por surpresa, mas também empregando na frente de ataque as grandes unidades mecânicas em 1.º escalão (4). Nelas condições será possível às Divisões mecâni-

(4) Os alemães parecem haver engajado em 1.º de Setembro, na frente da Polônia, de 20 a 30 D.I.; 10 a 11 Divisões mecânicas; 3 ou 4 Divisões motorizadas; as formações mecânicas ou motorizadas representam assim um terço de suas grandes unidades e todas estão em 1.º escalaõ.

cas passar, sem demora, da rutura da frente inimiga à exploração do sucesso.

2.º — *A ofensiva alemã: ação das Divisões mecânicas de 1.º a 5 de Setembro. Ao Norte e ao Sul: manobra pelas alas; no Centro: rutura da frente polonesa.*

A 1.º de Setembro, os Exércitos alemães tomam a ofensiva.

Ao Norte, as 2 Divisões mecânicas do Exército Von Kühler (5) se chocam a 4 de Setembro contra as linhas de resistência de Mlawa; enquanto que a infantaria as ataca de frente, as Divisões mecanizadas procuram desbordá-las por Leste. Os polonenses, por sua vez, tentam retomar Mlawa, contra-atacando à Leste da localidade com a 8.ª Divisão que acabava de desembarcar. As divisões mecânicas de Von Kühler e a 8.ª D.I. polonesa, que executam seus movimentos à noite para se furtarem às vistas aéreas, tomam bruscamente contacto; os alemães atacam com seus engenhos blindados, farois acesos, enquanto que sua Artilharia bombardeia as povoações e as fazendas com obuzes incendiários. Os carros alemães progridem sem dificuldade na planície iluminada pelos seus projetores e pelos incêndios, recalcam a 8.ª Divisão polonesa que se retrai, arrastando em sua retirada a 20a. Divisão, que defendia Mlawa. O caminho está livre e na tarde de 6 de Setembro as Divisões mecânicas atingem o Narew.

Ao Sul, o Grupamento da Slováquia — duas Divisões Mecânicas, uma Divisão de Montanha — se lança audaciosamente, em duas colunas, através os desfiladeiros dos Carpatos e rechassa os fracos postos de guarda da fronteira; mas ao Sudoeste de Jardanow êle se choca com uma Brigada mecânica polonesa que procura barrar-lhe o caminho: enquanto que uma Divisão ataca frontalmente, a outra procura desbordá-la por Leste; o terreno é pouco favorável, os engenhos blindados não podem deixar as estradas batidas pelo fogo de artilharia; cerca de 40 carros são destruidos; os alemães conseguem, entretanto desbordar a Brigada Polonesa, que é obrigada a se retrair para o Norte, e desde 4 de Setembro as Divisões mecânicas se dirigem para Leste a fim de ultrapassarem o Exército da Silésia em retirada diante das Divisões de Von List.

(5) Sem dúvida comandados por Von Guberian.

Assim, desde 5 de Setembro, a manobra de envolvimento elas alas, que era a base do plano alemão, é largamente esboçada pelas grandes unidades mecânicas.

No centro, a ofensiva alemã se choca contra uma resistência que lhe parece contínua; os alemães hesitam a princípio, procurando inutilmente pontos fracos ou vazios; o contacto se precisa pouco a pouco, e dêste contacto concluem que sómente uma ação e fôrça poderá abrir o caminho de Varsóvia.

Esta ação de fôrça tem lugar a 2 de Setembro na região de Lestochowa; o esfôrço principal é confiado a duas grandes unidades mecânicas.

A potência do ataque não é obtida sómente pelo assalto em massa de engenhos blindados (500 por Divisão), mas também ela ação combinada da Artilharia, das armas subordinadas e obretudo da Aviação, que, após uma curta e intensa preparação, continuam a apoiar pelos seus fogos a progressão dos carros durante todo o tempo que seu alcance permite.

Os engenhos blindados de cada grande unidade mecânica, articulados em 5 ou 6 escalões, numa profundidade de 8 a 10 kms. atacam simultaneamente pelo fogo e pelo movimento; no primeiro escalão os carros leves tomam rapidamente contacto com as resistências inimigas, desbordando-as ou delimitando-as; eles são seguidos, a cerca de 1500 m, por um escalão de carros médios, que sem se deter, concentra seus fogos contra os núcleos de resistência que os carros leves descobriram. Esta massa de engenhos blindados faz irrupção nas linhas polonesas já desorganizadas pelos bombardeios de Artilharia e da Aviação, e sem perder tempo em reduzir as resistências isoladas, ela as desborda penetrando profundamente até às retaguardas; alguns de seus elementos se rebatem sobre os flancos da brecha aberta com o fim de alargá-la, outros atacam a Artilharia, os postos de Comando, os centros vitais e espalham por toda a parte a desordem e a confusão. As Divisões mecânicas progridem rapidamente pelo esfôrço contínuo de seus diferentes escalões, que se reforçam, ou mesmo se ultrapassam; desde que puderam desembocar além das últimas resistências polonesas, elas se orientam, uma ao norte, a direção geral de Varsóvia, a outra, a leste, sobre Kielce e Sanomir. Atrás delas, as Divisões motorizadas ocupam o terreno

conquistado e ultimam a limpeza, aguardando serem por sua vez alcançadas pelas testas de coluna do grosso da Infantaria.

3.º — Progressão das grandes unidades mecânicas até o Vistula depois da ruptura da frente polonesa em Czestochowa desenvolvimento da manobra pelas alas.

A 5 de Setembro, as divisões mecânicas que romperam a cobertura polonesa em Czestochowa continuam sua progressão para o Vistula.

O Grupamento mecânico Von Reinhard, orientado na direção geral de Varsóvia, após haver recalcado, na região de Piotkov os elementos da 21.^a Divisão polonesa e da Brigada de Cavalaria Wolynska, se estabelece, durante a noite, ao Sul de Piotkov; as unidades ocupam as povoações sob a proteção de combatentes a pé.

Aproveitando a obscuridade, os poloneses contra-atacam, e são detidos pelos postos de segurança, enquanto que as unidades mecânicas, alertadas, evacuam às pressas as povoações, após tê-las incendiado. As chamas se propagam rapidamente pelas casas de madeiras e granjas cheias de forragens; a planície é iluminada ao longe pelos incêndios e as unidades blindadas alemães, combatendo como em pleno dia, repelem, com fracas perdas, o contra-ataque polonês.

No dia seguinte, o Grupamento desborda e desbarata, perto de Rawa, uma Divisão polonesa em vias de organização.

A 8 de Setembro, ultrapassando de cerca de 80 Kms. as testas da coluna de Infantaria, o Grupamento atinge os subúrbios a Oeste de Varsóvia e tenta penetrar na cidade. O ataque se choça a sérias dificuldades, as ruas estão barricadas e estas são mantidas por soldados poloneses instalados nas casas vizinhas; à custa de rudes e sangrentos combates os combatentes a pé, apoiados pela Artilharia, pelos engenhos blindados e pela Aviação, atingem a 9 de Setembro, as entradas da estação ferroviária Oeste. Sem dúvida Von Rheinard tem a intenção de continuar, no dia seguinte, sua ação ofensiva; mas a 10, o Exército polonês da Posnânia desemboca sobre o flanco esquerdo do Exército Alemão que progressa na direção de Varsóvia. Surpreendido, este só lhe pode opôr duas Divisões de Infantaria, e chama em seu auxílio o Grupamento

pamento de Von Rheinard, que volta rapidamente com suas divisões para Oeste e, depois, enquanto que uma subindo na direção de Lowicz, ataca os polonês em seu flanco esquerdo e suas retaguardas, a outra, por um grande movimento ao Sul de Lodz, dirigindo-se na direção de Kutno, ataca seu flanco direito. As Divisões polonesas, surpreendidas, são detidas quando uma vitória lhes parecia sorri.

O Grupamento mecânico orientado, mais ao Sul, para Sandomir, na confluência do San com o Vístula, encontra, a 6 de Setembro, na região Kielce, os elementos, quasi sem artilharia, de três Divisões de Infantaria em vias de concentração; detido de frente, êle se retrai deixando sómente em contacto alguns motociclistas apoiados por autos-metralhadoras, e ganhando terreno livre por u'a marcha de flanco de mais de 20 Kms., penetra profundamente nas retaguardas das unidades polonesas, corta suas comunicações e lança a desordem nos seus parques, nos seus comhôios, nos seus postos de Comando; surprendendo-as pelos seus ataques de flanco, obriga-as a combaterem com a frente invertida e inflinge-lhes pesadas perdas. A 10, seus elementos da êsta atingem o San e o Vístula na região de Sandomir.

Assim, as grandes unidades mecânicas alemães do Exército do Centro, após haverem rompido a frente adversária em Czestowha pela violência de seu ataque, lançaram em seguida, pela apidez de sua ação, a desordem nas retaguardas dos Exércitos polonês, desbarataram suas reservas em curso de concentração paralizaram a ação do Comando. Sua ofensiva foi reforçada prolongada pelos ataques da Aviação, e a ação combinada das suas armas — uma, vigia incessantemente os movimentos das unidades polonesas e as fixa ao terreno pela ameaça constante de suas bombas, a outra, senhora das suas comunicações, priva-as de todo reabastecimento e de toda ligação — tornará, de agora em diante, impossível uma reorganização das fôrças polonesas Oeste do Vístula. As Divisões motorizadas, e as Divisões de Infantaria que as seguem se chocarão, em sua marcha para Leste, contra as resistências isoladas, embora enérgicas, que serão vindas, sem dificuldade, por desbordamentos.

Durante êsse tempo, nas alas, as Divisões mecânicas de Von Kuchler, executam de 5 a 13 de Setembro uma manobra de en-

volvimento que, graças à mobilidade das Divisões mecânicas, poderá ser levada a efeito com uma rapidez e uma amplitude que assegurarão seu sucesso.

Ao Norte, uma das Divisões mecânicas de Von Kuchler, depois de haver transposto, a 6 de Setembro, o Narew em Róża ao Nordeste de Pultusk, atinge o Bug em Matknia, mas as pontes estão sólidamente defendidas e diante da resistência dos poloneses, a Divisão alemã desiste de forçar de frente a passagem e dirigindo-se rapidamente para leste, atravessa o Bug, à montante da cidade, com meios de fortuna, e desemboca a 11, ao Sul do rio. Durante esse tempo, a outra Divisão mecânica de Von Kuchler sobe o Narew, atravessa-o em Wizna, e daí se dirige para Siemiatycze, onde atravessa o Bug, a 12 de Setembro, lançando seus conhecimentos até Brest-Litovsk.

As Divisões polonesas que deviam defender as passagens do Bug, atacadas de frente pela infantaria de Von Kuchler, ameaçadas em seu flanco direito e em suas retaguardas pelas 2 Divisões mecânicas vindas da Prússia Oriental são obrigadas a se retraírem sobre Lublin.

Este movimento de retraimento cada dia se torna mais difícil devido aos ataques repetidos das Divisões mecânicas, que ora as ameaçam em seu flanco, ora as ultrapassam e lhes barram o caminho, enquanto que destacamentos blindados penetrando audaciosamente no seio das colunas, surpreendem os combôios e desorganizam as ligações.

A desorganização das Divisões polonesas é ainda aumentada pela intervenção das Divisões mecânicas alemães de Oeste, que conseguiram transpor o Vístula entre Sandomir e Varsóvia, e pelos bombardeios e ataques, à metralhadora, da Aviação que age em ligação constante com as Divisões mecânicas. É impossível, pelo menos por enquanto, fazer uma descrição precisa das múltiplas ações que ocorreram, de 12 a 20 de Setembro, entre o Bug e o Vístula, mas pode-se afirmar que Divisões inteiras foram muitas vezes detidas por fracos destacamentos blindados; que a Infantaria polonesa, para escapar às ameaças constantes da aviação e dos engenhos blindados, foi obrigada a se refugiar nos bosques e a efetuar, somente à noite, seus deslocamentos; assim, a intervenção de 2 ou 3 Divisões mecânicas alemães impôs às 8 ou 9 Divisões polonesas que se encontravam entre o Bug e o Vís-

ula, fadigas físicas, privações morais, e uma desorganização geral que não lhes permitiram restabelecerem-se na linha de resistência determinada. Ao Sul, o Grupamento mecânico da Sônia atinge, a 5 de Setembro, o Dunajec, cujas passagens já haviam sido ocupadas pelos paraquedistas alemães, e se choca, no dia 7, perto de Tarnow, com os elementos do Exército da Sônia que se retraem para Leste, tendo seu flanco sul coberto pela Brigada mecânica polonesa. As Divisões mecânicas alemães atacam os polonês desbordando-os por Leste e recalando-os para o Norte; em seguida, elas se orientam na direção do Sônia-fim de ultrapassá-los sobre suas linhas de retraimento.

A 8 de Setembro, a Brigada mecânica polonesa (6) tenta arrar-lhes o caminho perto de Rzeszow, enquanto que as vanguardas alemães são detidas de frente por um Regimento, transportado, de Uhlhanos, um esquadrão de carros polonês, composto apenas de 13 engenhos, tenta contra-atacá-las de flanco; o momento em que os carros polonês desembocam na ala esquerda dos Uhlhanos, surge um destacamento de 30 carros alemães e ataca-os. Os dois grupos de engenhos blindados estendidos em batalha, atacam-se mútuamente; à cerca de 400 metros, os polonês abrem fogo; seu tiro é muito preciso e em alguns segundos 6 carros alemães são postos fora de combate; nessa ocasião um oficial polonês põe rapidamente em posição uma peça de 75, cujo primeiro projétil atinge um 7.º carro, incendiando-o.

Essas perdas, desorganizam o ataque dos carros alemães, que fazem meia volta e se retiram.

(6) A Brigada mecânica polonesa compreendia:

- 1 Estado Maior
- 1 Esquadrão de transmissão
- 1 Grupo anti-carros (18 peças)
- 1 Grupo de reconhecimento (1 Esquadrão A.M.D. (autos-metradoras de descoberta); 1 Esquadrão transportado)
- 2 Regimentos de Uhlhanos transportados (4 esquadrões de F. M., 1 Esquadrão de acompanhamento);
- 1 Batalhão blindado (1 Companhia de carros Vickers, 1 companhias de carros Cardens-Lloyds polonês);
- 1 Grupo de 2 baterias (1 Bateria de 75, 1 Bateria de obuzes de 100).

Uma 2.ª Brigada de composição análoga, mas cujo Batalhão blindado era constituído de carros Holkin, estava em curso de formação; esta Brigada, antes mesmo que sua organização estivesse terminada, foi empregada para defender as passagens do Vístula.

A 11 de Setembro, o Grupamento mecânico da Slováquia desbordando Przemysl pelo Norte, desemboca à Leste do San; a 12, êle atinge a região de Jaworow, de onde suas Divisões se orientam, uma, para Nordeste, na direção de Rawa e do Bug, a outra, para Leste, na direção de Lwow.

A Divisão orientada para Nordeste surpreende, perto de Rawa, elementos polonês e destroça-os; no dia 13, seus destacamentos de descoberta fazem reconhecimentos nas direções de Lublin e de Opalin e suas vanguardas atingem o Bug, ao Norte de Sokal.

Mais ao Sul, a Divisão orientada sobre Lwow levou, desde a tarde de 12, seus elementos avançados até às entradas da cidade na esperança de nela penetrar de surpresa, mas os subúrbios de Lwow estão solidamente mantidos pela Infantaria Polonesa e uma ação à viva força é impossível.

No dia seguinte, após ter sido substituído por uma Divisão de montanhas, o Grupamento mecânico, que foi reforçado, tenta investir Lwow pelo Norte e pelo Sul.

O destacamento do Sul (1 Divisão aproximadamente) (7) procura estender sua ação até às regiões petrolíferas da Galícia, mas fica paralizado por falta de combustível, e contra-atacado pelas vanguardas de duas Divisões polonesas vindas de Przemysl — que o General Sonskonski faz bruscamente desembocar sobre suas retaguardas — perde 20 canhões, 80 carros, 100 caminhões.

Após o investimento de Lwow, a manobra embora estratégica atribuída às Divisões mecânicas alemães, está terminada, o cerco está fechado sobre os Exércitos Polonês que — desorganizados pelos ataques repetidos das Divisões mecânicas que romperam sua frente em Czestochowa, recalcados sobre o Vístula pela pressão das vanguardas de Von Rundstedt — estão cercados com suas últimas reservas na curva do Bug, da qual as unidades mecânicas alemães ocupam todas as saídas desde Lwow até Brest-Litovsk e a confluência do Narew. A guerra está, de fato, terminada; agora será impossível às Divisões polonesas — em sua maior parte privadas de Artilharia, com suas comunica-

(7) Parece que a Divisão mecânica que atingiu Lwow a 12 de Setembro, foi reforçada para uma Divisão mecânica de formação recente.

ses cortadas, sem ligação com seu alto Comando, ameaçadas em suas retaguardas pelas tropas russas, — não sómente retomarem ofensiva, como também restabelecerem a linha de resistência lida e contínua que lhes permitiria deter o invasor. O Alto Comando Alemão realizou, graças às Divisões mecânicas, a "Blitz-rieg" por ele desejada, e essas Divisões foram incontestavelmente o fator principal dos sucessos sem precedentes obtidos pelo Exército Alemão na Polônia.

Fuller e Eimannsberger tinham razão, e o Reich havia sabido proveitar seus conselhos e seus ensinamentos.

III — CONCLUSÃO

Para tirar do estudo do papel desempenhado pelas Divisões mecânicas na Polônia todos os ensinamentos que ele comporta, convém estabelecer, inicialmente, as causas de seus sucessos para, depois, apurar se as dificuldades e os perigos a que elas se acharam expostos não teriam, em circunstâncias menos favoráveis, reduzido, ou mesmo paralizado, sua ação.

Os sucessos das Divisões mecânicas alemães na Polônia, vieram por principais causas: de uma parte, a doutrina aplicada pelo Estado Maior Alemão no seu emprêgo; e por outra, a suficiência de dotação do Exército Polonês em armas anti-carros e em engenhos blindados.

Estes sucessos foram, além disso, facilitados pela forma pela extensão da fronteira atacada, pela fraqueza relativa dos exércitos poloneses, se se considera a extensão do teatro das operações, sem esquecer também um terreno e circunstâncias meteorológicas quasi excepcionais.

A doutrina aplicada pelo Alto Comando alemão tem por base o emprêgo em massa dos engenhos blindados em íntima combinação com a aviação e a procura do sucesso pela brutalidade e pela violência do ataque. O reconhecimento e a tomada contacto do inimigo são confiados a destacamentos ligeiros apostos, em geral, de engenhos blindados e de motociclistas, algumas vezes sómente de autos-metralhadoras ou de carros.

Esses destacamentos, quasi sempre apoiados por uma ou algumas peças de Artilharia, se aproximam o mais possível das po-

sições ocupadas pelo inimigo, para fazer o “levantamento” de suas resistências e, principalmente, para determinar as posições de suas armas anti-carros.

Sua ação é protegida, auxiliada e completada pelas numerosas esquadrilhas que impedem qualquer intervenção da Aviação polonesa.

Esses reconhecimentos terrestres e aéreos permitem determinar as direções favoráveis de ataque. Em presença de uma linha de resistência contínua sólidamente organizada, como a do Mlawa, o Comando alemão abandona sem hesitação, um projeto de ataque muito problemático, para levar, se necessário por um largo movimento de roçada, a grande unidade interessada sobre um eixo de ação mais favorável.

A Divisão mecânica que, a 6 de Setembro, deve atacar na direção de Kielce executa assim, um deslocamento de mais de 20 Kms para evitar atacar frontalmente as posições polonesas.

Quando os reconhecimentos permitem determinar uma zona de ataque favorável, uma preparação curta, mas violenta, precede o desembocar dos engenhos blindados; esta preparação é executada com todos os meios que é possível utilizar (armas automáticas, minenwerfer (8), canhões e aviões).

A Artilharia e as armas automáticas concentram seus fogos sobre os engenhos anti-carros e centros de resistência do inimigo enquanto que a Aviação ataca a Artilharia, os postos de Comando, as reservas, e, em princípio, os objetivos fora do alcance da Artilharia, os aviões não hesitam em descer à pequena altura para atacar, seja em “pique”, seja à metralhadora.

A duração dessa preparação varia de 10 ou 15 a 30 minutos, no máximo, e pode, pela sua fraca duração, tomar um caráter de violência mais acentuado.

As unidades de ataque são reunidas, durante esse tempo o mais perto possível de sua zona de ação; elas se articulam em sua formação de combate ao abrigo das últimas cristas.

Seu dispositivo inicial tende sempre a lhes permitir realizar uma ação massiva e rápida; comporta um primeiro escalão de carros leves, destinados, sobretudo a localizar os centros de

(8) Lança-minas.

sistência inimigos; este escalão é seguido á uma distância proximada de 1000 metros por um escalão de carros médios e, progredindo, abrem fogo contra as resistências que os carros leves assinalaram; dois ou três outros escalões, articulados em profundidade, a uma distância de 1000 a 1500 metros, se em em apôio.

A densidade e o número de escalões variam segundo o terreno e a importância da resistência a vencer. A densidade do escalão de carros leves é, algumas vezes, sómente de um carro por 100 metros de frente; o número dos escalões é em geral de 3 ou 5; as Divisões polonesas atacadas à Oeste de Varsóvia sofreram o assalto de 6 escalões sucessivos de carros. Em princípio, as Divisões blindadas que dispõem de 500 carros atacam sobre frentes de 2500 a 3000 metros.

O ataque se desenvolve, sob a proteção da Artilharia e da aviação, por uma progressão contínua de seus diferentes escalões. Quando são encontradas resistências contínuas, os carros se reunidos à retaguarda, e o Comando procura um novo ponto de ataque.

Quando as resistências são descontínuas, os diferentes escalões penetram nos intervalos, desbordam-nos e se dirigem para os pontos sensíveis do adversário: postos de Comando, Artilharia etc.

A infantaria polonesa não foi destruída: ela foi desbordada, neutralizada e paralizada pela destruição de seus órgãos de Comando e ligação.

A ação dos carros é sem cessar informada, protegida e apoiada pelas numerosas esquadrilhas que asseguram o domínio absoluto do ar.

Quando as grandes unidades mecânicas conseguem penetrar o dispositivo do inimigo, deixam aos elementos de Infantaria, transportados ou não, que os seguem, a tarefa de ocupar o terreno e dominar as ultimas resistências, enquanto que elas avançam, apenas com seus elementos orgânicos, sobre os objetivos fastados que lhes fôram assinalados.

Depois de Czestochowa as Divisões mecânicas ultrapassam e mais 70 Kms as testas de coluna de Infantaria.

Do exame dos fatos parece que os consideráveis sucessos

obtidos na Polônia pelas grandes Unidades mecânicas do Reich são devidos não sómente à doutrina, ao mesmo tempo prudente e audaciosa, do Alto Comando alemão, mas sobretudo à fraqueza e à dispersão do sistema polonês.

Esta doutrina se esforça em explorar plenamente as qualidades próprias das grandes unidades mecânicas, preparando sua intervenção a-fim-de lhes permitir desorganizar o adversário pela violência e brutalidade de seu assalto, e lançar-se em seguida ousadamente e sem parada sobre os pontos sensíveis de suas reaguardas, onde seu aparecimento inesperado provocará a desordem e a confusão.

É fora de dúvida que essa doutrina exigia, para sua aplicação, um treinamento muito completo dos Quadros e da tropa, poderosos meios de ligação, uma colaboração íntima da aviação e sobretudo chefes que possuam um acentuado senso tático e belas qualidades de audácia e de decisão.

O Exército polonês, não tendo se submetido, em seu passado, à sangrenta prova imposta em 1918 ao Exército Alemão pelos carros, e sendo também pouco dotado de engenhos blindados, não estava preparado, nem moral nem materialmente, para suportar o ataque massivo das grandes unidades mecânicas; a intervenção das Divisões blindadas alemães, desde o 1.º dia da guerra, foi para ele uma surpresa.

Sua Aviação, dominada pela do Reich, não pôde, a-pesar de seus esforços, lhe impor uma resistência séria; sua Artilharia, sem meios de defesa contra os carros, foi para eles uma presa fácil; e sua Infantaria, insuficientemente dotada de armas anti-carros, só teve um recurso para furtar-se à seus ataques: refugiar-se nos bosques e nas povoações.

As operações da Polônia confirmaram todo o valor da "Blitzkrieg" preconizada pelo Reich; mas não devemos esquecer que os sucessos das Divisões mecânicas alemães fôram devidos, mais às suas qualidades indiscutíveis, hábilmente exploradas por chefes audaciosos, dispondo de uma poderosa aviação, do que aos fracos meios que lhe podia opôr um adversário, ao qual sua própria terra natal — com suas planícies enxutas e seus rios quasi secos —, recusou o auxílio que era lícito dêles esperar.

É fora de dúvida que as Divisões mecânicas alemães exer-

ceram uma ação decisiva sobre as operações da Polônia, mas seria imprudente afirmar que, em quaisquer circunstâncias e sobre quaisquer terrenos, elas poderão desempenhar o mesmo papel.

As Divisões polonesas — surpreendidas em vias de concentração, quasi perdidas em um território imenso, não encontrando nem organizações defensivas, nem obstáculos naturais aos quais pudessem se aferrar — ofereciam uma presa fácil às unidades mecânicas alemães; mas estas não poderiam contar com tão fáceis sucessos face a um adversário avisado, já instalado em um terreno organizado que seus efetivos e seu armamento lhe permitissem ocupar sólidamente.

No comêço da campanha a Infantaria polonesa, desbordada, cercada, foi sem dúvida incapaz de se opôr à seu ímpeto brutal, mas logo ela se refez e soube, pouco a pouco, descobrir seus pontos fracos, para os atingir duramente, barrando-lhes o caminho por meio de destruições, atacando-as à noite nos seus acançamentos, surpreendendo-as em seus flancos ou em suas retaguardas, como em Tarnow ou em Rawa, paralizando-as, mesmo, algumas vezes, ao impedir seu reabastecimento em combustível, como em Lwow.

Já depois de 15 dias de campanha, a progressão das Divisões mecânicas tornou-se mais difícil, a-pesar da audácia crescente que deveriam lhes dar seus sucessos iniciais.

A guarda de linhas de comunicações cada dia mais longas, impõe uma tarefa cada vez mais pesada aos postos de segurança, deixados junto delas; os reabastecimentos tornaram-se incertos, algumas Divisões ficarão paralizadas por falta de combustível e as experiências de reabastecimento por meio de aviões dão apenas resultados insuficientes.

O esforço exigido do pessoal e do material não permite uma conservação regular dos veículos, enquanto que a circulação se torna mais penosa em estradas mal conservadas; o número de

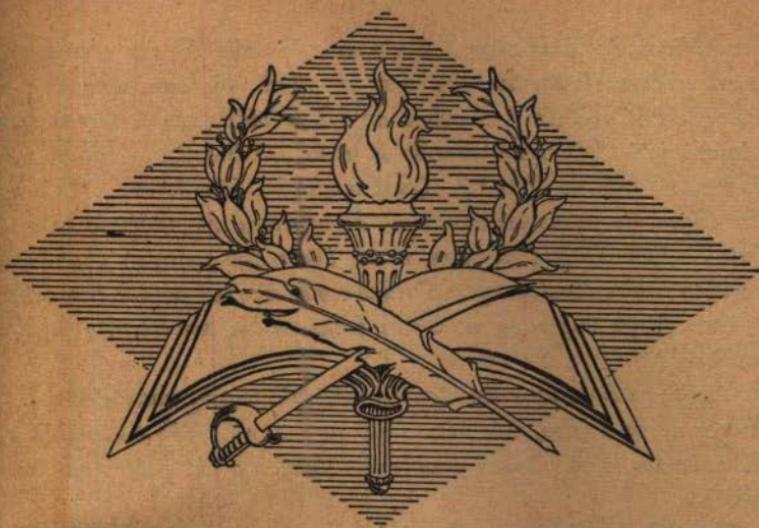
engenhos imobilizados aumenta cada dia (9), e enquanto, que a resistência dos Polonêses se faz mais eficaz, a potência das unidades mecânicas diminue pois estas atingiram ao limite do esforço que podiam dar sem interrupção.

Ensinamentos preciosos que afirmam mais uma vez que nenhum meio novo contém em si mesmo o segredo da vitória e que, na guerra, os progressos técnicos são fatores de sucesso sómente no limite em que o chefe sabe explorar, em seu proveito, suas qualidades e, à custa de seu adversário, suas deficiencias.

(9) Até 11 de Setembro, 100 carros pesados foram destruidos e 361 seriamente danificados, sem falar dos carros deves. A 15 de Setembro, uma Divisão blindada dispunha sómente de 116 carros dos 500 que possuia anteriormente.

Os alemães engajaram 4500 a 500 engenhos blindados e haviam perdido até 25 de Setembro pelo menos um milheiro de carros, isto é 20 a 25 %.

NOTA — Vêr o artigo, sob o mesmo título, publicado no número de Junho p.p.



LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Pelo 1.º Ten. HUMBERTO PEREGRINO

Major Frederico Rondón — PELO BRASIL CENTRAL —
 Cia. Ed. Nacional (Brasiliiana) — 2.ª ed. ampliada, 1938

“Pelo Brasil Central”, já em 2.ª edição da coleção Brasiliiana, é um livro rápido, direto, menos de discussão ou de esplanação do que de afirmação. Conta poucas novidades sobre o “Brasil Central”. E a gente sabendo que o autor não o conhece de oitiva fica com pena do que odia ter escutado... Por outro lado nem sempre será possível endosar as suas conclusões sobre certos problemas ainda abertos. Mas há observações e dados bem curiosos. Gosto, por exemplo, daquela charada para aspectos pouco notados da guerra do Paraguai: a atenção que ela despertou, de repente, para o nosso interior e a significação nítidamente bandeirante da expedição do coronel Camisão.

Dão nos olhos, também, informações como esta: quasi dois terços do Brasil são ainda selvagens! Não são menos desoladores os dados



LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Pelo 1.º Ten. HUMBERTO PEREGRINO

Major Frederico Rondón — PELO BRASIL CENTRAL —
Cia. Ed. Nacional (Brasiliana) — 2.ª ed. ampliada, 1938

“Pelo Brasil Central”, já em 2.ª edição da coleção Brasiliana, é um livro rápido, direto, menos de discussão ou de esplanação do que de afirmação. Conta poucas novidades sobre o “Brasil Central”. E a gente sabendo que o autor não o conhece de oitiva fica com pena do que podia ter escutado... Por outro lado nem sempre será possível endosar as suas conclusões sobre certos problemas ainda abertos. Mas há observações e dados bem curiosos. Gosto, por exemplo, daquela chamada para aspectos pouco notados da guerra do Paraguai: a atenção que ela despertou, de repente, para o nosso interior e a significação nitidamente bandeirante da expedição do coronel Camisão.

Dão nos olhos, também, informações como esta: quasi dois terços do Brasil são ainda selvagens! Não são menos desoladores os dados

demográficos do Amazonas. Todo mundo sabe do seu abandono, da sua extrema rarefação humana, mas um município com uma área entre 148.000 e 144.000 Km.² e menos de 1.200 habitantes é desconcertante. A Amazônia! "O Brasil acabou lá atrás. O Brasil e o mundo. Ali é o Inferno. Inferno Verde? Qual o que! Literatura... Inferno de terra podre, de águas envenenadas, de espetros miseráveis e tristes. O rebutalho humano que ali agoniza, é a bôrra dos seringais abandonados, o resíduo imprestável da prosperidade que morreu com a borracha".

Que fôrça sugestiva a destas palavras de um contista ilustre da Amazônia!

No livro do major Rondón não se fala assim, naturalmente. São números duros e frios, mas vem a dar no mesmo. Não é a tragédia sentida, animada, viva, são os problemas ligados a ela postos em foco direitamente.

Um deles, o da imigração, é largamente discutido. O major Rondón estuda uma "política de imigração sob aspecto etnográfico-nacionalista". E é muito lúcido quando encara a questão por partes, isto é, para cada região uma solução especial, já em atenção ao meio físico, já e principalmente considerando a assimilação, que deve estar "de antemão assegurada pela predominância das populações nacionais".

Quiz parecer-me que o major Rondón está satisfeito com o estado atual desta assimilação. Será, a meu ver, uma impressão otimista. Sabidamente a absorção de certos núcleos coloniais, no Sul do Brasil, vem se processando com dificuldade, num ritmo que nem sempre se poderá considerar satisfatório. Sem ir muito longe — quem de nós oficiais já não terá conhecido, como conscritos, alguns brabíssimos exemplares coloniais? A caserna, afinal, solta-os mais mansos. Mas às vezes que trabalho custou isso! E os que não passam pelas nossas mãos, que são a grande maioria? Os que passam mesmo, de volta à colônia dificilmente conservarão o verniz brasileiro com que foram untados e menos ainda serão capazes de transmiti-lo.

Muita gente bôa, é verdade, acredita que a assimilação colonial se encaminhe em ótimas condições. Oliveira Viana é um que alinhando cifras de casamentos de colonos com brasileiras chega todo lampeiro a maravilhosas conclusões arianistas... (Evolução do povo brasileiro, pág. 178). Só tem que os seus dados bem examinados provam simplesmente o contrário... São dados de dois anos. No primeiro teria havido 547 casamentos de colonos estrangeiros com brasileiras e 73 de

estrangeiros com estrangeiras. No outro ano 354 contra 128. E lá deu para trás a amável assimilação matrimonial...

Meu palpite é que convém pôr de quarentena estas observações muito favoráveis.

Porém, infinitamente mais grave é o problema colonial na Amazônia. O maj. Rondón reconhece logo de saída não ser possível a solução do colono estrangeiro, que resultaria necessariamente desagregadora por força da rala população brasileira lá fixada e sobretudo em condições de cultura as mais rudimentares.

Três são os elementos que se poderiam orientar para a colonização da Amazônia, na opinião do major Rondón: o nordestino, o índio, promovendo a sua assimilação pelas populações civilizadas, e o reservista. O que ele chama muito bem achadamente "reajustamento demográfico"...

Não há negar que estamos vivendo um momento de esmagador predomínio urbano, assim como uma desforra do ruralismo que entre nós se espichou soberano até 1888, o "marco divisório", de que nos fala o autor de "Raízes do Brasil". E reservista é um dos elementos de atulhamento das cidades. Desconfio, porém, que dificilmente daria bom colono. Reservista que se deixa ficar pelas cidades é quasi sempre reservista malandro, o polme dos quartéis, que com o gôsto pela cidade pegou também os seus vícios. Arriscado contar com gente assim.

E o nordestino? Depois de se referir à "faixa árida do Nordeste" (sic) vemos o major Rondón a falar em "vencedor na Amazônia, atletas deselegantes, irradiando energia e brasiliade, isolados, resignados, nunca vencidos".

Vencedor na Amazônia... atleta... brasiliade... quanta parada!

Vencedor o trapo de homem que sumiu sem remédio na floresta selada, miseravelmente só e desajudado, e tem diante de si apenas a brecha da estrada, "de que ele é o único transeunte" e "que o leva, intermitentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida". Vencedor o "homem que trabalha para escravizar-se", aquele trabalho em que Euclides da Cunha enxergaria "um laivo siberiano", imaginando Dostoevsky para sombrear a sua tortura...

Atleta... Puro lirismo já desfeito por Gilberto Freire. Estão aí pesquisas de Araujo Lima, Azevedo Pimentel, Miguel Pereira, denunciando o deplorável estado de sub-alimentação em que vivem as nossas populações. E Araujo Lima pesquisando no baixo Amazonas dá o se-

quinte e impressionante depoimento: "Um xibé cuja base é a farinha d'água, tão pobre em vitaminas, constitue muitas vezes o alimento exclusivo dum homem nas 24 horas". Por isso que Gilberto Freire, passando por cima de todos os tabús, desmancha a lenda ingênuia de caboclo do Norte "a grande reserva de vitalidade brasileira", mostrando a importância capital da alimentação à luz dos estudos mais modernos de Armitage, Mc Collum, Simmonds e outros senhores entendidos. Salienta "entre as consequências da hiponutrição, a diminuição da estatura, do peso e do perímetro toráxico; deformação esquelética; descalcificação dos dentes; insuficiência da tireoide, hipofisiária e gonadal provocadoras de velhice prematura, fertilidade em geral pobre, não raro infecundidade". Estas noções veem precisamente situar o nosso caboclo do Norte. Nem o atleta, o forte que se proclama, nem o sub-homem, o sub-produto excomungado da siscegenação. Apenas o homem que "anula o seu valor econômico e social numa insuficiência nutritiva secundada pelo alcoolismo e pela ação distrófica do impaludismo e das verminosse".

Outro problema atacado é o do indígena. Ai o Maj. Rondón entra com informações pessoais que serão um precioso subsídio para o estudo definitivo do nosso índio.

Confirma as qualidades de excelente remador, já conhecidas e enaltecidas no índio desde Sigaud.

A notícia de que os índios se atiram n'água com alegria, sem esperar que se mande, e de como se portam debaixo da chuva, também nada acrescenta ao que já sabemos por intermédio de Bates, que os viu sempre "mais alegres, mais vivos nos dias de chuva, o corpo nu escorrendo água". Nem a essa disposição de cair n'água há de ser estranho o nosso gosto tão brasileiro de banho de rio. Pelo menos está em Gilberto Freire a interpretação desse hábito como uma herança indígena.

E', porém, confortador e importante ficar sabendo coisas assim: que o índio foi um elemento de primeira ordem na imensa obra do gen. Rondón, quer abrindo picadas, espichando fios, fincando postes, quer ajudando nos transportes e na construção de estradas através de regiões tidas como impraticáveis, muitas vezes "ao lado de trabalhadores alemães, polacos, italianos, russos, argentinos e paraguaios". Que os índios dão bons tripulantes, foguistas e pilotos de embarcações a vapor e a gazolina, bem como ferreiros, carpinteiros, seleiros, alfaiates, e as mulheres aprendem a coser à mão e à máquina. Com facilidade se

enfrontham na manipulação dos aparelhos Morse, havendo 10 telegrafistas da nação Pareci feitos pelo gen. Rondón e dois na seção de Mato Grosso, da Estrada de Ferro Noroeste". E "até como professores, datilógrafos e ourives há exemplos dêles se aplicarem com sucesso", resume a informação.

Muito bem. Isto só serve para confirmar a verdadeira explicação sobre a origem do fracasso indígena na colonização. Fracasso devido não ao homem em si, mas tão somente ao regimem a que se viu de repente submetido, com violenta alteração do seu metabolismo, não compensado, e logo repercutindo desastrosamente.

A política de agrupamento do índio em aldeias puramente indígenas, também não dá certo, só retardando a sua integração na sociedade. O major Rondón vê tudo isso com muita clareza, e vai logo indicando a solução única: assimilação espontânea do índio por populações sertanejas convenientemente fixadas para esse fim. Mas é indispensável que tudo isso seja promovido e assistido pelo Estado, como se faz, por exemplo, com os colonos estrangeiros...

E há ainda quem encha a bôca de que o colono nacional (o nordestino) não vale a pena... Por força. Ingênuo era esperar ação civilizadora ou rendimento econômico daqueles mulambos de gente tantas vezes empurrados para Amazônia. A inferioridade aí, não será demais repisar, é do sub-alimentado, degradado pela miséria, reduzido a uma escravidão sem esperança, privado da família que se dissolveu na desordem dos embarques, realizando "a missão dolorosíssima e única de desaparecer", como acentuou Euclides da Cunha.

Ainda sobre o índio merece atenção, particularmente para nós oficiais, a idéia do maj. Rondón sobre organização da reserva indígena. Neste terreno está tudo por fazer. O que só serve para tornar a matéria mais importante e sedutora.

O indígena é sem dúvida nenhuma, um elemento e tanto a incorporar à nossa reserva. Sua aptidão guerreira afirmou-se em toda a era colonial contra invasores, piratas e contra outros índios. E foi explorada seriamente pelos sonhos jesuítas das missões, dando um trabalho duro a exércitos organizados, até o remate sangrento de Caibaté. Na campanha do Paraguai também aparecem as qualidades do soldado indígena e isso vem lembrado no livro do maj. Rondón.

O problema da reserva indígena se liga necessariamente ao da colonização. Um completa o outro. Mas o que há feito em matéria de

colonização do índio já dá para se ir ensaiando a preparação das reservas.

O maj. Rondón estuda a organização dêste serviço no quadro do instituto, cuja criação propõe para solução dos problemas do Brasil Central. Está tudo previsto e ideado muito racionalmente. No tocante à reserva indígena o plano vai até a organização de "companhias de curumis", espécie de escotismo indígena.

Não vejo, porém, alusão a estas coisas essenciais: quadros destinados a instruir estas unidades indígenas, material com que dotá-las, roupa com que vestí-las, alimentação, ponto onde fixá-las. Sobre os regulamentos a regê-las deu-me nos olhos uma referência que deixa adivinhar a intenção de aplicar-lhes os regulamentos comuns. Não é possível. Tudo relativo ao soldado indígena terá que ser cuidadosamente e intelligentemente adaptado à sua índole, aos seus hábitos, às suas habilidades naturais, à região onde ele será de preferência empregado. São questões palpitantes, e abertas, pedindo mesmo a palavra de oficiais que conhecem de contacto pessoal, os dados a pesar.

Em todo caso, já é um consôlo ver lançada a sugestão de um exército indígena no Brasil. As nações da Europa não dispensam nas suas colônias uma fração de tropa indígena, enquanto nós, com o índio dentro de casa, nada temos. E fica esperdiçado, assim, um soldado atrevido, resistente, senhor absoluto e único dos segredos daquêles conjins ásperos do Brasil.

Permita-me o major Rondón que não o acompanhe na idéia daquela "comissão redentora", com procuração para venerar a memória da Princesa Isabel. A concretizar-se tal iniciativa, só traria uma vantagem: dispensar, pelo sacrifício de algumas senhoras de boa vontade, o resto dos brasileiros do esforço de uma veneração graciosa...

Em verdade, a Redentora assinando o decreto da abolição, terá produzido, quando muito, uma proesa caligráfica, porque, como disse Cotelipe, a lei de 13 de Maio "não é mais do que o reconhecimento de um fato que já existe". Oliveira Viana, no "Ocasião do Império" referindo-se ao movimento abolicionista confessa que "nenhum outro foi mais difuso, mais geral, mais popular".

E vejam-se os fatores econômicos arrastando acontecimentos. O Norte com a indústria açucareira desmantelada, escravo tinha virado peso morto, até onus. Por isso eram vendidos para o Sul ou alforriados, contanto que sumissem para aliviar a carga do senhor quebrado.

No sul o imigrante estava entrando em bôas levas. Enquanto "os escravos se levantavam; passavam a desconhecer a autoridade dos senhores. Desertavam das senzalas; partiam em massa; cerca de 10.000 desceram as encostas do Cubatão para o asilo de Santos". (O. Viana - *Ocaso do Império*). "Além disso, como salienta o sr. Jovelino Camargo (*Estudos Afro-brasileiros*) o elemento escravo já envelhecia. Em 1888 os de 17 anos já eram livres. A renovação dos quadros das senzalas estava impedida".

Onde a Redentora? A princesa assinou apenas um papel inconsequente, oficializando o resultado de um poderoso movimento nacional, e nem podia fazer outra coisa a pobre herdeira de um trono "tão frágil que não resistiu ao choque de duas coisas tão queridas do nosso povo: eloquência e poesia..." na observação maliciosa e sutil do nosso sutil e malicioso Nelson Werneck Sodré.

Está claro que nada do que venho dizendo desmerece o elevado esforço do maj. Rondón. As divergências ou reparos a que se é levado antes provam o interesse do livro.

O Exército particularmente deve reparar bem neste volume do major Rondón. Só aquela sua revelação sobre a nova "virtude a acrescentar ao catecismo do soldado brasileiro" — o sertanismo, o amor do sertão, o espírito bandeirante, tem um sentido profundo para nós.

Vejam que advertência lúcida e oportuna: "O Exército brasileiro deve ser o Exército político de que a Nação carece para sua própria formação. Pois aceite o Exército mais este setor de ação — o setor econômico, o setor sertanista".

A obra bonita e grandiosa da comissão Rondón ainda não deu o livro definitivo que pode dar. Mas quanta sinceridade, quanto equilíbrio e quanta compreensão em mais estas páginas inspiradas por ela!

H. THEO MÖLLER
ARMAZEM DE FERROS

Completo sortimento de:

Aço em barras e chapas - Arame de aço, cobre, ferro, latão, metal branco - Canos de borracha, chumbo, ferro, etc. - Chapas de borracha, ferro, latão, etc. - Cobre - Cravos - Ferro - Máquinas e ferramentas - Parafusos e porcas - Rolamentos RIV - Tintas Dois Ferreiros e Willey - Torneiras - Tubos.

RUA VOL. DA PÁTRIA, 82 — AV. JULIO DE CASTILHOS, 64 e 69
Telephones: 4191, 5191 e 5391 — End. telegr.: "MOELLERO".
PORTO ALEGRE

O CIMENTO "MAUA" NA DEFESA NACIONAL...



No magestoso edifício da nova Escola do Estado Maior do Exército, vê-se a contribuição do cimento portland «MAUA» ao programma da modernização da nossa arma de defesa, que marca uma nova era no soerguimento das nossas forças vivas.



COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND
RIO DE JANEIRO

Noticiário & Legislação

ALEMANHA: ENSINO E PROPAGANDA AERONÁUTICA PARA A JUVENTUDE

Um decreto do Ministério da Instrução Pública, no dia 17 de Janeiro de 1940 generalizou o ensino da aeronáutica em todas as escolas e universidades do Reich.

Este decreto, firmado pelo Ministro do Ar, fixou de maneira definitiva a organização deste ensino, segundo a experiência adquirida durante 5 anos.

O novo programa, estabelecido de acordo com o N. S. F. K. (corpo de aviação pre-militar e post-militar nacional-socialista), comporta numerosos anexos completando as disposições gerais do decreto. Instruções particulares e exemplos concretos expõem os meios de adaptação do ensino e da propaganda aeronáutica de cada matéria, principalmente as seguintes:

1.º — Física, matemáticas, geografia, biologia, química, línguas estrangeiras, belas artes;

2.º — Construção e vôos de modelos reduzidos de aviões (mais de 500.000 jovens frequentam este curso prático durante 5 anos);

3.º — Ciências naturais e matemáticas;

4.º — Cursos especiais de aeronáutica nas escolas profissionais e técnicas;

5.º — Utilização das organizações gerais escolares para a propaganda aeronáutica;

6.º — Aceleração do ensino de aeronáutica nas escolas superiores.

Além das medidas tomadas pelo Ministro da Instrução Pública, tendo em vista desenvolver o ensino e a propaganda da aeronáutica em todas as escolas do Reich, o N. S. F. K. (corpo de aviação pré-militar e post-militar nacional-socialista) estabeleceu, em ligação com os chefes das organizações da H. J. (Juventude Hitleriana), um novo programa de cursos práticos destinados a formar o pessoal navegante e os especialistas para o exército do Ar.

A instrução seguinte é dada, segundo este programa, aos membros do N. S. F. K. e seções da H. J.:

1.º — Construção e evolução de modelos reduzidos;

2.º — Vôo plano e vôo à vela nos campos e escolas do N. S. F. K.;

3.º — Formação de construtores e especialistas da aviação, em oficinas e escolas técnicas do N. S. F. K.;

4.º — Formação do pessoal para o Serviço de Transmissões (utilização eventual dos membros do N.S.F.K. e da H.J. para o Exército do Ar a-fim-de executar certas missões);

5.º — A instrução de pilotagem dos aviões a motor, empreendida depois de Janeiro de 1939 em certo número de escolas do N.S.F.K. não será prosseguida por esta organização durante o período da guerra.

Todos os que estavam a serviço do Exército do Ar receberam ordem de se colocar a disposição do N.S.F.K. para lhe facilitar a tarefa.

(Traduzido da "Revue des Questions de Défense Nationale", de Abril de 1940).

* * *

O BOMBARDEIO EM PIQUE' NA CAMPANHA DA POLÔNIA

À nova revista aeronáutica alemã *Der Flieger* dá, nas informações sobre os quatro primeiros meses de guerra aérea, interessantes detalhes sobre os serviços prestados pela aviação de bombardeio em pique Junkers Ju 87 durante a campanha da Polônia.

Os pilotos, no curso das numerosas missões confiadas às formações de Ju 87 demonstraram a eficácia do bombardeio em pique.

Os objetivos escolhidos eram os seguintes:

— Casamatas, aeródromos, cruzamento de estradas, pontes, estações, quartéis gerais, assim como as posições ou fortificações ainda inacessíveis às unidades do Exército terrestre.

Efeitos produzidos: uma só bomba de 500 k lançada sobre uma estrada moderna cavava um buraco interrompendo completamente o trânsito. A mesma bomba caindo diante de um trem blindado em marcha, virava-o. O efeito de bombas bem colocadas seria mais destruidor ainda sobre pontes e obras de defesa.

Segundo a revista alemã, a agilidade e maneabilidade dos Ju 87 seriam comparáveis às dos aviões de caça e lhes teria permitido dispensar a proteção assegurada, no princípio da guerra, por estes últimos.

No que concerne ao pessoal empregado, far-se-ia apelo no Exército do Ar alemão, a jovens de 16 a 17 anos, para o bombardeio em pique.

Explica-se este fato porque as experiências às quais foram submetidos, provaram que os adultos não suportam tão bem quanto os jovens as variações de pressão que os pilotos sofrem nos piques.

(Traduzido da "Revue des Questions de Défense Nationale", de Maio de 1940).

Set.-

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL, recebeu durante o mês de Julho p.p. as seguintes revistas:

“Nação Armada”, n.º 8, Julho 1940; “Revista Militar”, Portugal, n.º 5, Maio de 1940; “Defesa Nacional”, Portugal, ns. 69, 70, 71 e 72, Jan., Fev., Mar., Abr., 1940; “Liga Marítima Brasileira”, n.º 396, Jun. 1940; “Revista del Ejercito y armada”, n.º 19, Jan. e Fev. 1940; “Revista de medicina militar”, n.º 2 Abr. Maio, Jun., 1940; “Revista de Administração Militar”, n.º 61, Maio, Jun., 1940; “Revista Militar del Perú”, Perú, ns. 3 e 4, Mar. e Abr., 1940; “Revista de la Escuela Militar”, Perú, n.º 172, Abr. 1940; “Revista de Infanteria”, Chile, ns. 129 e 130, Maio e Jun., 1940; “Revista del Ejercito, Marina y Aeronautica”, Venezuela, n.º 107, Fev., 1940; “Tiro Nacional del Perú”, Perú, n.º 121, Jan., Fev., Mar., Abr., 1940.

* * *

RETRATO DO DUQUE DE CAXIAS

O Sni Henrique Velho, a quem é confiada a impressão desta Revista, depois de publicado o número de Agosto p.p., oficiou ao Exmo. Sr. General Presidente, participando que o retrato, em policromia, do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, publicado naquele número, devia ter recebido como homenagem ao Patrono do Exército, prestada por aquele senhor.

* * *

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA NO MÊS DE JULHO

REGIMENTAÇÃO DE OFICIAL — Solução de consulta do Dir. de Art. — sobre oficial Cmt. de escolta do Q.G., o qual só será considerado arregimentado no caso da escolta ter o efetivo de um pelotão como elemento combatente.

(Av. 2.422 de 2-VII-940 — D.O. 5-VII-940).

SILO DE INVÁLIDOS DA PÁTRIA — (Altera um artigo do regulamento). — Artigo 21, referente ao cargo de Diretor que pode ter o posto de Cel. ou Ten.-Cel. da Ativa ou Reserva.

(Dec. 6.048 de 29-VII-940 — D.O. 31-VII-940).

CARTEIRA DE IDENTIDADE — Consulta do Cmt. 2.º R.M. — Soluciona que os oficiais da antiga Guarda Nacional não têm direito à Carteira de Identidade, por não pertencerem à Reserva do Exército.

(Av. n. 2336 de 28-VI-940 — D. O. 2-VII-940).

CARTEIRA DE IDENTIDADE — Consulta do Cmt. da 2.^a R.M. — Soluciona que: as disposições do Aviso n.^o 518-VI-939 não são extensivas às praças das Polícias Estaduais.

(Av. n.^o 2.355 de 28-VI-940 — D.O. 2-VII-940).

CLASSIFICAÇÃO DE CONDUTA (Tempo de vigoração) — Consulta do Cmt. 9.^a R.M. — Soluciona que o assunto será estudado pela Comissão de Revisão do R.D.E. e que as praças reservistas continuarão até nova decisão com a classificação obtida na época da exclusão.

(D.O. 10-VII-940. Nota n.^o 365 de 6-VII-940).

EMBARQUES REGIONAIS — CÓDIGO DE VENCIMENTOS E VANTAGENS (Observação sobre irregularidades no serviço de)

I) Com relação à oficiais:

a) deverá ser escriturado na caderneta de vencimentos, a relação de todas as pessoas de sua família com direito a transporte por conta do Estado;

b) a apresentação da caderneta sempre que o oficial tenha que requisitar passagens.

II) Com relação aos Sub-Tenentes e sargentos, a comprovação de requisição de passagens para pessoas de sua família.

(Av. 2.623 — D.O. 17-VII-940).

ENGAJAMENTO A SARGENTOS COM CURSO DE INSTRUÇÃO PARA CENTRO DE TRANSMISSÕES (Concessão de) — Soluciona a consulta do Diretor de Aeronáutica do Exército, aprovando o regulamento por mais 2 anos de acordo com o parágrafo único do art. 142 da atual Lei do Serviço Militar.

(Av. n.^o 2.357 de 28-VII-940 — D.O. 2-VII-940).

ESCOLA DE ESTADO MAIOR (Recrutamento e preparação dos candidatos à matrícula) — O critério de aproveitamento dos oficiais, e o do merecimento dentro de cada turma, não podendo ser matriculados no Curso de Preparação sem que já o tenham sido os oficiais das turmas anteriores nas seguintes condições:

- na Inf. até 9.^o lugar,
- na Art. até 6.^o lugar,
- na Cav. até 5.^o lugar,
- na Eng. até 3.^o lugar,
- na Av. até 2.^o lugar.

Caso o número de lugares reservados não possa ser completado, chamar-se-ão os oficiais que se seguirem em colocação na turma, uma vez que satisfazam as condições de inscrição. Matrícula no Curso de Preparação à E.E.M. de oficiais superiores, somente durante os anos de 1941 e 1942.

(Av. n.^o 2.845 de 27-VII-940. — D.O. 30-VII-940).

ESCOLA DE ESTADO MAIOR (Vantagens dos Instrutores do C.P.A.) — Deverão estar de acordo com o item VIII das instruções de 29 de Fevereiro de 1940 (Boletim do Exército n.^o 10).

(Av. n.^o 2.399 de 2-VII-940 — D.O. 5-VII-940).

ESCOLA VETERINÁRIA DO EXÉRCITO — Não funcionarão em 1941 os seus diversos cursos.

(D. O. de 20-VII-940).

ESPECIALISTA (Curso de candidatos a graduados) — Consulta Cmt. 5.^a R.M. — Soluciona que não havendo êste Curso e sim o Curso de especialistas, o início deste curso é fixado no n.^o 62 do R.I.Q.T..

(Av. n.^o 2.353 de 28-VI-940 — D.O. 2-VII-940).

ESTABELECIMENTO CENTRAL DE MATERIAL DE INTENDÊNCIA DO M.G. (Tabela numérica para o pessoal extranumerário mensalista).

(Dec. 6.049 de 29-VII-940 — D.O. de 31-VII-940).

EXCLUSÃO DE SOLDADOS MOBILIZÁVEIS E ENGAJADOS — Consulta do

Cmt. da 3.^a R. M. Soluciona que as praças devem ser licenciadas a-pesar da dívida à Fazenda Nacional.

(Av. 2.683 de 18-VII-940 — D.O. 20-VII-940).

EXPULSÃO DE PRAÇA — Soluciona uma consulta do Cmt. da Cia. Escola de Engenharia, sobre a expulsão de praças condenadas por crime de furto.

(Av. n.^o 2.463 de 4-VI-940. — D.O. de 3-VII-940).

GRATIFICAÇÃO DE ASSISTENTE DAS I. D. — Solucionando a consulta do Tesoureiro da I.D. 5.^a R.M., resolve que os vencimentos do oficial no exercício de Assistente da I.D. são os do posto, sem direito a qualquer gratificação.

(Av. n.^o 2.564 de 11-VII-940 — D.O. de 15-VII-940).

INSUBMISSOS, EXCEDENTES — Consulta do Cmt. 3.^o R. I. — Soluciona que deverão ser incluídos em vagas expressamente abertas para esse fim, mediante exclusão de soldados antigos mobilizáveis, com bom aproveitamento na instrução.

(Av. n.^o 2.442. — D.O. de 6-VII-940).

LICENÇA DE PRAÇAS AINDA NÃO MOBILIZÁVEIS E BAIXADAS AO HOSPITAL.

I) As praças deverão ser submetidas a inspeção de saúde conforme o n.^o 23 do art. 34 dos Reg. H. M.

II) Caso continuem doentes deverão ser licenciadas do serviço ativo, e entregues a hospitais ou às famílias.

III) A praça excluída, com menos de 8 semanas de instrução não receberá o certificado de 3.^a categoria devendo apresentar-se na 1.^a chamada do ano seguinte.

(Av. n.^o 2.559 de 10-VII-940 — D.O. de 13-VII-940).

LICENÇAS (Consulta do Dir. do Hospital Militar de Cruz Alta) — Soluciona que: exigindo o art. 3.^o do decreto 42 de IV-935, decênios completos, o Av. n.^o 1.115 de XI-939 só pode ser aplicado, aos militares e funcionários civis do M. G..

(Av. n.^o 2836 de 27-VII-940 — D.O. de 30-VII-940).

MONTEPIO (Autorização para contribuição de) — Consulta do Chefe do E. M. da 5.^a R. M. Soluciona o Snr. Ministro, que só aos Diretores de Armas e Serviços, é concedido autorizar ao oficial contribuir ao montepio de postos superiores.

(Av. n.^o 2511 de 8-VII-940 — D.O. 11-VII-940).

PESSOAL EXTRANUMERÁRIO DIARISTA, NAS REPARTIÇÕES DO MINISTÉRIO DA GUERRA (Admissão de)

I) Haverá em cada repartição um órgão incumbido do trato dos assuntos do pessoal.

II) O órgão do pessoal exigirá os documentos do candidato, e organizará o processo da admissão.

III) Os atos de admissão e dispensa, competem ao chefe diretor do estabelecimento.

IV) As admissões, devem ser feitas estritamente dentro das dotações orçamentárias.

V) Os serviços de fundos regionais, efetuarão o pagamento do salário dos diaristas.

(Av. 2.561 de 10-VII-940 — D.O. de 13-VII-940).

PRAÇAS DAS C. R. — (Vencimentos e fardamentos de) — Consulta do Chefe do 14.^o C.R. Soluciona que os vencimentos e fardamentos devem ser feitos diretamente nos C. R. e que as instruções de tiro e as instruções gerais serão de acordo com o programa marcado pelo Cmt. da Região.

(Av. n.^o 2.510 de 8-VII-940 — D.O. de 11-VII-940).

PRESIDÊNCIA DE COMISSÃO — Consulta do Cmt. Escola de Intendência do

Exército. Soluciona que a presidência deve caber ao professor mais antigo no magistério.

(Av. n.º 2.373 de 29-VI-940 — D. O. de 3-VII-940).

PROMOÇÃO A CABO — Consulta do Cmt. 5.º R.M.. Soluciona que deve ser promovido após a terminação do Curso (que é de 5 meses), de acordo com a classificação obtida.

(Av. 2.621 de 15-VII-940. — D. O. 17-VII-940).

RESERVA DE 2.ª CLASSE DE 1.ª LINHA (Promoção de oficiais) — Soluciona que devem ser apresentados os documentos exigidos pelo aviso n.º 177 de 12-IV-1932.

(Av. n.º 2.478 — D. O. 9-VII-940).

REVALIDAÇÃO PARA EFEITO DE ACESSO (Isenção de) — (Art. 49 do R. I. Q. T.) — Consulta do Cmt. 4.ª R.M. — Soluciona o Sr. Ministro que a revalidação anual do curso é condição imprescindível para promoção.

(Av. n.º 2.540 de 9-VII-940 — D. O. 12-VII-940).

TEMPO DE SERVIÇO (Averbações do) — Consulta do Diretor de Artilharia. Soluciona que o oficial conta o tempo como arregimentado quando a escolta fôr no mínimo de 1 pelotão. (Art. 25 do Reg. da Lei de Promoções).

(Av. n.º 2.358 de 28-VI-940 — D. O. 5-VII-940).

TRANSFERÊNCIA (Financiamento de transporte das famílias de oficiais)

A fim de dirimir dúvidas quanto ao modo de proceder, devem ser observadas as seguintes normas:

a) pela Unidade Administrativa de origem, serão alongados os valores constantes das letras *a* e *c* do artigo 97 do Código de vencimentos e vantagens.

b) a diferença consignada nas letras *b* e *d* será paga pela Unidade Administrativa de destino mediante declaração de que a família realmente viajou.

c) o direito ao transporte, por conta do Ministério, cessa no prazo de 90 dias contados da data do desligamento.

(Av. n.º 2.847 de 27-VII-940 — D.O. 30-VII-940).

VENCIMENTOS — *Cargos vagos*

a) Só se considera ocupante efetivo, o oficial que possuir um dos postos atribuídos ao mesmo.

b) O cargo é considerado vago, desde que o ocupante se afastar definitivamente do Corpo, Repartição ou Estabelecimento, e até que novo ocupante efetivo tome posse. Àquele que preencher o cargo vago, cabe vencimentos de posto superior.

c) As substituições motivadas pelo afastamento do ocupante efetivo, ficam compreendidas no art. 81 e parágrafos 1.º e 2.º do Código de Vantagens do Exército.

d) A ausência temporária, fica compreendida no art. 81 e parágrafos 1.º e 2.º.

(Art. n.º 2825 de 26-VII-940 — D.O. de 29-VII-940)

VENCIMENTO DE PRAÇAS CONDENADAS — Interpretação dos artigos 65 e 66. Consulta dos Chefes do Serviço de Fundos da 2.ª e 9.ª R.M.. Solução: a praça condenada a qualquer pena perderá os vencimentos e vantagens, menos a etapa, exceto quando a praça for culposa, caso em que receberá o sôlido durante o cumprimento da pena.

(Av. 2.655 de 16-VII-940 — D.O. 18-VII-940).

Biblioteca da A DEFESA NACIONAL

Livros à venda (inclusive porte)

Anuario Militar do Brasil 1935	17\$500
Anuario Militar do Brasil 1936	22\$500
Anuario Militar do Brasil 1937	17\$500
Anuario Militar do Brasil 1938	22\$500
Anuario Militar do Brasil 1939	22\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima	31\$500
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima (para Oficiais)	21\$000
Aspéto Geográficos Sul-Americanos - Ten-Cel. Mario Travassos	6\$000
A. C. P. — Cap. Geraldo Cortes	16\$000
A.C.P. (blocos para o)	3\$000
Boletim n.º 1 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$000
Boletim n.º 2 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$000
Cadernetas de ordens e partes	9\$000
Cadernetas de ordem e partes (blocos para)	3\$000
Caderneta do Comandante	1\$500
Cannae e nossas batalhas — Cap. Wiederspahn	8\$000
Caxias (Eudoro Berlink)	20\$000
Coletanea de Leis e Decretos de 1544 a 1938 — Maj Bento Lisboa	13\$000
Combate e Serviço em Campanha — Ten.-Cel. Araripe	13\$000
Dispersão do Tiro — Ten.-Cel. A. Morgado da Hora	13\$000
Duque de Caxias — Cap. Orlando Rangel Sobrinho	2\$500
Ensaio sobre Instrução Militar — Cmt. Brallion — Tradução os Caps. Garcia e Salm	13\$000
Elogio de Caxias	2\$500
Escola do Pelotão — Ten.-Cel. Araripe	13\$000
Equitação em Diagonal — Major Osvaldo Rocha	13\$000
Contribuições para a Historia da Guerra entre Buenos Ayres e Brasil — Trad. do Gal. Klinger	13\$000
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes	11\$0000
Fichario para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos	16\$000
Formulario do Contador — Cap. José Salles	5\$000
Guia para Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago — 1940	13\$000
Historia da Guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguai — Gal. Tasso Fragoso	60\$000
Historia Militar do Brasil — Gustavo Barroso	13\$000
Indicador Paranhos até 1935	13\$000
Indicador Paranhos de 1936	6\$000
Indicador Paranhos de 1937	6\$000
Indicador Paranhos de 1938	6\$000
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas	5\$000
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães	3\$000
Instrução de Transmissões — Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$000
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto	11\$000
Lições de Biometria Aplicada — Cap. Dr. Sette Ramalho	32\$000
Um Período de Recrutas — Cap. Salm Miranda	6\$500

Observação — Os livros acima poderão ser remetidos pelo Serviço Postal
de Reembolso.

FABRICA RIO GUAHYBA

FIAÇÃO E TECELAGEM (Suc. de F. G. BIER)

RUA STOCK N. 19 — Cx. Post. 282

PORTO ALEGRE — R. G. do Sul

FIAÇÃO e TECELAGEM de LÃ



Fábrica todos os artigos
de lã, cardada, ou pen-
teada, próprios para
uniformes de oficiais e
praças, ou outros usos
militares:

Flanelas-Gabardines
Lãs - Casemiras.

Materiais de primeira qualidade

Fundição Tupy S. A.

Joinville - Estado de Santa Catharina

Fabrica de conexões de ferro malleavel



Marca registrada



GILLETTE AZUL
a melhor lâmina
até hoje fabricada



BARBELINO
AFFIRMA:

Gillette



C-10

Empresa industrial Garcia

Fiação — Tecelagem — Tinturaria — Roupões de banho — Toalhas
felpudas — Grande sortimento de atoalhados e guarnições de mesa.
Oficina de Mecânica — Fundição — Marcenaria — Serraria — Sinos
de bronze — Fabrica de máquinas.

BLUMENAU

SANTA CATARINA

Companhia Itaquerê

Uzina Itaquerê

Municipio de Tabatinga

Estado de S. Paulo

Produção em 1939 :- 81.851 saccos.

Alcool 477.000 litros.

Fuzel Oil 800 litros.

Rua da Quitanda, 96
8.º andar

SÃO PAULO

MALZBIER DA ANTARCTICA



O segredo da sua juventude

O preparo fisico e completado
pelo uso methodico do veloso
agente nutritivo que é o malte.

MALZBIER da ANTARCTICA

cerveja fabricada com malte
de melhores qualidades e pelos
processos mais modernos e hy-
gienicos, acha-se, agora, à ven-
da tambem em 1/4 de garrafa
que melhora a elegancia
e a delicadeza femininas.

MALZBIER da ANTARCTICA

A VENDA AGORA EM 1/4 DE GARRAFA

ESTAMPARIA
1924



"CARAVELLAS"
1939

O. R. MÜLLER & CIA. LTDA. - S. PAULO

RUA CARAVELLAS N. 26 - CAIXA POSTAL, 1155

TEL: 7.2542



BISNAGAS PARA DENTIFRICIOS DE:

ALUMINIO

ESTANHO

CHUMBO

CHUMBO ESTANHADO

LAMINAÇÃO DE ALUMINIO "ALCADUR"

PAPEIS DE ALUMINIO PARA CHOCOLATES,
BONBONS, CIGARROS, ETC.

CAPSULAS DE ALUMINIO PARA GARRAFAS
PATENTE ALU-VIN

FORNECEORES DOS MAIORES LABORATORIOS DO PAIZ



BONS LAPIS —

RACIONALIZAÇÃO DO SERVIÇO

para conseguí-la, JOHANN FABER
fábrica um lapis para cada uso

LOTUS — para cópias

ZEDER — para "ticar" e sublinhar

1205 — para uso comum

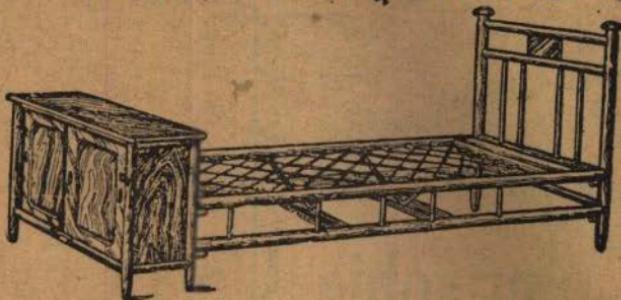
Os bons lapis levam a marca (Dois Martelos) e JOHANN FABER

Lapis JOHANN FABER Ltda.

Caixa Postal, 3100 — São Paulo

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES !

PARA o SEU QUARTEL ...



OU SUA RESIDENCIA ...



CAMA PATENTE

LEGITIMA SÓ COM A *faixa aqui!*

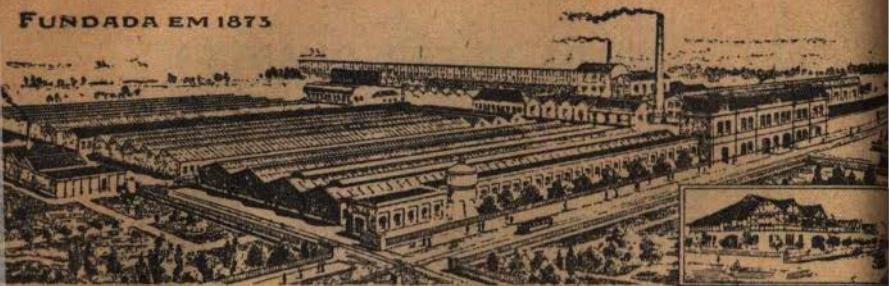
L. LISCIO & CIA.



CAMA PATENTE

S. Paulo — Rua Rodolfo Miranda, 76 — P. Alegre — R. dos Andradas, 1025
io — Rua Figueira de Melo, 307 — S. Christovam
ahia — Praça Tupinambá, 3.
ecife — Rua Dr. José Mariano, 228.
elo Horizonte — Rua Espírito Santo, 310.
elotas = Rua 15 de Novembro, 38.
ortaleza — Rua Floriano Peixoto, 794.

FUNDADA EM 1875



Companhia União Fabril

Succ. de Rheingantz & Co.

Tecidos de lã, lã para bordar, Tapetes, Acolchoados, e Chapéus

Fornecedores do Exercito e da Marinha, há mais de 50 anos, de: Mantas, Sarjas, Panos, Cobertores, Flanelas e

Capacetes

Endereço telegrafico
FABRICAS

Rio Grande
Rio Grande do Sul
Brasil



S/A INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO

Fundada em 1881

**INDUSTRIA — COMMERCIO — NAVEGAÇÃO
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO**

Casa Matriz: S. Paulo (Brasil) - Caixa Postal, 86 - Tel. Matarazzo
Filiaes no Brasil: Rio de Janeiro — Santos — Curyiba — Antonina — Jaguariahyva — Marcellino Ramos — João Pessoa — Natal — Fortaleza — São Luiz do Maranhão.

Agencias no Brasil: Recife — Manáos — Belém — Parahyba — Mossoró — Aracaju' — Bahia — Ilhéos — Maceió — Victoria — Florianopolis — Joinville — Blumenau — Porto Alegre — Rio Grande — Pelotas.

Agentes no Extrangeiro: Buenos Aires — Genova — Milão — Nápolis — Paris — Londres — Hamburgo — Trondhjem — New York — Copenhague e Antuerpia.

Secção Bancaria: Correspondente Official do "Banco di Napoli" e do "Regio Tesoro Italiano".

AGENTE de: Industrias Matarazzo no Paraná.
Sociedade Paulista de Navegação Matarazzo Ltad.
Sociedade Agricola Fazenda Amalia.
Thermas de Lindoya.
S/A Les Perfumes de Chimene.

Banco do Estado de São Paulo

(O BANCO OFICIAL DO GOVERNO DO ESTADO)

COMPARAÇÕES DE ALGUMAS CONTAS DE BALANÇETE DE
30-9-1927 E 31-12-1939

Contas	30-9-1927	31-12-1939
Depositos em C/Corrente	33.651:857\$209	503.421:949\$530
Depositos a Prazo Fixo	248.563:731\$140	554.638:097\$700
Titulos em Cobrança	17.261:441\$840	69.970:411\$050
Titulos Descontados	52.308:726\$565	340.420:405\$885
Valores Caucionados	93.412:613\$700	404.630:442\$795
Reservas.	8.857:561\$566	166.707:160\$313

Faz toda e qualquer operação bancaria

TAXAS PARA CONTAS DE DEPOSITO

C/C. Movimento.	Juros	2 %
C/C. Limitadas.	"	3 %
Prazo Fixo — 3 meses	"	3 1/2 %
Prazo Fixo — 6 meses	"	4 %

(A prazos maiores — juros a combinar)

AGENCIAS:

Araçatuba — Avaré — Baurú — Brás (Capital) — Caçapava —
Campinas — Campo Grande (Est. de Mato Grosso) — Catanduva
— Franca — Limeira — Marília — Mirassol — Novo Horizonte —
Santo Anastacio — Santos.


SOCIEDADE COLONIZADORA DO BRASIL


VENDEM-SE LOTE
 Linhas Sorocabana, Noroeste e Norte-Paraná
 Instalações Industriais:
 Fábricas: Beneficiamentos de algodão, café, arroz e forro, Serrarias e Ofícios.
 Usinas: Geradoras de eletricidade, açucar e álcool.
 Instalações de Utilidade Pública no Patrimônio: Delegacia de Polícia, Juiz e
 Corofono de Paz, Agência do Correio, Egrejos Católicos, Hospitais e
 Serviço Telefônico.

CASA BANCÁRIA BRATAC

de CARLOS Y. KATO

JUROS AO ANNO: Depósito de conta corrente movimento 4%
Depósito de Prazo Fixo 6%.

Casa Matriz: Rua Annita Garibaldi, 217 — São Paulo — Caixa Postal, 2975 — Telefones 2-3121 e 2-3122

Av. 10 de Novembro, 66-C — Caixa Postal, 248 — Telephone, 339 — MARILIA

Filial: Rua Joaquim Nabuco, 34 — Caixa Postal, 267 — Telephone, 167 — ARAÇATUBA

Fax. BASTOS — Est. Rancharia — L. Sorocabana

Fax. TIETE — Est. Lussanvira — L. Noroeste

CASA BRATAC

Importação e Exportação dos Produtos Estrangeiros e Nacionais

Casa Matriz — Rua Annita Garibaldi, 219 — São Paulo — Caixa Postal, 2 X — Telephone 2-1145

Sucursais: Rio do Janeiro — Santos — Marília — Araçatuba — Ourinhos — Porto Alegre — Lavras (E. Rio G. do Sul)
Tibagi (Est. do Paraná) — Corumbá (E. Mato Grosso) — Carangola (E. Minas Gerais) — Ribeirão Preto

— RUA ANNITA GARIBALDI N. 217 — SÃO PAULO —

Electro-Aço Altona Limitada

Fundição electrica de ferro e aço - Fabrifa de maquinas e ferramentas

- Material Ferroviario.
- Bigornas.
- Tornos para ferreiro.
- Tornos para mechanico paralelos fixos e giratorios.
- Picaretas.
- Martellos e marretas.

End. Telegr: ELAÇO - Caixa Postal, 30

BLUMENAU

Santa Catarina

FABRICA DE ARTEFACTOS DE FERRO "VIAT"

Fundada em 1925

Fabricação de Pás com cabo e sem cabo, de todos os typos. Frigideiras.
reparados para fornecerem a Directoria de Engenharia do Exercito.

STAEDELE & CIA.

Rua Itoupava do Norte

BLUMENAU

Santa Catarina

Companhia Hering

Fabrica de Tecidos de Meia

Caixa Postal, 2

BLUMENAU

SANTA CATARINA - BRASIL



AS MELHORES
MATERIAS PRIMAS



OS MAIS MODERNOS
METODOS DE FIAÇÃO,
TECELAGEM E ACABA-
MENTO DOS TECIDOS.



CÓRTE ESMERADO.



CAPRICHOS NA CON-
FEÇÃO DAS ROUPAS.

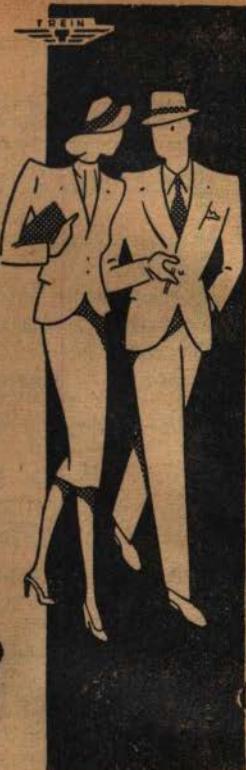


PREÇOS BAIXOS.



SÃO CARACTERISTICOS
DAS CONFECÇÕES

RENNER



Officina Mechanica

Construções de Machinas

SERRALHERIA
GRADES - JANELLAS
PORTÕES - TANQUES
GUINDASTES - ETC.

LINDAU & CIA.

Informações technicas e esboços gratuitamente

Rua Leopoldo Fróes - 86 - Caixa Postal 382

Porto Alegre - Rio Grande do Sul

Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros Ltda.

Matadouros e Frigoríficos em:

Gravatahy, Santo Angelo, Carasinho, Monte Veneto,
Lageado e S. Sebastião do Cahy, no Estado do Rio
G. do Sul e Tubarão, no Estado de Sta. Catharina

Bovinos - Suinos - Ovinos - Aves, etc. - Em larga escala

Productos marca "Alliança" e "Oderich": Banha
refinada e frigorificada, Corned beef, Corned pork.
Presuntos, Patés, Toucinho, Salames, Carnes e Le-
gumes em conserva, etc., etc. — Carnes resfriadas
— e congeladas, de Bovinos, Suinos e Ovinos. —

(add)

Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil

Tornos Revolvers e mechanicos
Binoculos, Microscopios
FIOS DE LÃ PARA TECELAGEM

Ando & Cia. Ltda.

Representações

Rua Boa Vista, 15 - 4.º andar
Phone 2-7388 — Caixa Postal 2880
End. Tel. ANDO — SÃO PAULO

AGENTES NO RIO

K. SAWAMURA

Rua General Camara, 104 Sobr.
Phone 43-0484 — Caixa Postal 1004

FREZAS

odos os tipos
e tamanhos



ALARGADORES
COSSINETES
MACHOS

ALM & HEINRITZ
SÃO PAULO

ITIGOS NACIONAIS QUE SUBSTITUEM EM QUALIDADE OS EXTRANGEIROS

ESPECIALISTAS EM
MACHINAS LITHO-TYPGRAPHICAS
E INDUSTRIA DE CARTONAGEM

PRENSAS EXCENTRICAS E A FRICAO
PARA METALLURGICAS

Officina Mechanica Graphica Ltda.

São Paulo
Rua Americo Brasiliense, 250-270

Telephone: 2

Medalha de Ouro Torino, 1911 — Grande Premio do de Janeiro, 1922
Grande Premio Rosario de Santa Fé, 1926

Endereço Telegr.: - "FRANBA"

Códigos:

Ribeiro - A. B. C. 5th - A. Z.

SOCIEDADE

Capital Rs.

AGENCIAS:

Rio de Janeiro, Minas Geraes,
Paraná, Rio Grande do Sul,
Bahia, Pernambuco e Pará.

Carneiras, pelicas, mestiços, vaquetas, bezerros, chromo, buffalo, porco, solas,
raspas, verniz, etc.



PHONES 5 { 2174
2175
2176

ANONYMA

10.000.000.000

SÃO PAULO

Caixa Postal, 2 J

AV. Água Branca, 2.000

Empreza Força e Luz Santa Catharina S. A.

Fornecedora de Energia Electrica aos seguintes Municípios do Estado:
Itajaí — Gaspar — Brusque — Blumenau — Indaial Timbó
— Rodeio — Harmonia — Rio do Sul.

Caixa Postal, 27

BLUMENAU

Santa Catharina

FABRICA DE CALÇADOS
"SUL RIO GRANDENSE"

ADAMS
E FORTUME "HAMBURGUEZ"

ADAMS & CIA.

Importação directa de Couros e outros Materiais estrangeiros.

MANUFACTORA DE COUROS

Calçados, Caronas, Perneiras, Assentos de
Cadeiras, Chinelos, Tamancos, Artigos para
Viagem, Malas, Bahús etc.

NOVO HAMBURGO — RIO GRANDE DO SUL

Hercules Ltda.

PORTO ALEGRE
CAIXA POSTAL 8 - END. TEL. "Hercules",

FABRICA DE TALHERES
de ALPACA POLIDA
ALPACA PRATEADA
AÇO INOXIDAVEL

da marca

Hercules

F U M E M
C O M
P R A Z E R
O S
D E L I C I O S O S
C H A R U T O S

P o o c k

Société de Sucreries Brésiliennes



USINAS DE AÇUCAR E ALCOOL

W. S. CREMER S. A.

Blumenau — Santa Catharina — Caixa Postal, 80

Primeira fábrica de gases medicinaes da América do Sul
Fornecedor ás classes armadas nacionaes. - Modernamente aparelhada para
satisfazer o consumo do Paiz e do continente. - Fabricante de toda classe de
material de penso para a medicina, cirurgia e ortopedia.

GAZES HIDROFILAS - GAZES IMPREGNADAS - ATADURAS

Premiada com medalhas e diploma — Menções honrosas em diversos
congressos Brasileiros.

COMPANHIA CHIMICA

Rhodia Brasileira

Santo André — Estado de S. Paulo

Productos Chimicos

Industriaes e Pharmaceuticos. Productos
para Photographia, Ceramica,
Laboratorios, etc.

ESPECIALIDADES

PHARMACEUTICAS



Agente Exclusiva no Brasil da

Société des Usines Chimiques

Rhône — Poulenc — Paris

Fabrica de Casimiras Kowarick

F. KOWARICK & C.

GRANDE PREMIO NAS EXPOSICOES NACIONAIS DE 1908 E 1922

Fabrica na Estação de Santo André
(EST. DE SÃO PAULO)

Escriptorio: S. PAULO - Rua 3 de Dezembro, 17-2.º

Caixa do Correio, 66 — Telephone: 2-1776

Endereço Telegraphico: BERKO

CODIGOS: A. B. C. 5.ª e 6.ª EDIÇÃO, RIBEIRO, BORGES, MORSE E MASCOTE

**Panos Militares para Officiaes
de qualquer tipo**

Banco Agricola e Commercial de Blumenau

MATRIZ EM BLUMENAU

Succursaes em Joinville-Jaraguá-Harmonia — Agencia em Mafra

Banco de Depositos — Descontos e Emprestimos

Capital e Reservas..... Rs: 1.800:000\$000

Depositos e saldos em c/corrente .. Rs: 20.000:000\$000

Abona Juros ás taxas de 2%, 4%, 4½%, 5%, e 6%, ao anno, capitalizados semestralmente. Aceita cobranças sobre todas as principaes praças do País, mediante comissões modicas.



Desafiando chuvas e ventos

Marchemos sem receio
por montes e valles, ao
vento e à chuva, plena-
mente confiados no

PEITORAL DE ANGICO PELO TENSE
o remedio maravilhoso para os resfriados, tosses, bronquites e ronquidões
Encontra-se em todo o Brasil

SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 1008 - Rio de Janeiro

A DEFESA NACIONAL tendo em vista facilitar a aquisição de livros, não só militares como a de qualquer outros, vende nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu na sua biblioteca o serviço de ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade remetidos ao destinatário sendo a respectiva entrega mediante pagamento da importância à agência postal localidade.

O porte, registro e as despesas relativas do SERVIÇO DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO corresponde à conta da Biblioteca sendo incluídos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura. Para facilitar o serviço os pedidos devem ser feitos para esse fim destinada.

BIBLIOTECA

P E D I D O

À Biblioteca de A Defesa Nacional

Caixa Postal 1602 - Rio de Janeiro

Em / /

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO *que*
enviar-me os seguintes livros:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Wallig & Cia. Ltda.

Porto Alegre — Rio Grande do Sul

Fabricantes de fogões, camas de ferro e
pregos das afamadas marcas :



MARCAS
REGISTRADAS



ESPECIALISTAS DE INSTALAÇÕES DE CO-SINHA A COMBUSTIVEL ÓLEO, LENHA, CARVÃO, GÁS E VAPOR.

Fornecedores do Exercito e da Marinha.

AGENTES AUTORIZADOS JUNTO AOS MINISTÉRIOS DA GUERRA E DA MARINHA.

Companhia Instaladora Casa Berta Ltda.

Rio de Janeiro - Rua Uruguayana, 141

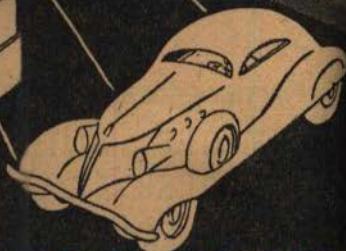
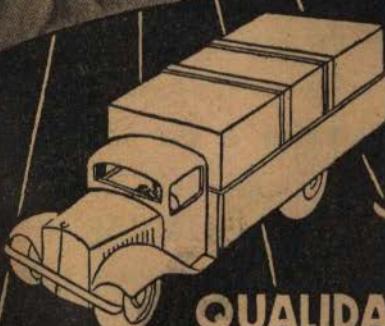
FILIAL EM SÃO PAULO :

RUA FLORENCIO DE ABREU, 10

é nosso, Brasileiros!

Ipiranga
S.A.

COMPANHIA BRASILEIRA DE PETROLEOS



QUALIDADE ECONOMIA
GASOLINA E QUEROSENE

OLEOS LUBRIFICANTES E COMBUSTIVEIS - ÁGUA-RA'S MINERAL
IPIRANGA S. A.
COMPANHIA BRASILEIRA DE PETROLEOS -- RIO GRANDE

Companhia de Tecelagem Italo-Brasileira

RIO GRANDE

Tecidos de algodão: Brins, Cassinetas etc.

Forneceremos as repartições technicas do Exercito qualquer informação que nos for ou seja solicitada.



Ender. Telegr.

Caixa Postal

ITABRAS

N. 23

A. Metalurgica "Otto Bennack"

A DE MAQUINAS - FUNDIÇÃO DE FERRO E METAL

JOINVILLE - Caixa, 43 - Telgr.: "FERRO" - S. Catarina

Maquinas modernas especialisadas para a Industria da Mandioca.

Instalações completas para fabricação de Feculas-Amidos,

Raspas, Farinha panificavel, comum e do tipo Surui

Araruta Feculas de milho e Batata, etc.

Representante: CARLOS BREITHAUPT

REPRESENTANTE GERAL

ALFREDO TIEDE

RUA ARAUJO P. ALEGRE, 70

ED. P. ALEGRE - Sala 1202

C. Postal, 3485 - End. Tel. "TIEDE"

TELEFONE 42-5929

Rio de Janeiro

MUELLER IRMÃOS LIMITADA

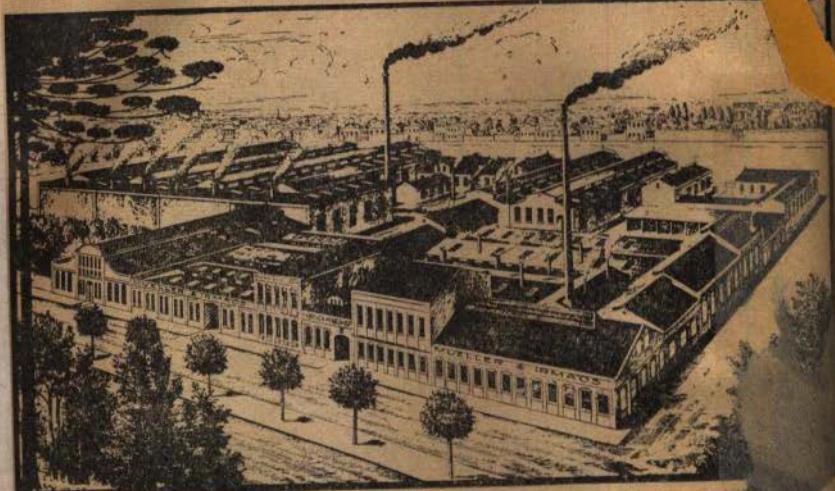
COMPANHIA INDUSTRIAL "MARUMBY"

Av. Dr. Candido de Abreu, 57-127

Caixa Postal "F"

Telegramas "INDUS AL"

CURITIBA — ESTADO DO PARANA'



FUNDIÇÃO de

Ferro, aço e metais

Sinos de bronze especial

FÁBRICA de

Máquinas em geral para indústria e lavoura

Caldeiras á vapor

Viaturas para o Exército

Fogões econômicos

Ferragens para fogões de moradias, quartéis e
hoteis

Bombas e torneiras para agua

Material para construções e instalações sanitárias

Pregos — "Pontas Paris"

Ferrros de engomar e outros artigos para
uso doméstico

Redação e Administração:
QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

BIBLIOTECA

VENDAS DE LIVROS — Na sede da Sociedade (Quartel General) — Diariamente, das 9 às 12 hs. e das 14 às 17 hs.

LIVROS EM CONSIGNAÇÃO — Os Srs. consignatários poderão receber os saldos dos meses anteriores, diariamente na sede da Revista durante o expediente da Biblioteca.

ENCOMENDA DE LIVROS — A Biblioteca de "A Defesa Nacional" se encarrega da aquisição de livros nacionais e estrangeiros que não existem em depósito em sua sede, mediante encomenda dos Srs. Oficiais.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Srs. Sócios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

a) — Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.

b) — Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência relativa à Gerência, deve ser remetida para a Caixa Postal 1.602, Rio. As colaborações deverão ser endereçadas ao Major Djalma Dias Ribeiro, Caixa Postal 1.602, Rio, ou Escola de Estado Maior — Andaraí.

P R E Ç O S

Oficiais e sub-tenentes	{	ano	30\$000
		semestre	15\$000
Sargentos	{	ano	25\$000
		semestre	14\$000

Os assinantes avulsos caso desejem que a revista siga registrada devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser sócios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

Colaboraram neste número:

Gen. Valentim Benicio da Silva
Gen. Castro Ayres
Gen. Newton Braga
Cel. Anapio Gomes
Ten. Cel. Mario Travassos
Ten. Cel. Octavio Paranhos
Major Lima Camara
Major Ferlich
Cap. Hoche Pulcherio
Cap. Malvino Reis
Cap. J. H. da Cunha Garcia
Cap. Pastor de Almeida
Cap. Paulo Enéas
Cap. Ary Lopes
1.º Ten. Umberto Peregrino
1.º Ten. Manoel Freret



“ODIA DA PÁTRIA”



ODOS os brasileiros preparam-se para festejar o “7 de Setembro”, dia de recordações históricas e justiça cívica, grande dia de esperanças, dia de nacionalismo são, dia da Pátria. Começam a comprehender-lo e amá-lo.

Os brasileiros também já sentem melhor a grandeza do seu passado, a felicidade relativa dos dias que correm e a vitória irrepreensível do seu futuro.

A raça principia a surgir contente de si mesma pela contemplação das transformações operadas e pelas condições de triunfo que já se vão esboçando.

A consciência nacional vai despertando com serenidade. Si a evolução realizada não chega a surpreender, é entretanto bastante para alegrar e confortar o espírito dos que não se deixam envenenar pelo scepticismo.

Dessa grande maioria optimista surgirão as vontades ardorosas e de visão forte para penetrar no íntimo da nacionalidade e estimular suas formidáveis energias.

Estas podem retemperar-se na consciência das realidades, festejando a maioria da PÁTRIA e a felicidade de ser brasileiro.

“A DEFESA NACIONAL”, um exemplo de perseverança e bem entendido patriotismo, glória das gerações militares que se bateram pelo progresso das instituições armadas do Brasil, não pôde ficar indiferente a campanha de propaganda que se está fazendo para a generalidade, convicção e brilhantismo das festas comemorativas do “DIA DA PÁTRIA”.

Ela precisa tomar posição de combate para que, “DIA DA PÁTRIA” não seja simplesmente consagrado ao descanso, nem passem as suas festas com o carácter fugaz de um incidente.